Diário de Lisboa

Agosto 1979
Sexta-feira

ANO 59.º
N.º 20 022
10$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ESPANHA: ETA anuncia suspender "terrorismo de Verão"

Pág. 10

Lisboa ultrapassada nas relações com Maputo?

Não houve qualquer mensagem de Lurdes Pintasilgo para o presidente Samora Machel. A informação, posta a circular no princípio desta semana, teve origem em declarações de Aquino de Bragança, jornalista e figura considerada próxima do presidente Moçambicano, que recentemente esteve em Portugal onde estabeleceu diversos contactos.

Ontem, enquanto em Lisboa o Gabinete da Presidência do Conselho emitia uma nota em que considerava «destituídas de fundamento» as referidas notícias, em Maputo, numa entrevista ao correspondente da ANOP, esclarecia que se julgara autorizado a falar em termos de mensagem depois do encontro «muito cordial» que tivera com o Primeiro-Ministro português. Para Aquino a utilização da palavra «mensagem» significara, a súmula da reunião que tivera na capital portuguesa.

Na citada nota da Presidência do Conselho acrescenta-se que «conforme o Primeiro-Ministro já esclareceu em conferência de Imprensa a todos os órgãos de Informação, é intenção do V Governo contribuir para a melhoria das relações entre os dois Estados soberanos. Dado porém que o Programa do Governo deverá ser submetido à aprovação da Assembleia da República, não foram ainda tomadas quaisquer iniciativas neste domínio».

Aquino de Bragança, durante a sua estada de alguns dias em Lisboa, terá almoçado com Lurdes Pintasilgo (esse o encontro «muito cordial» a que se refere) além de ter tido, tanto quantg sabemos, um encontro com v general Ramalho Eanes.

Estes encontros terão sido proporcionados por personalidades normalmente consideradas como próximas de Belém e interessadas, extra-oficialmente, em questões africanas, designadamente alguns jornalistas portugueses.

Já em 1977, durante uma

Continua na pág. 20

MÉDICOS DO NORTE SERÃO DETERMINANTES

A Ordem já ameaça com greve ilimitada

• Sindicato lamenta fuga dos doentes às consultas externas dos hospitais

Aspecto de uma consulta externa, registado esta manhã no Hospital de Santa Maria: tudo normal, com os doentes a serem atendidos regularmente, sem atropelos, numa imagem que se tem repetido, desde ontem, na maioria dos hospitais da zona Sul, apesar da ausência, pouco significativa, dos médicos «leais» à Ordem

Entre ameaças de decretar uma paralisação indeterminada no Norte do País, a partir da próxima quinta-feira, caso Eanes não promulgue o seu Estatuto, a Ordem dos Médicos prossegue a sua acção «grevista» no Sul, ontem iniciada e marcada até à meia-noite de sábado, divulgando números (80 por cento de adesões) contestados pela organização sindical do sector, já que, segundo o presidente do Sindicato dos Médicos da Região Sul, dr. José Manuel Machado Sá Marques, «os serviços de Saúde não paralisaram de facto até agora, apenas tendo havido uma diminuição do número de doentes às consultas externas dos hospitais, porque as pessoas ou foram mal informadas ou induzidas a pensar que os serviços se encontravam totalmente encerrados, sobretudo através de notícias divulgadas durante quase todo o dia de ontem pelos bolocos informativos da RDP». Para Sá Marques, «a Ordem, ao ter decretado intencionalmente esta paralisação para um período de férias (com a consequente desmobilização da classe) mais não pretende do que apresentar falsos índices de adesão».

Por outro lado, num comunicado hoje divulgado, o Sindicato dos Médicos da Região Sul afirma ter solicitado audiências ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e ministro dos Assuntos Sociais, no sentido de esclarecer a sua posição face à «greve» abusivamente convocada pela Ordem, bem como sobre as principais reivindicações da classe, as quais, na sua perspectiva, se consubstanciam nos seguintes pontos: «saída imediata de legislação do MAS que satisfaça as justas reivindicações salariais dos médicos, legislação essa que em parte já estaria em vigor desde o início do ano não fora a intromissão da Ordem em questões que não lhe dizem respeito, estruturação das carrei-

Continua na pág. 20

ESTA MANHÃ NO SUPREMO
Militares do 24 de Abril transformaram MIRN em "partido"
Pág. 28

HOJE HÁ

ESTA NOITE EM ESPINHO
"Volta" arranca à luz de projectores

(Págs. 16 e 17)

Firmino: o mais-mais entre os favoritos

FAGOR
FRIGORÍFICOS · MÁQUINAS DE LAVAR
VIVA MELHOR COM FAGOR

Enviado especial Neves de Sousa viaja com

Rent a Car

LISBOA, VERBO AMAR

Outra do Carlinhos

Estás aí tão calado, ò Carlinhos – exclamou o Fortuna naquela voz ao mesmo tempo tão rouca e tão clara.

Carlinhos encolheu os ombros:

– Vocês é que sabem tudo, nessa história de coragens e cobardias. Eu cá não percebo nada disso.

– Ó, pá! – soltou o Fonseca – não me digas que um tipo que fez uma fita dos demónios só porque se queimou com a ponta do cigarro, não é um mariquinhas.

(Referia-se à história de um colega dele na Repartição).

– Já te disse – respondeu o Carlinhos naquela voz de requebro e de guitarra – vocês têm as leis, as etiquetas, as conclusões. Eu posso não estar de acordo, mas como parece que até sou suspeito na matéria...

O Fonseca amansou diante da fragilidade.

– Não é nada disso. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Tu até já tens dado provas de coragem.

– Ó Carlinhos – era o Morgado – lembras-te daquela vez, em sessenta e um, quando te meteste entre mim e o gajo da Polícia Especial e apanhaste a cassetetada?

– Por acaso não me lembrava – respondeu o Carlinhos – mas o que eu lhes digo é que se um de vocês quiser tocar-me com o lume do cigarro dou cá um grito...

Riram.

– Conheço um tipo, por acaso é meu vizinho. Um tipo bisonho, casmurro, mais fechado que um amendoim. Com uma particularidade: andava sempre de camisa e casaco. Certa ocasião houve incêncio numa barraca. Muitos mirones mas entrar na barraca, está quieto ó mau. Nisto o meu vizinho despe o casado, enfia um balde de água pela cabeça abaixo e lá vai disto. Salvou dois miudos.

– Mas o que é que isso vem a propósito? – perguntou o Fonseca, acintoso.

Carlinhos imperturbável:

– O meu vizinho fez a Armada em Vila Franca e a malta resolveu tatuar-se. Ele escolheu uma sereia. Mas não aguentou a dor, deu um piparote naquilo tudo. Ficou menina, mariquinhas, maricotas para o resto da vida. Marcado. Tatuado na alma, nos nervos, na inteligência. Maricas, cobarde, por aí adiante. Levou dez anos a curar-se. Despiu o casaco, lá anda de camisa curta e com a sereia no braço. A sereia, não. Só a cabeça da sereia, Quer dizer: ele teve de se convencer a si próprio de que não era cobarde.

– A gente percebeu, pá, a gente percebeu, não somos nenhuma cambada de estúpidos – desembestou o Fortuna.

– Bom – e o Carlinhos sorveu delicadamente o café – Não perceber uma coisa também não quer dizer que se é estúpido. Certa ocasião...

A história perdeu-se porque entretanto se generalizara uma discussão sobre o hóquei em patins. Compadecido, Carlinhos saboreou o resto da chávena.

MÁRIO CASTRIM

"METRO": RECORDE À VISTA

Cem milhões de passageiros até Dezembro que vem

O «Metro» deverá ser utilizado este ano por cerca de 100 milhões de passageiros, isto é, mais 1,5 milhões do que no ano findo.

Considerado o meio de transporte mais rápido da capital (e agora também o mais utilizado), e, embora não sirva pontos nevrálgicos de Lisboa, o «Metro» deverá, assim, atingir este ano o recorde anual de transporte de passageiros.

O mais moderno transporte público da capital transportou até ao fim do ano de 78 cerca de 960 milhões de passageiros. Nos primeiros seis meses deste ano terá batido o recorde do ano findo para igual período. Daí as previsões que apontam para os números acima referidos.

Festival de Folclore

Decorre amanhã à noite (21 horas), em Almargem do Bispo, o II Festival de Folclore daquela freguesia, sob o patrocínio da respectiva Junta.

Com a colaboração da Câmara Municipal de Sintra e o apoio da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, o Festival compreende a apresentação de doze ranchos, sendo seis adultos e seis infantis.

A receita do Festival reverte para a construção do parque desportivo de Camarões.

AIC em Alcabideche

No âmbito das comemorações do Ano Internacional da Criança, efectua-se no Seminário de Manique, freguesia de Alcabideche, no próximo domingo, uma festa infantil durante todo o dia.

O programa, com início às 10 e 30, compreende actividades desportivas, leitura através das bibliotecas itinerantes da Câmara Municipal de Cascais e da Fundação Gulbenkian, pintura ao ar livre, demonstrações pelos bombeiros da localidade, almoço tipo piquenique, ranchos folclóricos, palhaços, mímica, teatro, etc.

Antecedendo o programa, celebra-se missa, às 9 e 30, no Seminário.

PACOTE DE INFORMAÇÃO – (CONCLUSÃO)

Dos conceitos à realidade – Um debate por fazer

Nos dois artigos publicados sobre o «Pacote da Informação» não se passou de uma aproximação factual das novas leis sobre Comunicação. Os seus princípios, as suas virtudes. Deixou-se ficar nas entrelinhas um certo tom crítico. Como nada é perfeito, convém sabermos o que é menos bom para se evitarem erros futuros. Apontaremos algumas observações ao «pacote» sem que se lhe retire o mérito que é inestimável. Se nalguns casos o processo político e a relação de forças foram determinantes no que se avançou ou não avançou, noutros casos pode falar-se de relativa imperfeição formal.

A importância hoje atribuída à Comunicação, verdadeiro sector «quaternário» da economia e que até ao fim do século, segundo a OCDE, ocupará 65% da população, decorre da influência que nas sociedades modernas adquire. Nada se faz no interior de um Estado, sem comunicação. Quem detiver os mecanismos da Comunicação detém o Estado. Antes de chegarmos a este «admirável mundo novo» importa pois solidificar o comportamento dos meios de comunicação.

A Comunicação é hoje uma das actividades humanas que mais influência recebe do desenvolvimento da democracia, mas que simultaneamente mais a influencia. Esta ambivalência de situações, este processo dialético, gera não apenas o avanço das ideias e dos conceitos como é vital para o próprio estatuto da Comunicação, novo poder que não pode fugir ao controlo do cidadão.

Daqui a preocupação que nos deve merecer o «pacote» que é o objecto destas linhas.

Quando dissemos que a Comunicação recebe do desenvolvimento da democracia a medida do seu próprio desenvolvimento, poderemos dar, desde já um exemplo: em 1976 quando no decorrer do mandato do VI Governo Provisório legisladores socialistas conceberam o primeiro projecto de lei da Rádio, ou melhor o anteprojecto de lei, escrevia-se que é fim principal da radiodifusão «promover o progresso social ... com vista à edificação de uma sociedade livre, democrática e pluralista, **em transição para o socialismo,** de acordo com a Constituição da República...». Passados 3 anos, as tais relações de força, o tal processo político suprimiu a expresão que sublinhamos. De resto, toda a alínea b) do actual art.º 3.º da Lei da Rádio permaneceu intocável... Curiosamente, aquele que é hoje ministro da Comunicação Social ao estudar o anteprojecto, e apesar de ter feito várias anotações ao longo do texto de 50 e tal artigos, não comentou a alínea citada. Esta verificação pura, apenas demonstra a tal **ambivalência** que referimos, a tal dialéctica Comunicação-Democracia.

Outro pormenor relativo ao peso decorrente do desenvolvimento do processo político diz respeito à desigualdade de conceitos relativos ao facto de se considerar o exercício e a exploração de emissoras de Televisão como exclusivo do Estado, permitindo-se, a coexistência de uma Rádio pública com estações privadas. Nada o justifica no plano teórico, tudo a realidade explica. Este é, aliás, o grande ponto de fractura entre o PS e o PCP por um lado e o PSD e o CDS por outro. Para estes últimos, adeptos do modelo americano, é limitador da liberdade de expressão a exclusividade da Televisão pelo Estado, como insuficientes são as estações de rádio privadas. E, contudo, sabe-se, vem nos livros, que Televisão e Rádio são um poder apenas acessível aos grandes grupos financeiros, ao poder económico que não garante, tradicionalmente, um comportamento isento face ao modelo de Estado, para além de não ser o reflexo dos anseios e aspirações das chamadas classes trabalhadoras. Dirão que este último raciocínio é rudimentar. De acordo. O tema dá para um compêndio e, aceita-se a sua componente polémica. Mas, descansem os adeptos do modelo americano de comunicação que a nossa legislação saída do «pacote» é híbrida, e representa um compromisso, apesar da nossa discordância.

POLÍTICA E COMUNICAÇÃO

Outro dos aspectos que importa verificar no actual «pacote» diz respeito aos conceitos. Naturalmente que se fala em apartidarismo, em objectividade, em isenção, em equilíbrio e pluralismo. Mas, esses conceitos subjectivos não são apenas o fruto do bom-senso, ou do maior divisor comum da subjectividade colectiva. Repare-se: a RDP dos tempos do actual ministro da Comunicação e de Igrejas Caeiro era considerada pelos partidos conservadores como «comunista» («O Dia» 31.07.79, «Jornal Novo» entrevista com Meneres Pimentel em Fev. 79), e pelos partidos de base operária e ideologia socialista como satisfatória. Durante o IV Governo, a RDP passou a ser elogiada pelos primeiros e condenada pelos últimos. Por outras palavras, o pluralismo não é um conceito transparente. A luta política tem a Comunicação como campo de batalha, apesar de o negarem. E aqui entram em campo os jornalistas e equiparados. O problema do pluralismo reside no leque de colaboradores do corpo redactorial. Em termos práticos, é essa a conclusão que mais frequentemente se ouve da boca dos responsáveis pelos institutos de Rádio e Televisão europeus. O problema reside na **partidarização** da comunicação diz, Dieter Latmann, politólogo da esquerda do SPD. Na Itália, a RAI resolveu o problema, permitindo tacitamente uma divisão dos canais da rádio por socialistas, democratas-cristãos e assim-assim. Na Bélgica, as admissões dos redactores da RTB - Bruxelles faz-se tendo em conta a filiação partidária como elemento de apreciação da candidatura. O equilíbrio da redacção «oblige». É frequente, para dar outro exemplo, na RFA, onde o equilíbrio entre SPD e CDU é flagrante, que a hierarquia seja distribuída alternadamente a sociais-democratas e cristãos democratas. Se o «Intendant» é SPD, então o «Chef-Redakteur» é CDU... Estes problemas a lei não os resolve, nem pode resolvê-los. Será apenas a maturidade da democracia e a possibilidade de formação dos jornalistas que determinará o aperfeiçoamento deontológico.

TERMOS POUCO CUIDADOS

Para regressarmos ao «pacote», apesar de só aparentemente dele nos termos desviado, peguemos no Estatuto do Jornalista. Apesar de estarmos em presença de um documento moderno e inovador, verifica-se uma fraca definição conceptual como uma limitação semântica dos significados. E jornalista, por exemplo, quem produza regularmente **documentários cinematográficos** de carácter **indormativo**. O que é um documentário, o que é informativo? E se for um video-tape e não cinematográfico (relativo à técnica do Cinema?). O termo documentário, não definido, pressupõe documentar alguém sobre qualquer coisa. Isso já por si é informar. Mas, no audiovisual tudo é informação. Mas, Informação, será na terminologia francesa o que para as línguas germânicas significa Press, já que Informação se liga a dados classificados relacionados com a actividade da contra-espionagem. Daí que se tenha desde há alguns anos adoptado a expressão Comunicação. O atributo de Social é uma particularidade pleonástica introduzida em Portugal pelos teóricos católicos. Questões desta natureza podem gerar conflitos interpretativos da legislação, para além de prejudicarem, pelo menos formalmente, o Estatuto do Jornalista. Dirão que é coisa pouca. Responde-se que a lei é para durar e suportar o impacto do desenvolvimento de novas técnicas e especificidades profissionais ainda por inventar. Por exemplo, no tocante à Televisão, a lei ao definir o que é Televisão fá-lo de uma forma feliz para a RTP, pois desde já salvaguarda para o seu foro a eventualidade exploração do «Bildschirmtext», ou como os ingleses patentearam, o «Teletext». A lei não pode ser apreciada pela resposta dada aos problemas presentes, mas tem de resistir ao desgaste que o tempo e o progresso provocam.

Desta forma, a principal crítica que se faz aos textos do «Pacote da Informação» que se deveria chamar «Pacote da Comunicação» é de natureza formal. Poder-se-ia ter ido mais longe neste aspecto, sabendo-se da influência da forma no conteúdo. Não se trata assim de uma questão de princípios, embora se admita o seu prejuízo por falta de clareza formal. Esta questão é claramente apontada pela Comissão Mc Bride ao dizer que «a comunicação causa problemas em primeiro lugar porque está atrasada nos seus princípios, nos seus parâmetros e no seu desenvolvimento, em relação às mudanças que se produzem e às aspirações que se manifestam na vida política e socioeconómica de numerosos países como à escala internacional».

Apesar das reservas meramente académicas que ao longo deste texto expressamos face ao «Pacote da Informação», e diga-se que muitos destes problemas foram abordados durante as consultas realizadas pelos partidos aos jornalistas profissionais, o sentido da legislação é progressista, necessária e suficiente para proporcionar aos portugueses um lugar respeitável, quando não de vanguarda no conjunto das legislações mais avançadas no sector. Que a prática corresponda também aos padrões de um número cada vez mais apreciável de países. Uma coisa é certa, a política de terra queimada e de domínio praticada pelo IV Governo, não será mais possível. Assim tenham os jornalistas a idoneidade suficiente para respeitarem e exigirem o respeito pela lei, assim queiram as forças políticas e sociais permitir um clima de tranquilidade e tolerância. Os votos contrários do PSD e do CDS são preocupantes, como extremamente positivas as posições do PS e do PCP.

JMN

CONCURSO DL — NÃO DEIXE PARA O FIM

Envie hoje mesmo a sua colecção

Terminada que foi a repetição dos cupões da 1.ª série, feita com o objectivo de habilitar ao sorteio os nossos leitores, a quem faltava algum cupão, basta agora enviar as colecções de cupões e o boletim de identificação para o «Diário de Lisboa». Leia, por favor, as indicações seguintes e envie hoje mesmo a sua colecção!

- **PARA SE HABILITAR AO SORTEIO** o leitor deverá juntar 30 cupões numerados de 1 a 30 (de qualquer das 2 séries) recortados pelo tracejado e tendo anexo um boletim de identificação;
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver) bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, para o que terá de juntar um selo de correio de 5$00. Se não o fizer, o leitor não deixa por isso de se habilitar ao sorteio: acontece apenas que não terá em seu poder a informação do número que lhe coube para o sorteio;
- **QUANTO AO ENVIO** o leitor pode enviar quantas colecções quiser, mas sempre só uma em cada envelope, e cada uma acompanhada de um boletim de identificação devidamente preenchido e de um selo de 5$00 no caso de desejar a devolução do talão recibo.
- **O PRAZO DE ENVIO** termina em 14 de Agosto de 1979 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO 44
1200 LISBOA

- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;
- **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 14 e 31 de Agosto de 1979, sendo esta última a data prevista para o sorteio

*

O concorrente deverá indicar o nome completo tal como figura no seu bilhete de identidade

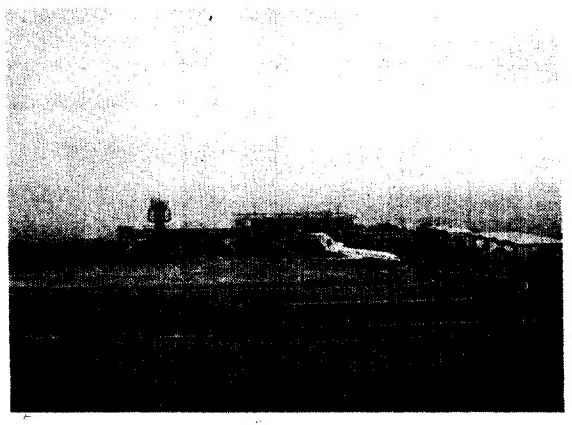
*

Não se esqueça de indicar o nome e endereço do vendedor ou do estabelecimento onde adquiriu o «Diário de Lisboa»

ponto a ponto

O caso do julgamento dos presumíveis assassinos de Humberto Delgado é hoje focado no jornal «Notícias» de Maputo, a duas colunas. Segundo este órgão da informação moçambicana, o julgamento arrasta-se «e a verdade esconde-se por trás de intrincados processos legais.» Um facto, é porém, considerado incontrovero pelo autor do apontamento: «o julgamento do general é também um julgamento da sociedade e do regime que o vitimaram. É, em última instância, o julgamento dessa tenebrosa instituição repressiva – a PIDE/DGS.»

Carlos Rafael Rodriguez, vice-presidente do Conselho de Estado e de Ministros e membro do «bureau» político do Partido Comunista de Cuba, recebeu em Havana o major Vasco Lourenço.



Um empréstimo de 15 milhões de dólares do Banco Europeu de Investimento do Mercado Comum será usado para melhorar a segurança no aeroporto do Funchal – anunciou ontem o Banco. O empréstimo será despendido na construção de áreas de segurança nas pontas das pistas, na instalação de instrumentos de auxílio à nevegação e na melhoria da iluminação do aeroporto. Um comunicado do Banco informa que o empréstimo é concedido por 15 anos ao juro de 6,6%

O secretário-geral do PS, Mário Soares, adiou a sua visita à República Popular da China, marcada para o próximo dia 13. Soares solicitou o adiamento da visita para o final de Novemvro, em virtude dos trabalhos preparatórios relativos à campanha eleitoral.

O Presidente da República recebu ontem, em audiência, no Palácio de Belém, o presidente do CDS. A audiência realizou-se a pedido do prof. Freitas do Amaral. Foram igualmente recebidos, em Belém, o conselheiro Vítor Ferreira e Vasco da Gama Fernandes, este também a seu pedido.

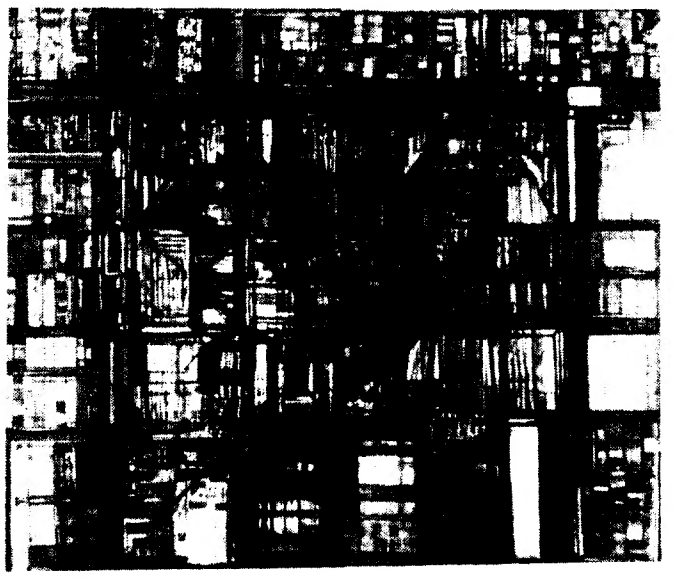
FOLHETIM ARTISTICO JOSE-AUGUSTO FRANCA

VINTE ANOS DE "ESCOLAS DE PARIS"

Uma quinzena cultural parisiense, com música, teatro e cinema, terminou com uma exposição do que já em linguagem consagrada pela história é a «Escola de Paris» – ou a «segunda Escola de Paris», do após-guerra de 45, dez anos depois definida em maioridade de realizações e por mais vinte anos vigente, entre outras coisas que em Paris também aconteceram, pictoricamente ou pelo contrário.

«Escola» de qualidade que ao longo dos anos 50, no exacto meio do século, foi, sem discussão, a «escola» de pintura do Ocidente, antes que outros núcleos culturais, da América, de Londres, um tanto de Itália e de Espanha, menos duma Alemanha em difícil recuperação, pudessem entrar num diálogo de várias vozes comuns que fazem ou desfazem a Europa do nosso presente e (quem o sabe?) do nosso futuro possível.

A polémica dos anos 60, com liderança disputada pela América, tinha uma cor absurda, pois se discutia o absurdo. Lembro-me de então o ter escrito, em Paris mesmo, e com algum sucesso, não direi de estima... A América de grandes pintores que Paris não reconhecia (um Pollock, um Rothko, um Motherwell) ou que em Veneza indiscretamente se impunham, numa invasão «pop», procurava assumir uma posição de guia ocidental quando tal já não podia fazer sentido que não fosse, afinal, provinciano – por mais ilustres que se olhassem as províncias em causa. Outras artes também no Paris do «nouveau réalisme» e em termos de «nouvelle figuration» (que só operatória poderia ser – lembro-me também de o ter escrito, apresentando a selecção francesa na primeira exposição internacional do caso) iam investindo a vida artística, opondo ideia a ideia, numa velocidade retórica que iludia outra dimensão maior das artes visuais – a saber, a «inteligência». E a inteligência era como a pintura francesa dessa «Escola de Paris» que assim se assumira cerca de 1950. E porque ideias há muitas e sempre as há, na excitação da criação, inteligência delas há pouca, porque é função de tempo – incerto sempre, lento, contraditório na sua vida orgânica e necessária (também já o tenho escrito)... – De repente, em 60, a arte ou os artistas por ela, reduziram o tempo ao tempo das suas próprias experiências individuais e imediatas e nisso se satisfizeram – sem tempo para pensarem, ou, melhor dizendo, para se pensarem.



Pintura de Vieira da Silva

E nisso perderam sentido as suas buscas. O «não procuro, encontro» de Picasso enganou muita gente, como de resto Picasso sabia, ele para quem as súbitas revelações eram esforços milenários, desde «Les Demoiselles d'Avignon» até à «Guernica» ou às leituras das «Meninas». Tudo o que é «encontro» tem uma estrutura modal (por assim logicamente dizer) e uma história que pelas intermitências não perde.

Os treze pintores de Paris presentes na Fundação Gulbenkian vêm de França, da Alemanha, da Jugoslávia, da Hungria, da Bélgica, da China ou de Portugal, e da cada nação trazem agarrada à paleta e à alma,

Continua na pág. 4

OS TRÊS ALIADOS, SÃO QUATRO

A «Aliança democrática para uma nova maioria» apresenta-se, também, como uma aliança de conservadores e de monárquicos para escolher e fazer eleger um novo Presidente. E, como é já uma velha tradição nacional, estes «nacionalistas» regressam de Espanha em sua determinação reforçados.

Anunciam já que a esta viagem política outras a países estrangeiros se seguirão, e como o «monarquismo» europeu é um resto institucional, uma decoração, uma saudade, e como a Internacional Socialista a Francisco Sá Carneiro e aos seus amigos permanece reticente, caberá a Freitas do Amaral e ao CDS, no jogo de bolsa das ajudas internacionais, um papel preponderante.

Daí que a questão das listas comuns afastada limiarmente pelo articulado do pacto da «Aliança democrática», regionalizada nas discussões posteriores, volte a estar na ordem dos dias e das noites de debate e de reflexão com o método de Hondt a dar-lhe relevância e a perspectiva dos 43 por cento a adoçar rivalidades locais e partidárias.

Boas contas vai deitando a «Aliança democrática» ao desgaste do PS, à incapacidade organizacional da ASDI, à lentidão e confusão das diligências relativas ao «partido novo». Golpe certeiro nesse projecto de «reformadores presidencialistas» e de «presidencialistas reformadores», terá sido o oportuno aproveitamento do desencanto de José Manuel Casqueiro, em face de um Governo que, sendo da confiança do Presidente e para se integrar, circunstancialmente, num programa de acção cujo termo não está à vista, não pode ser classificado de «restauracionista» e de «reaccionário».

O relativamente bem defendido segredo de Belém, veio causar perplexidades. E por vício de julgamento primário, dilemático, um Governo que PS e PCP não atacam frontalmente é, para a «Aliança Democrática» e para a «direita», um Governo suspeito, um Governo a desprestigiar, a combater, a demolir. Com o Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo, e para além dos 100 dias do primeiro fôlego da vida que lhe é oferecida, é o Presidente da República o alvo preferencial dos conservadores e dos monárquicos ora coligados. Mas já sabemos, não é já segredo, está anunciado, está escrito, que a «direita», que se pretende pura e dura, reconsiderando estratégia e ganhando mobilidade táctica, se prepara para penetrar na «Aliança democrática para uma nova maioria» via CDS.

Não está esclarecido, por enquanto, se essa «direita», que se pretende pura e dura, se dispõe a abandonar a candidatura Franco Nogueira, abandonando o ex-ministro de Salazar e alinhando com um candidato à Presidência da República que possa reunir os votos da coligação de conservadores e monárquicos; mas parece seguro que até 1980 desistem do «golpe-de-Estado» e que não adoptarão a indiferença expectante, de testemunhas na passividade do erro passam a uma activa condenação do sistema, vão intervir, penetrar, integrarem-se. A porta de entrada na «Aliança» chama-se CDS. Já no CDS, como também não é segredo porque foi dito e está escrito, tem a «direita», que se pretende pura e dura, os seus homens. Vários Lucas Pires.

A situação criada pela hostilidade da «direita», ao Governo Maria de Lurdes Pintasilgo e ao Presidente, não pode surpreender-nos, nem deverá constituir elemento decisivo, determinante, para a apreciação da política deste V Governo Constitucional e do Presidente que lhe deu vida sem ter dado morte política ao precedente mau Governo. Não será de «esquerda», necessáriamente, o que é atacado ou criticado pela «direita». Mas, talvez, possamos partir do princípio de que **não é da direita,** ou não está na conjuntura a servir a «direita», o que a «Aliança» ataca, o que a «direita» denuncia e combate.

A perspectiva de uma «nova maioria» que sorri ao «centrismo» de uma certa burguesia e já tem eco largo em certa Imprensa, vai perturbar a vida nacional, dando à disputa de «eleições intercalares», um carácter de consulta plebiscitária. Mas, como é óbvio, a penetração da «direita», ou de uma parte da «direita», no esquema organizacional, ou só político-eleitoral, da «Aliança democrática para uma nova maioria», vem dar à consulta plebiscitária uma definição precisa: vai votar-se pela Democracia ou contra a Democracia, pela Constituição ou contra a Constituição, por Abril ou contra Abril.

A adesão à «Aliança», a anunciada penetração no «bloco conservador-monárquico», da «direita» que se pretende pura e dura e à qual há que reconhecer o mérito de não usar máscara democrática, acentuará o carácter plebiscitário e revanchista de uma consulta eleitoral que deveria decorrer com serenidade, presidida por um Governo não dependente, isento, e de modo a pelo voto se confirmar ou corrigir a autêntica representação da vontade popular soberana.

O despudorado à-vontade, nesta liberdade em Abril conquistada, com o qual os «restauracionistas» se comportam, se organizam e avançam, não deverá ser de molde a perturbar a realização das «eleições intercalares» e a própria acção do Governo quando este tiver que reparar, na ordem política e na ordem administrativa, as desmandos do Governo Mota Pinto.

Difícil é a tarefa do V Governo Constitucional. Árdua vai ser a batalha política. A «Aliança» procura apoios internacionais. A «direita» procura utilizar a «Aliança». À vista temos o desaparecimento de algumas ilusões de **social-democracia** e de muita retórica **centrista.** A coligação dos democratas populares, dos centristas, dos monárquicos e dos salazaristas, apresenta-se como um vasto bloco conservador contra a maioria democrática e constitucional, contra o Governo Maria de Lurdes Pintasilgo, contra o actual Presidente da República, contra o Conselho da Revolução, contra Abril.

Nestas «eleições intercalares» a posição clara da «direita», seja qual for o alinhamento do MIRN e outros activismos reaccionários, define um quadro político antidemocrático e anticonstitucional que exige uma resposta política.

Essa resposta política não pode ser: nem a criação de um «novo partido», nem a divisão das forças democráticas e constitucionais.

Essa resposta política não poderá ser dada se o Partido Socialista fizer «uma campanha eleitoral à direita», nem se quisermos resolver já em 1979 os problemas que se vão colocar em 1980.

Açores: congressista dos EUA acede a convite feito pela FLA

GR alega que se trata de visita com "carácter particular"

PONTA DELGADA, 3 – A visita à Região Autónoma dos Açores, a convite da meia dúzia de indivíduos que animam a autoproclamada FLA (Frente de Libertação dos Açores, uma organização separatista com pouca audiência) do congressista norte-americano Edward Beard, não constou da agenda do plenário do Governo Regional, que ontem reuniu. O secretário Regional do Trabalho e porta-voz do Executivo açoriano, António Lagarto (segundo a ANOP), declarou que o Governo do arquipélago «não tem que se pronunciar sobre uma visita de carácter particular» de uma entidade estrangeira, uma vez o assunto «não diz respeito às autoridades locais».

A anunciada visita aos Açores daquele congressista norte-americano, a convite da FLA (não está posta de parte a hipótese de se encontrar com pessoas responsabilizadas a nível governamental, depois da recepção que os «flamistas» lhe dedicarão), tem prendido as atenções do Governo português, através do ministro da República. Enquanto não obtiver confirmação de que o programa divulgado pelo movimento separatista corresponde às intenções daquele político, o Ministro da República não tomará posição.

Porém, e se o programa da visita, previamente anunciada (para criar a confusão e desencadear uma onda de mal estar?), se concretizar tal como foi divulgado, «então teríamos de admitir que se tratava de uma acção que contrariava a prática de relações entre Estados», disse um porta-voz do gabinete do Ministro da República, que acrescentou o facto dessa prática ser «contrária à ingerência nos assuntos internos de cada país».

Entretanto, o plenário do Governo Regional, ontem e hoje reunido, aprovou uma orientação no sentido das estações de rádio particulares do arquipélago passarem a ser apoiadas pelo Executivo regional, não especificando o âmbito dessa medida. Aprovou também, sob a presidência de Mota Amaral, um decreto regulamentar regional sobre os símbolos heráldicos do arquipélago, no que respeita ao respectivo brasão de armas e selo.

Açores: GR subsidia empresa de electricidade

PONTA DELGADA, 3 – O Governo Regional dos Açores concedeu cerca de sete mil contos à Empresa Insular de Electricidade (EIE), com vista ao melhoramento dos seus equipamentos.

Destina-se o referido subsídio, fundamentalmente, à aquisição de dois transformadores de 630 kva para a estação desta cidade e à construção de postos de seccionamento da Lagoa e Ribeirinha, e de 10 quilómetros de linha aérea entre a primeira daquelas localidades e Ribeira Grande.

EMIGRAÇÃO EM DEBATE

APU e PS promovem encontros

A APU (Aliança Povo Unido) promove este fim-de-semana um convívio em Freixo de Numão, no concelho de Vila Nova de Foz Côa, destinado a emigrantes. Os problemas que mais afectam a classe nos seus países de trabalho serão debatidos no decurso do encontro que, além deste aspecto, inclui actividades recreativas. Estão também programadas provas desportivas e variedades.

Idênticos problemas serão discutidos na Praia-Grande (Sintra), amanhã, num encontro promovido por emigrantes socialistas, nele participando os dirigentes do PS António Reis, João Lima e João Gomes.

Ainda relacionado com emigrantes (e turistas também), e mesmo naturais da região, refira-se que o posto fronteiriço de Chaves, que na época estival serve diariamente cerca de 40 mil pessoas, não está apetrechado com instalações sanitárias de nenhuma espécie. A situação, que se arrasta há já vários anos, foi objecto de mais um protesto do Governador Civil de Vila Real junto dos departamentos governamentais.

PODER LOCAL

Panorama parcial da velha vila de Ourique, onde a democracia exige se efectuem eleições intercalares para a Junta de Freguesia de Santa Luzia

Ourique: impõe-se eleições para JF de Santa Luzia

Em 19 de Junho do ano corrente, o presidente da Junta de Freguesia de Santa Luzia, Ourique, demitiu-se oficialmente do cargo, acompanhado por todos os membros PS que compunham a AF daquela localidade.

Decorrido pouco mais de um mês, no entanto, o presidente da Junta de Freguesia comunicou em ofício ao Partido Comunista Português, ao Partido Socialista e ao presidente da Câmara Municipal de Ourique que ele e os membros da AF retiravam o seu pedido de renúncia ao mandato por terem «chegado a um acordo com o senhor presidente da Câmara Municipal de Ourique».

Que acordo...?

Não se sabe.

Lembra a APU que uma vez pedida a demissão e oficializada como foi feito junto do presidente do Município e comunicada aos Partidos, não pode tal facto ser anulado. E isso porque «a Lei das Atribuições e Competências (Lei 79/77) não faculta a ninguém tal tipo de procedimento».

Face ao procedimento dos presidentes do Município e da Junta, lesiva, como é óbvio, dos interesses populares, impõe-se que a Lei seja cumprida com a marcação de novas eleições para a Junta e Assembleia de Freguesia de Santa Luzia.

Acesso à praia da Torre exige passagem subterrânea

Uma passagem subterrânea de acesso à praia da Torre é aspiração de há muito dos habitantes da localidade de S. Julião da Barra, em Oeiras. E não só: quem por ali passa, ou transita de automóvel, também já constatou que uma passagem subeterrânea facilitaria em muito o escoamento de pessoas e veículos, evitando-se atrasos e acidentes de viação. Dos até à data ali registados, aluns foram mortais.

Em 1976, a então Associação de Moradores (agora Comissão de Moradores) de S. Julião da Barra solicitou à Junta Autónoma de Estradas a construção da tão necessária passagem subterrânea. Em vão, no entanto.

Breve perfil da localidade: um bairro do Fundo de Fomento da Habitação e um outro da Caixa Nacional de Pensões. Quem o habita? Casais com em média três filhos cada um. Significa isto que muitas são as crianças que diariamente (nomeadamente agora que é tempo de praia e de férias) se arriscam a ser atropeladas ou, então, a servirem de estorvo ao trânsito.

«Ainda a semana passada (afirmam moradores) foram atropelados dois miúdos e uma senhora de idade...»

Em resumo: impõe-se a construção da passagem subterrânea de acesso à praia da Torre. Se obstáculos há, terão de ser removidos a bem da população local e de quem por lá passa.

Habitações FFH erguem-se na Covilhã

Por acordo firmado entre a Câmara Municipal da Covilhã e o Fundo de Fomento de Habitação vão ser construídas nesta cidade mais 48 habitações sociais, do tipo prefabricado.

A empreitada tem início em 1 de Outubro.

Entretanto, as 44 moradias construídas pelo FFH no Bairro dos Penedos Altos deverão ser entregues em breve aos sues proprietários.

"Festa do Emigrante" em Freixo de Numão

Em Freixo de Numão. Vila Nova de Foz Coa, efectua-se amanhã e depois a «Festa do Emigrante», numa organização da Aliança Povo Unido.

Eis o programa:

No sábado, grande baile popular com o agrupamento musical «A outra face», de Pinhel; e no domingo, manhã desportiva com provas de atletismo, ginástica, etc., e uma tarde de variedades com o cantor António Clara, de Viseu, o fadista João José, da Covilhã, e a cantora-fadista São, de Gouveia.

Além do funcionamento permanente de um bar de «comes e bebes», processam-se também diversos jogos de animação.

SAAL em Caxias

Os planos geral e de pormenor da operação SAAL de Laveiras (Caxias) vão ser elaborados por técnicos aos quais a Câmara Municipal de Oeiras adjudicou a tarefa.

Mesquita já em construção no Bairro Azul

A cerimónia do lançamento da primeira pedra da Mesquita de Lisboa, na Avenida António Malheiro, Bairro Azul, está marcada para a manhã do dia 17.

O Município de Lisboa, que há um ano cedera o terrenn para a construção, acaba de aprovar o respectivo projecto.

Foram convidados para a cerimónia representantes dos quatro países que mais contribuiram para o financiamento da obra: os embaixadores da Arábia Saudita, Emiratos Árabes Unidos, Kuwait e Líbia, todos com residência em Madrid.

Suleyman Valy Mamede, presidente da comunidade islâmica, e Taieb Bouaza, embaixador de Marrocos, que constituem o comité executivo para a construção da Mesquita, deverão pronunciar alocuções.

Folhetim artístico

Continuação da pág. 3

cores e símbolos que Paris recebe, assimila e transforma num discurso ondulatório, num jogo de qualidades, que se resume numa qualidade de gosto – difícil sempre, no dédalo dos problemas assumidos em imaginação e dor e alegria. Ou nesta «joie» que permite angústia e exaltação, sístole e diástole duma pulsação vital. E tudo subtilmente, sem grito inútil, com uma gravidade graciosa – ou com um estilo que leva, como uma língua falada, a definir um tempo e um espaço, uma história e um clima...

...Gestos maiores, de Soulages e de Schneider, na forte e tranquila agressão dum negro formalmente lançado pelo espaço, ou das manchas que são em si próprias formas vivas; ou, mais caligráficos, na minúcia fina do pincel arranhando o fundo, como é em Hartung; ou na grandeza rude e macia dum Debré, sustentando a cor impossível, colando-a como uma pele táctil e inconsútil – a pintura corre como uma força que ousa e sabe onde a ousadia detém o seu sentido. Ao contrário destes pintores dum espaço aceite como um lugar dado, de intervenção, Bazaine, Vieira da Silva e Manessier criam as próprias condições ambíguas desse espaço, e as suas possibilidades genéticas; são pintores de teia, por tentativas sucessivas de elaboração, por uma continuidade infinita, ou inifinitiva, de reflexos labirínticos, ou por um mais fácil acerto de imagens predestinadas. Com Bazaine e com Vieira da Silva, o imaginar a Natureza e o reimaginar a cidade são movimentos de responsabilidade mágica, tímida, ou féroz, de passeante solitário ou de «mante religieuse» – Jean-Jacques ou Soror Mariana de tempos vazios, os nossos...

Geneviève Asse é uma seda sensível que Zao Wou-ki transforma em paisagem de lago pintado, passando da superfície à fundura artificial. Ubac pára em outra superfície decorativamente cimentada, Music faz, desfaz e torna a fazer uma superfície só transparente para ele próprio, e Tal Coat agride o espaço-superfície numa corrida de sinais sempre em busca duma gramática. Resta Szenes, que é o líquido materno, a placenta deste mundo de fantasmas e reflexos, de paisagens e legendas, de sedas e lembranças. O mestre que fala na voz baixa da sabedoria e do tempo sem tempo da sulenciosa busca...

...E tão inteligente tudo, tão para além de qualquer ideia que rapidamente se contente, de qualquer salto que a Natureza não faz, de qualquer inútil revolta por não precisar dela, tudo tão certo e tão fundo de gosto, que um mundo infinito se forma ao longo de vinte anos da nossa história – sem os ver passar. Ou sem que eles passem. Que não passarão, afinal. Ou são naturalmente, os da nossa morte necessária e ocidental...

MUNICÍPIO DE LISBOA

Aviso n.º 34/79

ADMISSÃO DE GEÓGRAFO

Avisam-se os interessados que a partir da data da publicação deste aviso e até 16 de Agosto estão abertas inscrições para admissão, em regime de assalariamento eventual, para um geógrafo, remuneração correspondente a técnico de 2.ª classe e que tenha como habilitação o curso de geografia (geografia humana) das Faculdades de Letras.

As inscrições deverão ser feitas na Repartição de Pessoal no 2.º andar dos Paços do Concelho – Praça do Município – 1194 – Lisboa – Codex.

SERVIÇO DE TRANSPORTES COLECTIVOS DO PORTO

Concurso para o fornecimento de autocarros para o transporte urbano de passageiros, sendo 45 de um pavimento e 10 articulados, com direito de opção de mais 30 unidades simples de um pavimento em 1982 e mais 20 iguais em 1983.

Faz-se público que foi prorrogado até 24 de Outubro p. futuro incusive o prazo para a entrega de propostas para o concurso em referência.

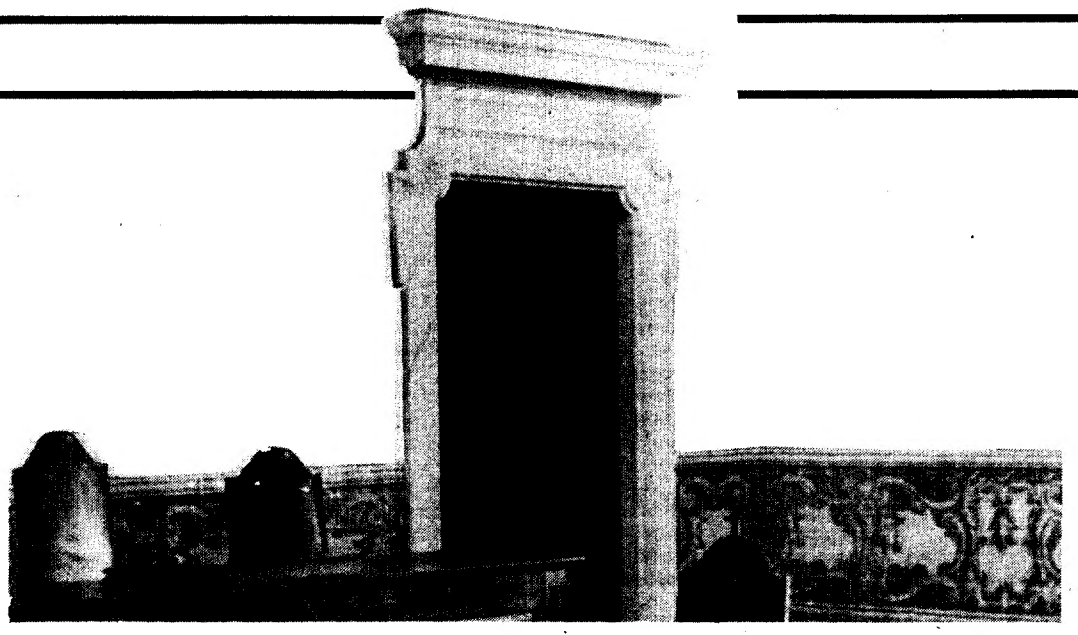
A abertura das mesmas verificar-se-á no dia imediato.

Porto, 1 de Agosto de 1979

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ ALIANÇA

ABORTO EM DISCUSSÃO



Uma mulher de 55 anos, de formação católica e licenciada em Filosofia, depõe hoje no inquérito do DL. Técnica do departamento de Estudos da Comissão da Condição Feminina, onde actualmente investiga na área de «imagens, modelos e papéis sexuais», Ivone Leal foi presidente-geral da JUC (Juventude Universitária Católica) em 51, tendo o seu mandato antecedido imediatamente o da engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo. É membro da organização católica Graal e sócia da Cooperativa Centro de Reflexão Cristã.

«(...) Nos tempos já distantes da minha infância e adolescência só a mulheres ouvi falar de abortos: mãe, avó, tias, vizinhas. Tudo gente temente a Deus, como então se dizia, que falava desses factos reais frequentes. Nunca nenhuma dessas mulheres lhe chamou crime ou pecado. Eram considerados como infelicidades, desgraças (...)».

O contacto com esta realidade e uma experiência vivida na década de 70, são apresentados como os contra pontos existenciais à formação católica desta mulher que se confessa não uma «entusiasta activista na luta pela

IVONE LEAL:

"Não reconheço a ninguém o direito de condenar as mulheres que abortam"

liberalização do aborto» mas « solidária» com as mulheres que a ele recorrem.

Casada, mãe de seis filhgs (o último dos quais mongoloide), é à luz destes elementos biográficos que cada um deve interpretar o seu depoimento, concedido a título meramente pessoal.

É-me pedido um depoimento na suposição de que eu serei «pessoa de formação católica, mas aberta em relação ao problema do aborto». Pois bem, aceito o convite e vou tentar esclarecer os dois pressupostos que me trazem às colunas do «Diário de Lisboa».

1 – «Nasci católica» numa família profundamente cristã que ao seu jeito me educou. Tão longe no tempo quanto me lembro, militei ao serviço do Evangelho em palavras e acções. Se bem ou mal, não é a mim que pertence julgar. Hoje, como sempre, considero o meu bem mais precioso – a vida tem sido pródiga comigo em doces e amargos – a fé em Jesus Cristo que, entrando em História da humanidade, nos abriu a todos, de par em par, as portas da libertação.

2 – Tenho sempre apostado na vida e na vida continuo a apostar. Daí que o aborto não tivesse constituído um problema «meu». Nunca me passou pela cabeça recorrer a ele. Julgo poder dizer com verdade, que nunca o utilizaria. Devo acrescentar que nos tempos já distantes da minha infância e adolescência só a mulheres ouvi falar de abortos: mãe, avó, tias, vizinhas. Tudo gente temente a Deus, como então se dizia, que falava desses **factos reais frequentes**. Nunca nenhuma dessas mulheres lhes chamou crime ou pecado. Eram considerados como infelicidades, desgraças, enfim, acontecimentos que suscitavam pena e gestos de solidariedade.

O aborto invadiu a minha vida pelos anos 72, 73 e 74, no tempo em que participei em grupos de mulheres, cristãs umas e outras não, pertencentes a estratos sociais socioeconómicos modestos ou mesmo muito débeis. Porque esse problema fazia parte do quotidiano dessas mulheres, há mais ou menos anos, conforme as idades que tinham. Falavam dele tão naturalmente como da chuva que lhes entrava pelo telhado, da água que acartavam à cabeça e à força de braços para o consumo da família, das 16 ou 18 horas de trabalho diário, das doenças dos filhos, dos maus tratos ou do abandono dos seus homens.

3 – Entusiasta activista na luta pela liberalização do aborto?

Impossível, dado quem sou. Mas pelo mesmo motivo, não reconheço a ninguém o direito de condenar as mulheres que o praticam. Sou solidária com elas nas suas necessidades e aflições, nos seus medos e angústias, nos seus riscos e decisões.

O aborto dói-me. Mas doem-me mais as mulheres que são condenadas por abortarem.

COM VISTA ÀS INTERCALARES

"Unidade Popular" à procura de plataforma de intervenção

«É urgente a unidade de facto entre os militantes, correntes e organizações que se colocam fora do quadro estreito do reformismo (PS e PC) e no campo de combate pelo socialismo: só pelo avanço dessa unidade, avanço real e baseado num grande esforço de debate virado para os problemas e aspirações das massas populares, se criarão as condições mínimas para a elaboração de uma plataforma nova e alternativa, que corresponda à actual fase da luta e que permita uma intervenção unitária nos processos eleitorais que se avizinham e mesmo fora deles» – afirma-se num texto subscrito por militantes de esquerda designada revolucionária, ou não-reformista, esta manhã apresentado aos órgãos de Informação em conferência de Imprensa.

O texto é subscrito por, entre outros, Catalina Pestana (que esta manhã o leu aos jornalistas e com eles travou um diálogo suplementar durante o encontro), João Espada, Ferro Rodrigues, Augusto Mateus, Nuno Teotónio Pereira, Vieira Lopes e Victor Wengorovius. Na sala estava ainda Acácio Barreiros, e gorou-se a expectativa sobre a presença de Otelo. Vai haver, no entanto, por parte dos proponentes do texto, diligências junto não apenas das diversas organizações consideradas agenciáveis para o projecto proposto (UEDS, MES, OUT, UDP, PCPR), mas também grupos de intervenção não partidários e militantes e activistas independentes, no sentido de «possibilitar ou favorecer uma aproximação séria e um debate conducentes a uma candidatura unitária». Militantes e activistas, Otelo, nomeadamente.

Considerando a situação política actual e as perspectivas que se abrem com a realização de eleições intercalares, os subscritores do documento assinalam a necessidade de que nelas participem, unidos numa frente, aqueles que se reclamam de «um projecto de unidade popular autónomo relativamente aos grandes aparelhos reformistas», e apoiando-se «na força do movimento popular de base e na democracia dos trabalhadores». «Objectivo estratégico»: O Socialismo. Refere-se que o programa político a conseguir deve ser «realista e adequado à actual correlação de forças» e que o bloco social deve ser «tão amplo quanto possível».

«O desenvolvimento da UP exige o fim dos limites estreitos impostos pela visão partidarista e sectária à necessária reformulação programática e organizativa deste campo da esquerda» – dizem ainda os subscritores do documento, e foi realçado esta manhã na conferência de Imprensa, com o esclarecimento de que se trata não de uma posição contra os partidários mas de reformular as relações com os partidos e entre eles.

O realce das posições iniciais dos subscritores vai ainda para o que eles chamam «o isolamento do inimigo principal»: é a direita, são as suas forças.

O texto não exclui a hipótese de «alianças pontuais com o sector reformista, nomeadamente quanto a questões de Governo ou revisão constitucional».

Para os subscritores, as intercalares são importantes, mas os grandes objectivos ultrapassam-nas. Trata-se de «influenciar e aprofundar uma viragem à esquerda no quadro constitucional actual, viragem necessariamente limitada mas importante como processo de acumulação de forças para preparar um período de ofensiva do movimento popular». As intercalares podem servir este objectivo.

«Impõe-se uma candidatura unitária» afirmam os subscritores do documento divulgado esta manhã. Na foto, da esquerda para a direita: Vieira Lopes, Ferro Rodrigues, Catalina Pestana, Nuno Teotónio Pereira e João Espada

Hélder Macedo aceitou a SEC

O ministro da Coordenação Cultural, Adérito Sedas Nunes, conseguiu de Helder Macedo que aceitasse o cargo de secretário de Estado da Cultura, para o qual também chegou a ser contactado Eduardo Lourenço. Segundo uma fonte bem informada, Helder Macedo, que tem estado em Londres, aceitou assumir essas funções já há cerca de uma semana, e está de momento a preparar o seu programa de trabalhos. O novo responsável pela Secretaria de Estado da Cultura nasceu em 1935, e antes de se radicar em Inglaterra, em 1960, esteve na Guiné, S. Tomé e África do Sul. É licendiado em literatura e história na Universidade de Londres, onde também se doutorou. É professor efectivo de Estudos Portugueses e Brasileiros no King's College. Publicou, alem dos «Poemas Escolhidos», «Nós», estudos sobre Cesário Verde, e «O Significado Oculto da Menina e Moça».

A título de curiosidade, acrescente-se que foi colaborador do «Diário de Lsiboa» em 1969, escrevendo igualmente para o nosso suplemento literário de então.

DE REGRESSO DE MADRID

Líderes do bloco conservador-monárquico renovam ataques a Lurdes Pintasilgo

Vindos de Madrid, onde se deslocaram para contactos com dirigentes da UCD espanhola, partido governamental do país vizinho, regressaram ontem a Lisboa os três líderes da chamada «Aliança Democrática».

À chegada, Sá Carneiro, presidente do PSD, desmentiu que haja quaisquer indícios de crise no seio daquela coligação e renovou os seus ataques ao Governo de Lurdes Pintasilgo, afirmando que, só por si, a composição do Executivo justifica uma atitude de oposição, não afastando a hipótese de ser apresentada uma moção de reejeição no próximo debate parlamentar do programa do Governo.

Freitas do Amaral, por seu turno, renovou as reservas já manifestadas em relação ao V Governo, duvidando da sua isenção e imparcialidade.

Quanto a Ribeiro Teles, afirmou ver «com grande apreensão o sentido antidemocrático que as coisas estão a levar em Portugal».

Os três dirigentes do bloco conservador-monárquico avistaram-se em Madrid, com o primeiro-ministro Adolfo Suarez, e foram igualmente recebidos pelo rei Juan Carlos.

Situação normaliza-se na Fábrica do Jacinto

A administração da Fábrica de Fiacção e Tecidos do Jacinto reconheceu «que os elementos da Fidelis não são desejados na empresa» pelo que não voltarão às suas instalações, segundo informa o Sindicato dos Têxteis do Porto.

Esta resolução da administração da fábrica é consequência das conversações realizadas ontem entre as duas partes, na delegação do Ministério do Trabalho, no Porto.

Nessa reunião «foi também levantada a suspensão aos trabalhadores com processos disciplinares, estando prevista para Setembro uma reunião entre os representantes dos trabalhadores e a administração», para continuação da discussão dos pontos em litígio.

Entretanto, segundo o mesmo comunicado, os dois funcionários contratados pela administração e contestados pelos trabalhadores (engenheiros Costa Reis e Freitas) não entrarão nas instalações da empresa.

Ultrapassada esta fase de conflito, os trabalhadores suspenderam a greve, continuando a laboração normal das fábricas.

Problemas dos professores debatidos em Coimbra

A situação socioprofissional dos professores portugueses neste fim de ano lectivo foi analisada durante uma Reunião Nacional de Sindicatos dos Professores, efectuada em Coimbra, no passado dia 27.

Na sequência deste encontro, será pedida ao actual ministro da Educação uma reunião de trabalho «para análise e discussão das questões centrais que no momento se colocam aos professores». Ficou marcada nova reunião Nacional de Sindicatos para os dias 28 e 29 de Setembro, com vista à definição das linhas gerais de acção sindical no próximo ano lectivo.

Abordando o problema do «reajustamento de letra», os sindicatos concluiram que o MEIC, como entidade directamente responsável pelos professores, manifestou desinteresse pela sua solução, «não respondendo às múltiplas tentativas» no sentido de se concretizar uma reunião de trabalho sobre o assunto. Inversamente, a Direcção-Geral da Função Pública mostrou-se receptiva a esses contactos.

Os sindicatos contam apresentar brevemente algumas adendas à actual proposta de «reajustamento de letra», referentes aos professores do ensino superior, e à inclusão dos professores do ensino especial, e das ex-regentes e professores adjuntos.

Foi também analisado o projecto de decreto-lei sobre «formação de professores», que encerra aspectos «altamente controversos», embora contemple positivamente algumas aspirações da classe, de há muito reivindicadas. Entre estas contam-se: «tratamento global dado à formação de professores, no qual são perspectivadas simultâneamente a formação inicial, a formação em exercício e a formação contínua; a ideia central de assegurar uma formação de nível superior aos educadores e professores de todos os graus de ensino; a consagração de um sistema coerente e integrado de formação abrangendo as componentes de formação geral, científica, formação no âmbito das ciências da educação e observação e prática pedagógica orientadas».

Os sindicatos levantam, no entanto, algumas objecções. Fundamentalmente, se o projecto se convertesse em lei ficaria indirectamente consagrada uma Estrutura do Sistema Educativo, «sobre a qual os sindicatos e a Assembleia da República, órgão legislativo máximo, não tiveram ocasião de se pronunciar.»

Tal facto, de acordo com as direcções sindicais, tem incidências negativas no ensino preparatório e no ensino superior. Quanto ao primeiro, surgem «subentendidas grandes alterações nos seus objectivos e estruturação, com graves e preocupantes implicações na situação profissional e laboral dos professores deste grau de ensino».

No que respeita ao ensino superior, encara-se como «altamente polémica a premissa implicitamente admitida de instituição de um determinado modelo de Ensino Superior de Curta Duração, o qual não conferiria eventualmente qualquer grau académico e se organizaria como estrutura isolada e estanque relativamente ao restante Ensino Superior».

Atento o actual momento (final do ano lectivo, mudança de governo), os sindicatos entendem que se não justifica a urgência do seu parecer, nem de um «amplo e democrático debate» sobre a questão, aguardando o início do novo ano. No entanto, e por considerarem que «a formação em exercício, organizada em torno dos contratos plurianuais para os professores com ou sem habilitação própria, não devem aguardar pela definição global do Sistema de Formação», os sindicatos irão empenhar-se no sentido do seu lançamento já no próximo ano lectivo.

A reunião de Coimbra, permitiu também analisar a situação específica de alguns grupos de professores, designadamente os do 12.º grupo, os de trabalhos manuais e os de Teologia. Foi também ventilada a questão da colocação dos professores nas segunda e terceira fases.

DIZ A USL

Já se respira!

«Os trabalhadores portugueses respiram finalmente um ar mais puro», diz o secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa, comentando o definitivo afastamento do governo Mota Pinto. «Este ex-governo, de há muito moribundo, governou sem dignidade e morreu sem glória.»

Fundamentando esta perspectiva, a USL relembra alguns aspectos da actuação do ex-governo:

● «Com o apoio dos partidos e forças de direita», o IV governo desenvolveu uma «acção política informada por um profundo ódio de classe aos trabalhadores e pela exclusiva e desaustinada protecção e privilégio dos interesses do grande capital, dos agrários e do imperialismo».

● No que respeita à Reforma Agrária, desencadeou uma «vergonhosa acção repressiva», num quotidiano de «ilegalidades», que atingiu «foros de escândalo tanto nacional como internacional».

● Quanto à Comunicação Social, foi tentado o «controlo da Informação».

● As desintervenções processaram-se sob a égide da «recuperação capitalista», com desprezo por todo o trabalho de recuperação das empresas que, com muita dedicação e sacrifício, foi realizado «pelos trabalhadores».

A USL recorda que a acção do governo Mota Pinto se prolongou para além do momento em que se achou demitido, referindo, a propósito, o conflito dos transportes, a revisão da legislação laboral, as negociações com a ITT e os despedimentos na Standard. A queda do executivo deve-se, fundamentalmente, à «acção organizada» dos trabalhadores, descontentes com a sua política – afirma a USL.

Embora se desconheça o programa do novo Governo, «os trabalhadores estão interessados em que, enquanto durar o seu mandato, seja estabelecido um clima de acalmia social, manifestando desde já a sua disposição em contribuir para esse objectivo», no entender do secretariado da USL.

Mas desde já se adiantam alguns aspectos da acção política que o Movimento Sindical deseja: anulação de «todas as ilegalidades, arbitrariedades e prepotências cometidas pelo ex-governo»; soluções para os conflitos laborais e para a ofensiva contra a Reforma Agrária, no respeito pela legalidade democrática; actualização das pensões de reforma e dos subsídios de desemprego; combate ao desemprego e aos despedimentos; medidas eficientes no campo da contratação colectiva; garantia do «efectivo exercício dos direitos e liberdades sindicais»; democratização da Comunicação Social; anulação do «pacote Mota Pinto-CIP».

Tau e Finagra: desintervencionadas

O ânimo desintervencionista do ex-governo Mota Pinto concretiza-se hoje na publicação, pelo «Diário da República», das resoluções que ordenam a devolução «aos respectivos titulares» das empresas TAU-Propriedades e Empreendimentos Turísticos Ld.ª a FINAGRA-Sociedade Industrial e Agrícola SARL.

As duas empresas encontravam-se sob intervenção estatal desde meados de 1975, voltando agora a ser geridas pelos administradores anteriormente afastados. As resoluções prevêem mecanismos de financiamento das empresas e proíbem o despedimento de trabalhadores com fundamento em factos ocorridos durante o período de intervenção.

O crime

Os trabalhadores da Corame, empresa metalomecânica de Santa Iria d'Azoia, entraram hoje no terceiro dia de greve no intuito de obterem do novo Governo a anulação da decisão tomada pelo executivo de Mota Pinto, que ordenou a devolução daquela unidade fabril ao antigo patrão, «um criminoso que anda a monte, procurado pela Interpol». O pessoal pretende ver salvaguardados os interesses da banca, dos seguros e da Previdência, bem como o direito ao trabalho e ao salário, e deseja evitar que os interesses dos clientes, dos fornecedores e dos subempreiteiros sejam prejudicados por aquela medida. Carlos Nogueira, o antigo patrão, anda fugido à justiça para evitar cumprir uma pena de prisão aplicada pelo tribunal da Marinha. Contra ele estão ainda pendentes processos devido a exportação ilegal de divisas e actividades fraudulentas, que montam a mais de 300 mil contos.

SEGUROS

Fica hoje assinado o novo CCT para a indústria seguradora, que prevê uma tabela salarial com valores que vão de 9750 escudos (estagiários de serviços gerais) a 36 mil escudos (directores de serviços). Os «retroactivos» reportam-se a 1 de Maio.

STANDARD

O ex-Governo de Mota Pinto, ao autorizar o despedimento colectivo de 269 trabalhadores da Standard Eléctrica, praticou uma «injustificada cedência perante a multinacional ITT», segundo afirma a Juventude Socialista. Insurgindo-se contra uma decisão tomada nas vésperas da posse do novo executivo e à revelia dos trabalhadores, a JS conclui que «um governo de direita é efectivamente um governo em oposição aos interesses dos trabalhadores.»

HOTELARIA

A revisão do CCT da indústria hoteleira é o principal ponto a abordar no plenário de delegados sindicais que a direcção do Sindicato algarvio do sector convocou para o próximo dia 9, pelas 16 horas.

AGRÍCOLAS

«Precisamos de conhecer as nossas leis». Para isso mesmo, realiza-se amanhã à noite em Vila Nova de Anços (na Casa do Povo) uma reunião de trabalhadores agrícolas e resineiros do distrito de Coimbra, promovida pelo respectivo sindicato. Será analisada a PRT para o sector rural, há pouco publicada.

INSPECÇÃO

Os concelhos de Mafra e Sobral de Monte Agraço foram integrados nas áreas de jurisdição da Inspecção do Trabalho de Lisboa e de Torres Vedras, respectivamente, segundo informa o Ministério do Trabalho. No que respeita à área de Lisboa, o serviço de fiscalização de condições de trabalho funciona no edifício da Praça da Londres.

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

SUCURSAL DE LISBOA
AV. FREI MIGUEL CONTREITAS, 6-A * TELEF. 89 34 06

VENDE

C/GARANTIA E FACILIDADES DE PAGAMENTO

Automóveis usados provenientes de troca:

Mini Clubman 1975
Mini 1000 1977

Fiat 124 1975
Ford Escort 1976

AUTOMÓVEIS DE SERVIÇO

AUTOMÓVEIS USADOS PARA COMERCIANTES

Citroën Dyane 1975
Ford Cortina .1971, 1973 e 1976
Ford Escort carrinha 1972
Ford Capri 1973
Fiat 128 1975
Ford Capri 1973
Renault 16 TS 1970
Renault 16 TL 1971, 1972

Renault 12 1975

Possuímos mais viaturas em «stock»

MATEMÁTICA

Por licenciada com experiência.
Complementar e Propedêutico 2.ª época.
Tel. 76 22 21

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FELGUEIRAS

2.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca de Felgueiras e nos autos de habilitação de cessionário movidos por Joaquim de Magalhães, de Outeiro-Paredes contra o senhor doutor João Carlos Juvêncio Estrela e esposa Maria Emília de Jesus Gonçalves Estrela, ausentes em parte incerta e que tiveram a sua última residência conhecida no país em — Rua Fernão Lopes, 9-5.º Esq.º — Lisboa, são estes notificados para deduzirem oposição no prazo de OITO DIAS, finda a dilação de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do anúncio. Esta habilitação de cessionário corre por apenso à execução sumária que aquele, digo, sumária que o exequente, Manuel de Sousa e esposa moveram contra o senhor doutor João Carlos Juvêncio Estrela e esposa.

Felgueiras, 10 de Julho de 1979.

O escrivão,
(ilegível)

Verifiquei.
O Juiz de Direito
(ilegível)

SITESE

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO E SERVIÇOS

COMUNICADO

GOVERNO MOTA PINTO DESPEDE-SE APROVANDO LEIS REPRESSIVAS

Apesar de todo o movimento sindical se haver manifestado contra o pacote legislativo do sector do trabalho do Governo Mota Pinto, tendo nomeadamente o SITESE feito e apresentado ao ministro do Trabalho uma crítica justificada, da qual oportunamente demos conhecimento à classe, a desvergonha desse Governo persistiu até ao fim.

Na sua febre de subversão legislativa a que se dedicou, mesmo depois de exonerado, fazendo sair em catadupa e precipitadamente as leis de privilégio em favor do patronato e dos grupos financeiros, o Governo Mota Pinto, já sem qualquer preocupação de dignidade ou de ética institucional, aprovou, na sua última reunião de 31 de Julho passado, algumas das leis do pacote, precisamente aquelas que mais tinham sido contestadas, por atentatórias dos direitos dos trabalhadores.

Sob a capa de aprovação do salário mínimo nacional, por valores que, ainda assim, são muito inferiores aos índices da inflação, e que significam o acentuar da degradação do poder de compra em 1979, o que se pretendeu foi, em jeito de despedida, oferecer um brinde aos senhores da CIP e da CCP, em troca do apoio recebido.

A aprovação da lei da cessação do contrato individual de trabalho e da lei do contrato a prazo, representa autorização legal para os despedimentos abusivos e segundo o arbítrio patronal, sem necessidade de justa causa e insegurança no vínculo de emprego.

Porque a segurança de emprego é, na conjuntura inflacionária e de crise que o País atravessa, uma das situações sociais sindicalmente mais intransigíveis, o SITESE vem denunciar este procedimento inqualificável do Governo cessante, reservando-se para, por si, e com acções combinadas no âmbito sindical, fazer valer o seu protesto e o seu repúdio.

O SINTESE já fez seguir pelas vias competentes o seu entendimento de que o novo Governo deve dar sem efeito a aprovação de tais leis, em conformidade com as razões oportunamente apresentadas, e que, em consequência, não devem as mesmas ser objecto de promulgação pelo Presidente da República.

Lisboa, 2 de Agosto de 1979

PELA DIRECÇÃO

ANTÓNIO JANEIRO

PSD dos Açores "não põe reservas" a Governo de Lurdes Pintasilgo e PSD de Lisboa diz que executivo "não é independente nem neutro"

«O executivo constituído por Pintasilgo não é independente nem neutro, é uma variante da fórmula PS/ASDI, agora com o apoio do PCP» – entende a comissão política nacional do PSD, em comunicado tornado público ontem.

A nota do PSD considera ainda que Eanes «mais uma vez não cumpriu o que prometeu», por, na opinião daquele partido, ter prometido um Governo de gestão, neutro e independente, mas empossou um Governo que pretende ter plenos poderes constitucionais e não é neutro nem independente».

Para o órgão dirigente do PSD, que ataca particularmente o novo Primeiro-Ministro, a eng.ª Lurdes Pintasilgo teria aos «dramáticos problemas do País» respondido «com um organigrama e um discurso de palavras vazias...». No final da sua nota, o PSD diz que o «futuro será diferente – e será de estabilidade e normalidade democrática, com a vitória da nova maioria nas próximas eleições».

GOVERNO PSD NOS AÇORES «NÃO PÕE RESERVAS» A PINTASILGO

Entretanto o executivo açoriano, de base e iniciativa PSD, «não põe reservas ao Governo chefiado por Maria de Lurdes Pintasilgo – declarou aos jornalistas o secretário regional do Trabalho, António Lagarto.

O porta-voz do executivo dos Açores disse ainda que o plenário do Governo fez a análise da situação política nacional e regional e designadamente sobre a posse do novo Governo, tendo concluído que «independentemente da composição deste Governo, o Executivo açoriano continuará o diálogo que vinha mantendo, com bons resultados, com o anterior Governo», relativamente aos assuntos que se prendem com os aspectos económicos e financeiros da autonomia do arquipélago.

Confirmada a demissão de Acácio Barreiros

A demissão de Acácio Barreiros da Comissão Permanente da UDP foi confirmada por aquele órgão directivo do partido que anuncia que o pedido de demissão será analisado este fim-de-semana numa reunião do Conselho Nacional.

Será durante esta reunião que o CN da UDP decidirá qual a posição a ssumir perante o pedido de demissão comunicando-a posteriormente em Conferência de Imprensa.

Acácio Barreiros, o único deputado da UDP na Assembleia da República, assistiu esta manhã à conferência de Imprensa dada por um grupo de políticos da «esquerda radical» tendo em vista a constituição de um «bloco popular» que se apresente no próximo acto eleitoral.

PUB.

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6, 3.º D. — LISBOA 1
TELEFONES 4 17 51 — 53 55 47

COMUNICADO

Porque se têm estabelecido dúvidas por parte de alguns Enfermeiros, da extensão da greve decretada pela Ordem dos Médicos;

Vimos informar todos os Enfermeiros que esta greve não nos diz respeito.

Devendo os Enfermeiros manter as suas actividades normais enquanto esta se processar.

Lisboa, 1/8/79

PEL'A DIRECÇÃO

A CONVITE DE EANES

Luís Cabral em Lisboa para a semana

A convite do general Ramalho Eanes, desloca-se a Portugal, em visita privada, o presidente Luís Cabral, da Guiné-Bissau.

O estadista guineense chegará a Lisboa no domingo e ficará entre nós até à próxima quarta-feira, após o que partirá para a Itália e Jugoslávia, onde se avistará com o presidente Tito.

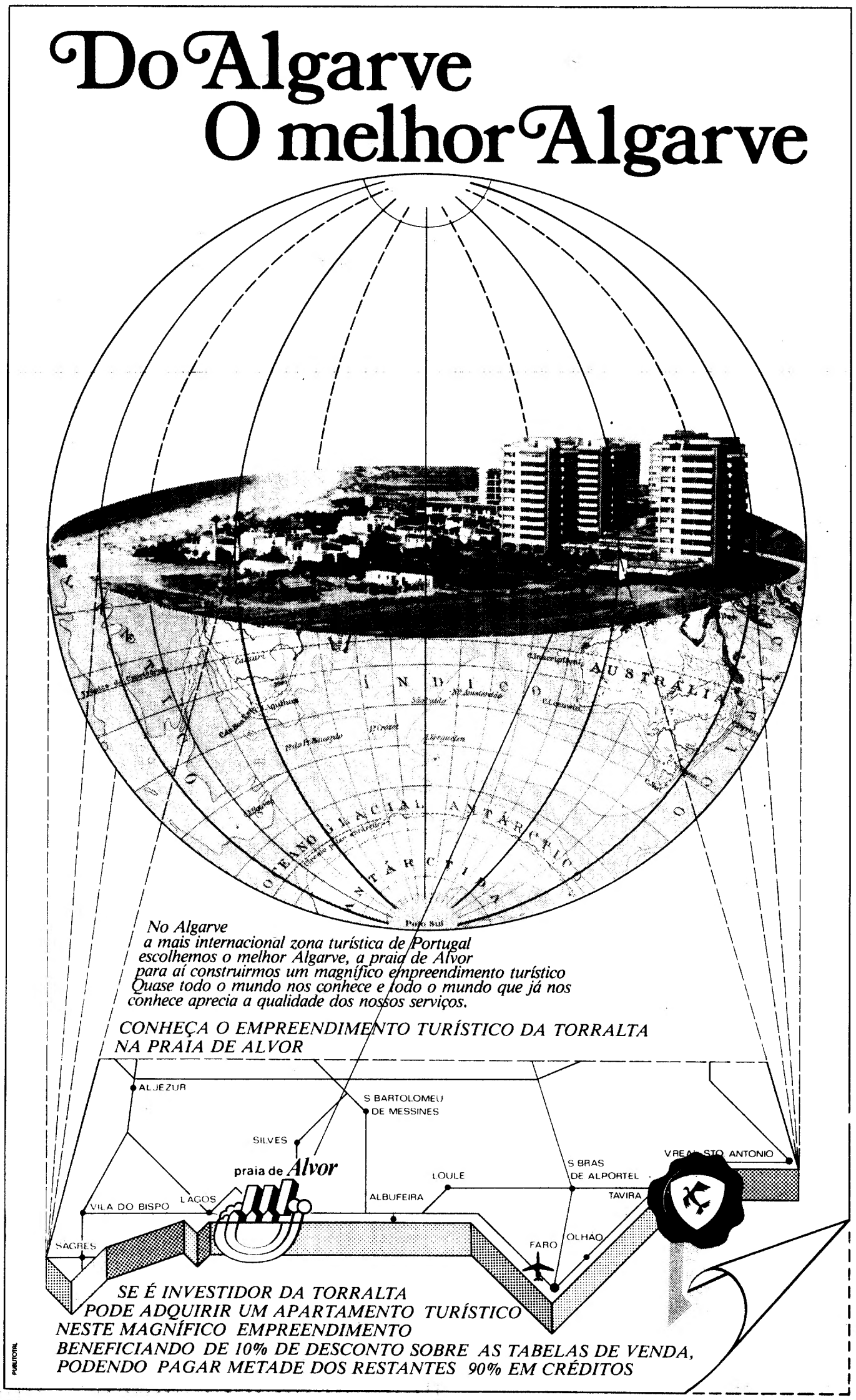
Recorde-se que, em Fevereiro, quando visitou oficialmente Bissau, Eanes fez um convite a Luís Cabral para voltar a Lisboa, «não para se submeter ao rigor do protocolo», como então disse, mas para conhecer a «outra face» do nosso país.

Contudo, apesar do carácter não oficial da visita, Eanes e o seu hóspede deverão ter conversações sobre as relações entre os dois países e suas implicações multilaterais.

NOVO EMBAIXADOR EM CABO VERDE

Duarte Vaz Pinto será o novo embaixador de Portugal na República de Cabo Verde e, segundo informa o MNE, o Governo cabo-verdiano já deu o seu «agreement» para a acreditação.

O novo embaixador em Cabo Verde é actualmente conselheiro da Embaixada de Portugal em Washington. Anteriormente, exerceu funções nas representações diplomáticas de Portugal em Leopoldville, na ONU e no Cairo e chefiou a secção do Pacto do Atlântico no Ministério dos Negócios Estrangeiros.



O "DL" NO DISTRITO DE VISEU (2)

Na realidade, desta nossa digressão de trabalho pelo distrito de Viseu, pouco mais pudémos trazer do que a azáfama, o protesto, a ânsia de progresso do mundo rural. No fundo, valha a verdade, foi para aqui que virámos todo o nosso esforço dos quatro dias de reportagem que ali vivemos. Para uma cobertura total, para uma panorâmica exaustiva, para um maior contacto com «todo o Viseu» (cidade e serra), quinze dias seriam pouco, um mês não seria de mais. Em quatro dias ninguém pode fazer milagres. E neste comentário, fica uma crítica amarga. Uma crítica que, embora não esquecendo os muitos condicionalismos, não deixará de fazer sentir como é fugaz, quase irreal, epidérmico, «por cima da burra» em linguagem chã, o contacto dos órgãos da Comunicação Social com o interior do País.

Ora se é certo que não deve ser o País a vir ao Terreiro do Paço e sim o Terreiro do Paço a ir ao encontro do País, o que se há-de fazer quando a prática dos últimos governos (felizmente já demitidos) remete para a Informação falada ou escrita a única possibilidade de preencher o imenso vazio entre os que governam e os que são governados? Porém, também a Informação falha, quando se contenta – com excepções que, já se sabe, nunca confirmam a regra e excepções também elas cheias de lacunas –, a veicular notícias de circunstância ou apenas surtidas dos seus repórteres em cima de acontecimentos pontuais, sem dúvida importantes, mas que raramente permitem uma «cobertura dinâmica» da globalidade dos problemas – e note-se que não estamos a falar em análises tipo laboratório que essas são para os analistas. Falamos simplesmente de trabalho de jornalista, que deveriam contar com tempo e espaço suficientes para dar ao leitor uma aproximação exacta à realidade profunda de cada local visitado e não uma simples amostragem edificada à pressa, «porque há que voltar a casa rapidamente», quer dizer, há que reduzir despesas e funcionar quase como um simples «recadeiro». Neste pormenor, ainda não se conseguiu distinguir, no nosso País, o que é reportagem de circunstância (a da notícia do acidente ou do acontecimento social relevante e imediato) do que é o trabalho de soma de dados e de «impressões» (no autêntico sentido) necessários a uma informação em profundidade sobre um determinado local e seu leque de problemas. E com isto, «com esta pressa», sofre a imagem do jornalista como profissional e sofre a imagem da Comunicação Social como o que deveria ser e não é.

NÓS TÍNHAMOS MUITO MEDO

Mas voltando ao nosso apontamento em Viseu...

Diz-nos um homem de Gafanhão, aldeia que, como Barrô, vive lá nos confins da serra, sem nada que a proteja:

– Ao princípio, nós tínhamos muito medo. O sr. cura dizia-nos que nos excomungaria se falássemos, sequer, com gente vinda de fora, sobretudo com gente de «ideias esquisitas»...

– O que era isso de gente de ideias esquisitas?

– Assim... Olhe, o sr. padre falava muito de comunismo, tudo o que fosse contra a vontade dele, era comunismo.

– E qual era a vontade dele?

– Era que os pobres continuassem pobres e os ricos fossem mais ricos.

– E vocês como é que descobriram que ele falava nesse sentido?

– Porque víamos... «começámos a ver».

– Mas Gafanhão continua a ser um condado do sr. cura?

– Lá isso cotinua. Mas por pouco tempo. A gente vai abrindo os olhos e abrimo-los aos que não querem ver.

Na realidade, para além das suas prédicas dominicais com acento político bem demarcado, o cura de Gafanhão nunca fez coisíssima nenhuma para que a aldeia viesse a possuir caminhos para homem, luz, água, saneamento, médico, etc. É que o seu «reinado» dependia, como se aprecia no tom do nosso aldeão, da desinformação, da ignorância, da indiferença das populações – numa palavra, do seu total isolamento.

Porque não se vá pensar, pelo que atrás ficou dito, que no meio de todo o avanço de mentalidade verificado nos últimos anos, a reacção não continua em pé de guerra, atacando com quantas armas possui. Desde os intimaticas mais primárias e ridículas, até à repressão pura, o caciquismo não vacila. Claroi que sente, evidentemente, que a sua autoridade se esvái, que o serrano já o olha de soslaio e se adrega pegá-lo em falta, lhe atira em cara umas quantas verdades. Mas o cacique – ou os seus mandatários, entre os quais o cura de aldeia tem um papel preponderante –, procura a todo o transe segurar o império em decadência. O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Lamego, que o diga. A luta travada diariamente, hora a hora, para que se cumpra o estatuto do trabalhador rural, é esgotante e sempre contrariada pelos partidos de direita, PSD e CDS implantados na região. Por vezes, os seguidores de Freitas do Amaral e de Sá Carneiro, utilizam meios bastante ridículos para propagandearem a sua linhagem, tão ridículos que chegam ao absurdo. Damos um exemplo da linguagem usada pela reacção.

Nos princípios do passado mês de Julho, a Comissão política concelhia do PSD, de Castro Daire, fez circular naquela vila um panfleto cuja «literatura» era, nem mais, nem menos, que de um teor digno dos melhores momentos de Bocage. Repare-se.

Começando por anunciar as eleições para Assembleia de Freguesia local e acrescentando que três partidos ou agrupamentos políticos, estariam presentes às ditas eleições (PSD, APU e PS), o citado documento lançava depois a seguinte e divertida diatribe:

«Comecemos pelo 3.º – o PS.

«É um partido que continua intimamente ligado ao Partido Comunista, tanto na Assembleia da República como fora dela. Defende a destruição da propriedade privada. É um partido para quem a religião católica nada conta, em termos de convicção religiosa.»

Queremos entremear este dislate pepediano, com comentários: não se percebe como sendo os pêpêdês tão católicos, ataquem neste momento um primeiro-ministro (a dra. Maria de Lurdes Pintasilgo), com sobejas provas das suas convicções nesse campo. Afinal, quem é católico e quem não é, neste País? Os beirões devem sabê-lo.

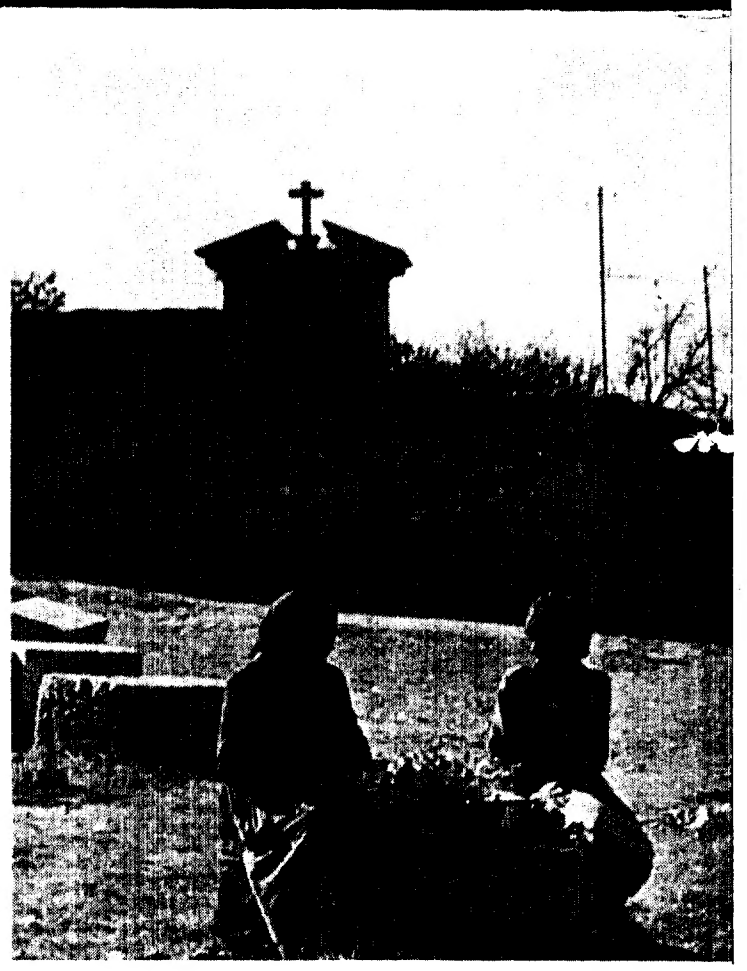
Continua o infausto documento do PPD-PSD, referindo-se ainda ao PS: «É um partido em que os sucessivos governos socialistas não só não governaram bem, como ajudaram a destruir Portugal».

Claro, o vesgo documento dos pêpêdês de Castro Daire, além de mal redigido, esquece-se que nenhum governo foi mais nocivo aos portugueses que o governo Mota Pinto-PPD, que esse, sim, comeu uma boa fatia da parte sã de Portugal, legando-lhe em contrapartida mais desemprego, mais miséria, mais desespero entre os trabalhadores.

Caindo sobre o Partido Comunista e a Aliança Povo Unido, os sácarneiristas de Castro Daire, num linguajar torpe e vago acusam-nos das mesmas coisas que ao PS, mas falando em «hediondos» e outros adjectivos de sarjeta.

«Finalmente o 3.º» prossegue o documento, apontando ao PSD, o que nos deixou varados, visto que se o PS já era 3.º, a APU o 2.º, quem diabos seria o 1.º? Aqui, foge-lhes a boca para a verdade, como se dizer-se. Afirmam os pêpêdês de Castro Daire acerca do seu partido: «Não lhe vimos dizer que só tem virtudes e nenhuns defeitos, que só tem boas pessoas e nenhumas más. Seríamos desonestos e não o queríamos ser».

Não o «queriam» ser, mas porventura são-no, que é o que se pressupõe de prosa tão «qualificada». «Defende um regime político-social que nos permita a todos viver em paz e liberdade. É o partido semelhante nas suas linhas de acções aos que fizeram e fazem o progresso dos países nórdicos...» Pronto. Lá se foi a independência nacional. Se calhar trata-se de um simples convite para uma «suecada», nós é que nos equivocámos.



E os agricultores perguntam a Lisboa: "Qua

SEM PARTIDO MAS PARTICIPANTE

Naturalmente que do PSD-PPD não pensa o mesmo o sr. Rogério Martinho, pequeno agricultor muito prestigiado da aldeia de Telo, a poucos quilómetros de Lamego. Rogério Martinho, vamos aclarar, é um homem sem partido. No entanto, não se esqueceu de nos dizer:

– Sem partido, mas participante. Sempre que chegar o momento, sei aonda cai o meu voto.

Tão participante, de resto, que é membro directivo da CNA, da Cooperativa Agro-Tarouca e homem profundamente ligado às Casas do Povo da região. Jovem ainda, estudou em Coimbra, mas depressa optou pela agricultura. Possui, ali em Telo, uma herdade com os seus trinta hectares, quase tudo vinha – vinha de Região Demarcada, entenda-se. O seu drama foi não conseguir entrar nas graças do MAP de Nobre da Costa e de Mota Pinto – visto que apesar dos contactos feitos com aquele Ministério nos últimos governos, para que lhe fosse autorizado um crédito (ao abrigo do Crédito Agrícola de Emergência) para a reconversão da sua cultura vinícola, nem ao menos mereceu uma resposta. Na sua última carta – cuja cópia nos mostrou –, dirigida ao «célebre» Ministério de Vaz Portugal, o agricultor de Telo era bastante conciso e duro. Mas o MAP de dom Vaz, manteve-se surdo e mudo como uma porta sem fechos.

– E que é que eu peço? – indaga-se Rogério Martinho, algo perplexo. – Apenas que me ajudem a ajudar a economia nacional. Porque se eu conseguir reconverter a minha vinha, se todos os produtores nas mesmas condições, fizerem uma reconversão adequada e estudada das suas culturas, com isso ganhamos nós, produtores, mas ganha sobretudo o País. Não é com processos de há cem anos, que digo eu, de há duzentos, trezentos anos, que nós poderemos sonhar em competir no Mercado Comum. Então pergunto: onde está a tão apregoada política de competências, quando essas competências não são capazes de olhar com olhos de ver, de avaliar, de reconverter a, por agora, principal fonte de riqueza do nosso País, ou seja, a agricultura? E que hão-de pensar dessas competências, os pequenos e médios agricultores do meu País? Sim, porque eu sou apenas um das centenas de milhares de casos da minha pátria agrícola. E o pior é que começamos a imaginar que se fôssemos um dos latifundiários do Alentejo a quem entregam de novo as terras da Reforma Agrária, ah!, provavelmente, já cá cantava cré-

Do passado para o futuro

São onze horas de uma destas manhãs de Julho. Entrámos num café de Lamego. Uma mesa vaga, ao lado da cadeira em que um velho octogenário se senta. O nosso guia, o António, de Avões, aponta-nos o velhote ainda rijo.

– É também um agricultor das redondezas. Não querem falar com ele?

Entambulámos conversa com o ancião. Ao princípio respondia-nos com monossílabos, parecia receoso. Quando o informámos que éramos de Lisboa e que fazíamos uma reportagem para o «DL», espevitou. Por fim, dir-nos-ia:

– Sabem, eu tenho seis filhos e onze netos. Todos já muito crescidos, como se calcula. Nas primeiras eleições, votei PPD. Não percebia muito bem o que se estava a passar, não era? Pois. Mas de repente, vi que os filhos e netos iam todos para partidos de esquerda. Porquê? – perguntei aos meus botões. Cheguei à conclusão de que eu sou uma parte do passado e eles... bem eles são o hoje e o amanhã. E o hoje e o amanhã são o futuro, não é? Ora aí está, discorri, o que os velhos deste País têm de fazer é ajudar a abrir o caminho do futuro. Reuni-me com eles e disse-lhes: meus amigos, eu quero ir com vocês para o futuro. Digam-me onde é que votam e podem contar com o meu papelinho, já que pouco mais posso fazer. E convencido de que estou certo, passei a votar à esquerda.

RELÓGIO MECÂNICA

Conserta e vende relógios
de Alberto Augusto Parada — Tel. 2100867
Rua Dr. Manuel de Arriaga, 33 - B - Algés - Miraflores

RESTAURANTE "PAPAGAIOS"
— DE —
José Outrelo Magalhães
Rua Cascais, 13 a 21 LISBOA - 3 — Tel. 636076

MADEIRA
UMA SEMANA
FINS DE SEMANA
Consulte
VIAGENS RAWES
FARO

VISITE A CHECOSLOVÁQUIA
SETEMBRO – 13 a 20 — Praga, Bratislava, Lidice
TODAS AS DESPESAS INCLUÍDAS
Visitas sociais e programa cultural
Inscrições e informações na:
Associação Portugal-Checoslováquia
Rua Artilharia Um, 105, 4.º – Telef. 68 85 87 – 1000 Lisboa
em colaboração com a Agência MUNDIRAMA

Reportagem de Josué da Silva

ndo chega a nossa vez?"

dito subsídio e talvez mais.

Rogério Martinho leva-nos a visitar a sua vinha. Trinta hectares para nós mimosos e florescentes, que somos ignorantes destas coisas. Rogério Martinho diz-nos:

– Há uma parte desta vinha que já se encontra um bocado cansada. Preciso de a renovar. Além disso, quero homens para a tratar, que eu sozinho não dou conta do recado e não existem. Os homens de trabalho vão para França, ou para a Alemanha, ou para a Suíça, ou para as nossas cidades do litoral. Ora agora veja: isto é um terreno – e aponta a vinha em toda a sua extensão – de encosta suave, sem socalcos nem penhascos. É um terreno que consente à vontade um tractor. Mas para que eu traga para aqui um tractor, preciso de ter dinheiro para o comprar e, por outro lado, o processo obriga a uma reconversão total da vinha. Cinco mil contos bastavam-me. Vieram aí os técnicos e acharam que sim, senhor, a minha vinha tem todas as condições para a reconversão. Mas no meu país praticam-se torpezas como essas de dar indemnização aos antigos exploradores do meu povo, centenas de milhares de contos e recusam-se as ajudas a uma agricultura depauperada. Eu não sou um absentista, nem **um patrão.** Olhe para estas mãos...

Estende-nos as palmas das mãos, engrossadas por enormes calosidades.

– Trabalho como um verdadeiro produtor. Nós, os pequenos agricultores, não somos parasitas. Damos muito e pouco ou nada recebemos em troca. E que fazem os governos de Lisboa? Cantam-nos bonitas canções na Televisão ou na Rádio, mas de empenhamento efectivo numa política agrária que salve o país da miséria, nem peva. Pelo contrário: o que existe de bom, destroem-no. Ponha lá isso no seu jornal e diga que são as palavras de um homem que ama a sua terra, que ama o trabalho, que pretende ajudar a dignificar o país que é o seu e que sabe mais de couves e de vinhos que os srs. ministros de arengas patrioteiras e falsas como Judas.

O QUE EXISTE DE BOM DESTRÓEM-NO

Rogério Martinho não é uma voz isolada. Que os srs. ministros vão e falem com os agricultores, pequenos e médios, como nós falámos, e logo se aperceberão de que esta amargura, esta desilusão, mesmo quando sai duma só boca, faz parte de um coro vastíssimo.

– Sabe – afirma-nos o pequeno agricultor de Telo –, até há bem pouco tempo, porque vamos à terra e tiramos a couve, o nabo, a batata que a vocês, lá na cidade, vos sai pelo preço do ouro, nós não sentíamos muito a inflação no que a nossa sobrevivência dizia respeito. Mas a partir de certo momento... Veja só:

quantos litros de vinho tenho de produzir para comprar um par de botas? E para pagar os estudos dos filhos? E para adquirir um carro, que nestas serranias é uma ferramenta como qualquer outra? E para o manter? E para pagar o telefone e a luz? Agora conduza as coisas para outro plano, para o plano dos trabalhadores rurais: um encarregado aufere sete mil escudos ao mês; um operário agrícola semiqualificado, 6600$00; os não qualificados, 6000$00. Isto, que representa para nós, pequenos e médios agricultores-produtores, um encargo que muitas vezes, dadas as actuais estruturas e preços à produção, ultrapassa as nossas possibilidades, é pouco mais que a pobreza constante, a corda na garganta para o trabalhador. Todos sabemos que vencimentos destes, hoje em dia, na cidade ou no campo, é mesmo para se passar fome. E depois, onde a assistência à saúde? Onde os cómodos mínimos, a forma de agarrar o operário agrícola à terra? Os governos lamentam-se que eles emigrem, porém nada fazem para o evitar. E só uma reconversão total da nossa agricultura, uma reconversão que tenha em conta, naturalmente, a especificidade de cada região, nos salvaria desta desventura. Contra o que dizem os «técnicos» dos governos que não governam, a partir do momento em que se planeie, reconverta e se subsidie o que tem de ser subsidiado, muito pouco haveríamos de importar. A terra dá tudo, basta que a racionalisemos e a enriquecámos com a nossa experiência, basta que abandonemos o primarismo de certas concepções.

Este homem é a terra. Diz-nos disso o amor com que dela fala, o conhecimento que dela possui. Mas claro que Rogério Martinho não é uma excepção. Muitos dos pequenos agricultores com quem falámos, raciocinam da mesma forma, porque a todos lhes toca a indiferença ou o erro com que do Terreiro do Paço se encara o problema agrícola. Diante da sua vinha, Rogério Martinho exclama:

– Mas eu hei-de reconvertê-la. Com ou sem crédito agrícola, hei-de fazer a minha experiência e atirar com ela à cara dos senhores que nos desprezam apenas porque temos calos nas mãos e na alma. Embora considere que esta não é a melhor maneira de solucionar o problema, visto que o problema é sempre colectivo. Eu reconverto. Mas... E os outros, os milhares de milhares de agricultores sem créditos e até sem capacidade de recorrer a outras fontes?

Dificuldades da mais variada ordem: o preço das alfaias, o preço dos fertilizantes. E os canais de escoamento, entregues a uma camada parasitária, que nada produz e tudo lucra, roubando ao produtor, roubando ao consumidor.

– Daí que nós tivéssemos rompido com a Agro-Tarouca, uma cooperativa que, neste momento, já conta com cerca de mil associados. Pois bem: a Agro-Tarouca nasceu para ser um serviço público, uma defesa para o produtor da região e não só. O consumidor por ela atingido beneficia igualmente. Ora uma iniciativa deste género devia ser estimulada, apoiada, reforçada. Qual quê? Segundo a óptica dos governos Mota Pinto e similares, tudo o que tenha o selo de colectivo, de realidade para o bem comum, deve ser combatido, destruído se possível. Como a Reforma Agrária, como as cooperativas de habitação, etc. No que respeita à Agro-Tarouca, estejam porém os senhores da CAP ou da CIA ou lá do que sejam, descansados. Ela não se deixará destruir. E a razão porque não se deixará destruir é ponto para outra narrativa que no devido lugar se fará.

(Continua)

ADMISSÃO DE TÉCNICOS

Empresa Pública, com sede em Lisboa, admite licenciados em Economia e Gestão de Empresas diplomados por:

– Instituto Superior de Economia:
– Universidade Católica;
– Instituto Superior de Ciências do Trabalho e de Empresa; e
– Faculdade de Economia do Porto.

OFERECE-SE

Vencimento compatível;
Exige-se:
Média de curso não inferior a 14.

Resposta a este Jornal ao n.º 3801, no prazo de cinco dias, mencionando elementos de identificação, habilitações literárias, currículo profissional e quaisquer outras referências julgadas de interesse.

DESCONTOS DE VERÃO

EM TODOS OS ARTIGOS DE CAMPISMO E DESPORTO

- **TENDAS**
- **ATRELADOS TENDA:**

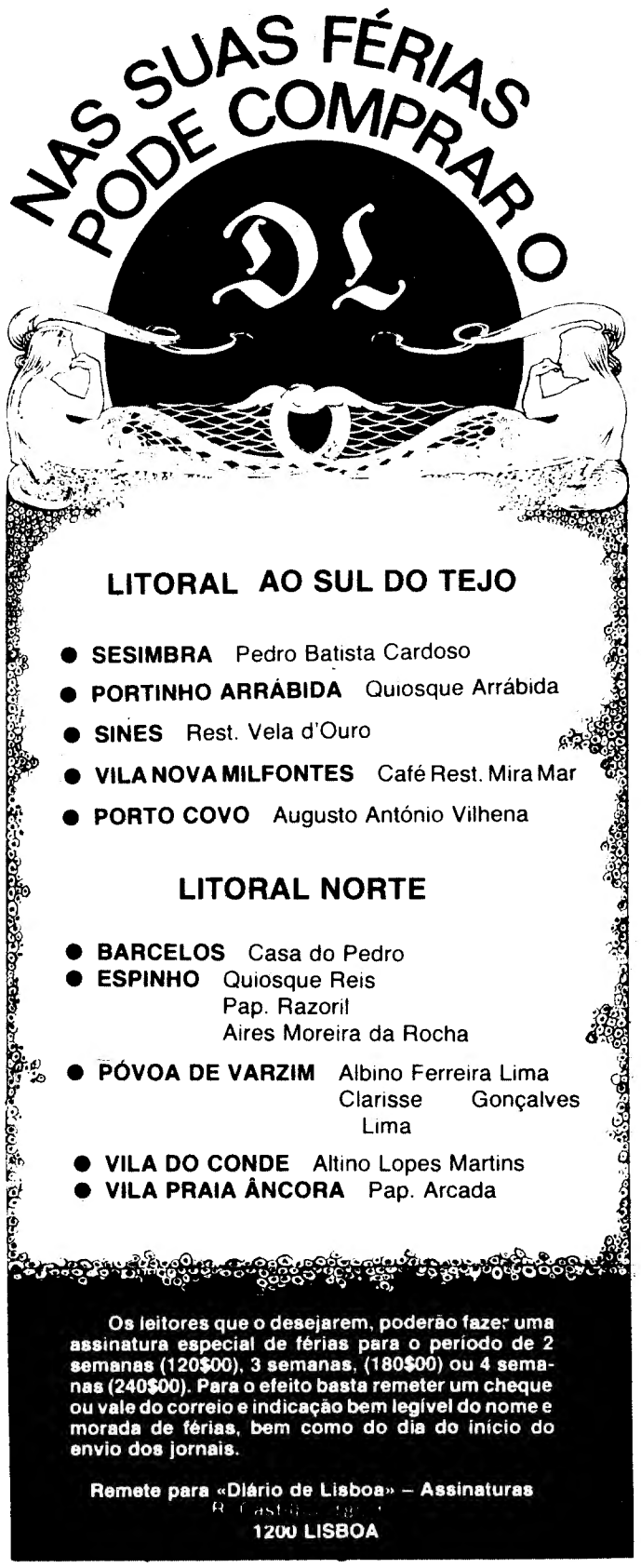
MIRA 2000 e TRÓIA 2001

– TEMOS AINDA PREÇOS DE 1978 –

VISITE A N/EXPOSIÇÃO

Luarcampo Ldª.

RUA PROJECTADA A – LOTE 2 – LOJA A – LISBOA 1700
(Ao fim da Estrada do Desvio, ao Lumiar) – Autocarros, n.ºs 7, 7-A e 36
ENCERRAMOS TODOS OS DIAS ÀS 20 H E SÁBADOS ÀS 13 H



EUROPA

ETA-PM suspende luta armada

A organização separatista basca ETA decidiu interromper os ataques contra objectivos turísticos em território espanhol, mas mostra-se disposta a prosseguir a «luta armada» pela independência do País Basco.

Três dirigentes da ETA Político-Militar declararam ontem, durante uma conferência de Imprensa clandestina, que a organização não voltará a colocar bombas em locais turísticos, porque as autoridades têm-se mostrado incapazes de evacuar os locais antes da deflagração dos engenhos explosivos.

Os guerrilheiros afirmaram que, na sequência da nova estratégia, tinham despoletado oito bombas e retirado os seus comandos de estâncias balneares do Mediterrânio. Revelaram, contudo, os locais da Costa Dourada, a sul de Barcelona, onde hoje deveriam explodir mais três engenhos.

A Polícia, entretanto, descobriu as bombas numa estação de caminho-de-ferro, em Alicante, e nas praias de Siges e Salou, e desactivou, sem problemas, os três engenhos.

A reunião teve lugar em local desconhecido, algures na província de Navarra, e os repórteres foram conduzidos para o local numa carrinha fechada, com os vidros negros, para impedir a visão para o exterior. Durante a conferência de Imprensa, os três dirigentes da ETA usaram meias de vidro na cabeça, para não serem identificados.

Os guerrilheiros responsabilizaram o Governo do primeiro-ministro Adolfo Suárez pelas mortes do passado fim-de-semana em Madrid. Segundo eles, o Governo quebrara um acordo secreto com a ETA e não mandou evacuar a tempo os locais onde tinham sido colocadas as bombas, apesar daquela organização ter avisado a Polícia com suficiente antecedência.

O número de mortos provocados pelos atentados do passado fim-de-semana, na capital espanhola, eleva-se a seis, após a morte, de um polícia reformado que tinha sido hospitalizado, na sequência da explosão de uma bomba na estação do caminho-de-ferro de Atocha.

ATENTADOS CONTRA MEMBROS DA ETA

Enquanto isto, em Bayonne, França, dois membros da ETA Militar refugiados, Juan Lopategui-Carrasco e Angel Iturbe-Abasolo, foram alvo de um atentado.

Lopategui-Carrasco, atingido por uma bala em plena cabeça, foi transportado num estado desesperado para o Hospital de Bayonne, indicou a Polícia.

Os dois refugiados tinham sido condenados a residência fixa em Valensole aquando das eleições legislativas espanholas, em Fevereiro.

Os tiros foram disparados de um carro, onde se encontravam três homens, contra o veículo onde estavam os refugiados bascos.

Iturbe-Abasolo parece ter sido ferido nos rins, mas fugiu e a Polícia tenta encontrá-lo. Uma jovem que os acompanhava nada sofreu.

É de recordar que sempre que em França os militantes da ETA são vítimas de atentados, a ETA Militar responde, em Espanha, com «medidas de represália» contra polícias ou militares espanhóis.

Bicicletas gratuitas

A cidade alemã federal de Bremen ensaia há duas semanas, com êxito, um novo tipo de transporte público a bicicleta.

Assim, tem posto à disposição dos visitantes um serviço de aluguer de bicicletas ao preço de 50 escudos por dia.

No entanto, as autoridades tencionam ampliar este serviço, pondo as bicicletas gratuitamente, à disposição dos cidadaõs, para uso unicamente urbano.

A ideia está a ser bem recebida e outras cidades alemãs mostram-se interessadas pelo assunto.

Automobilistas polacos já podem sair da Roménia

Puderam prosseguir a sua viagem de férias os muitos automobilistas polacos bloqueados desde 1 de corrente nas fronteiras da Roménia devido às restrições impostas por este país à venda de gasolina.

A televisão polaca anunciou com efetio, ontem à noite que tinham desaparecido os enormes engarrafamentos registados nas fronteiras entre a URSS, a Hungria e a Bulgária com a Roménia.

Sgundo o comentador, os automobilistas polacos puderam, graças à complacência das administrações soviética, húngara e búlgara obter carburante nestes países em troca de moedas dos países socialistas e em quantidades suficientes para atravessar a Roménia e prosseguirem o seu caminho.

Por outro lado, acrescentou, os romenos venderam excepcionalmente gasolina contra o pagamento em «lei» no posto fronteiriço de Ghirghiu, à beira do Danúbio.

IRLANDA DO NORTE

Morto um polícia e dois soldados

Um polícia e dois soldados das treopas breitânicas estacionadas na Irlanda do Norte foram hoje mortos em duas acções separadas, em Belfast e no condado de Armagh, junto à fronteira com a República da Irlanda.

O polícia foi abatido a tiro na capital do Ulster, enquanto os soldados pereceram em consequência da explosão duma mina terrestre, em Armagh.

Fontes policiais desta última localidade indicaram que uma patrulha conjunta da polícia e do exército iniciou de imediato investigações com vista à localização dum veículo suspeito que se encontrava estacionado no local da explosão.

Com estes atentados, eleva-se a oito o número de agentes da polícia mortos no Ulster e a 301 o de soldados do Exército Britânico.

ITÁLIA À PROCURA DE GOVERNO

Cossiga encarregado da sétima tentativa

O presidente italiano, Sandro Pertini, pediu ao antigo ministro do Interior, Francisco Cossiga, um democrata-cristão, para tentar formar um novo governo.

O novo primeiro-ministro indigitado tornou claro que não tenciona formar um executivo provisório, interino ou outro qualquer de tipo de excepção.

A Constituição prevê governos com a confiança do Parlamento que são formados segundo as situações políticas concretas, afirmou Cossiga aos jornalistas.

Em seguida, anunciou que vai consultar «muito rapidamente» as forças políticas que estejam dispostas a colaborar com o seu gabinete, o que indica que este não será unipartidário.

Cossiga insistiu no tema «brevidade», pois segundo declarou, as instituições do país devem demonstrar a sua vitalidade apresentando uma solução rápida.

Neste sentido, vai instar junto dos outros partidos políticos para se obter conversações urgentes, de modo a poder apresentar o seu novo elenco ministerial perante o Parlamento nos primeiros dias da próxima semana.

ATENTADO-«FANTASMA» CONTRA DC

Forças policiais que guardavam a sede do Partido da Democracia Cristã, em Roma, dispararam as suas armas contra «terroristas-fantasmas», atingindo um dos seus próprios homens.

Após ter sido anunciado que dois automóveis, transportando seis pessoas, tinham passado a grande velocidade frente à sede da Democracia Cristã, disparando contra a janela do edifício, onde na altura decorria uma reunião sobre a actual crise política italiana, um porta-voz da polícia declarou que os primeiros «disparos» ocorreram quando electricistas utilizavam um maçarico de soldar, perto do edifício.

Foram precisamente pequenas explosões provocadas pelo aparelho que levaram as forças de segurança a pensar que se trataria dum atentado contra a Democracia Cristã.

O comunicado oficial refere que os electricistas tinham provocado três pequenas explosões, quando trabalhavam numa obra, a poucos metros da sede da Democracia Cristã, na Praça de Jesus.

«Guardas de serviço na sede nacional do Partido da Democracia Cristã tomaram as precauções necessárias, disparando alguns tiros para o ar. O guarda Amadoro Romeo ficou ligeiramente ferido» afirma o comunicado, acrescentando que um automóvel que passou frente ao edifício na altura do incidente fizera uma «manobra suspeita».

Antes, a polícia dissera que tinham passado dois automóveis, o primeiro, com três homens e uma mulher e dois homens no segundo, que dispararam contra as janelas do edifício, ao que os guardas de serviço tinham ripostado com tiros de metralhadoras ligeiras.

O secretário-geral do Partido da Democracia Cristã, Benigno Zaccagnini, assomando à janela do edifício antes de perceber que os próprios guardas tinham disparado contra as janelas do mesmo, disse que o «atentado» tinha obviamente «implicações políticas».

Quem é Cossiga?

Cossiga tem 51 anos. É primo afastado de Enrico Berlinguer, secretário-geral do Partido Comunista e, tal como este, de origem sarda. Em Maio de 78, ministro do Interior do Governo Andreotti, tinha-se demitido das suas funções na sequência do assassinato de Moro pelas «Brigadas Vermelhas».

Enquanto durou o caso Moro, Cossiga encarnou a «linha dura», fazendo prevalecer a «razão de Estado», linha dominante na DC.

AFRICA

REUNIÃO DA COMMONWEALTH

Debate-se hoje a questão rodesiana

Um certo apaziguamento, sem esperança contudo, de que seja encontrado um consenso aceitável por todas as partes, surgiu na cimeira da Comunidade Britânica que debate hoje a questão da Rodésia.

O presidente tanzaniano, Julius Nyerere, presidente dos cinco estados da Linha da Frente, e a Grã-Bretanha discursarão hoje no encontro privado de debate do problema rodesiano.

A Grã-Bretanha não apresentará qualquer nova proposta sobre a Rodésia, mas o primeiro-ministro Margaret Thatcher declarou que se servirá dos pontos de vista expressos nesta Cimeira para ajudar à formulação de novos planos «que levem a Rodésia de regresso à legitimidade». Segundo funcionários britânicos, essas propostas deverão vir a lume algumas semanas após a cimeira de Lusaca.

Delegados dos dois sectores sublinharam no entanto, que o apaziguamento verificado não implica que haja ilusões sobre a possibilidade da Grã-Bretanha vir a apresentar uma nova fórmula aceitável a todas as partes, incluindo a facção de Abel Muzorewa e os guerrilheiros da Frente Patriótica.

Nyerere, como porta-voz dos africanos, salientou a resolução adoptada recentemente pela Organização de Unidade Africana em que, pela primeira vez, a Frente Patriótica foi reconhecida como «o único representante autêntico» do povo do Zimbabwe e onde se prometia um aumento material e financeiro do auxílio aos guerrilheiros.

Funcionários da OUA disseram contudo que aquela resolução não impede novas negociações, ponto que Nyerere também repetiu.

A Grã-Bretanha considerou aquela resolução inaceitável. Em conclusão, segundo alguns delegados, a impressão é de que a Grã-Bretanha não levantará as sanções a menos que Muzorewa se mostre disposto a assumir um compromisso.

THATCHER NEGOCEIA CONFERÊNCIA

«The Guardian», na sua edição de hoje, anuncia que o primeiro-ministro britânico Margaret Thatcher e mais cinco participantes na reunião da Comunidade em Lusaca, estão a negociar nos bastidores desta um projecto de Conferência reunindo antes de Novembro todas as partes envolvidas no conflito rodesiano.

Projectada por Thatcher, esta Conferência teria por finalidade a elaboração dum acordo sobre as mudanças constitucionais necessárias em Salisbúria, e sobre a celebração dum referendo ou de eleições gerais no Zimbabwe-Rodésia, afirma o diário em artigo assinado pelos seus dois enviados especiais a Lusaca.

O presidente Kaunda, que podemos ver na foto ao lado da rainha Isabel II, tem tido um papel decisivo na sensibilização da Conferência da Comunidade Britânica para a questão rodesiana

MÉDIO ORIENTE

Israel ataca no Sul do Líbano

Morreram sete guerilheiros palestinianos em consequência do ataque levado a cabo hoje de madrugada por forças armadas israelitas contra duas bases palestinianas no Sul do Líbano – informou o Comando Militar Israelita.

As duas bases atacadas situam-se na região de Kaoukaba, cerca de 15 quilómetros a nordeste da cidade fronteiriça israelita de Metulla. Um dos ataques foi lançado completamente de surpresa mas no outro registou-se um tiroteio entre as forças israelitas e os guerrilheiros na base.

Um porta-voz do comando acrescentou ainda que as bases pertenciam à «Al Fatah».

Iraque desmente execuções

A embaixada do Iraque no Líbano desmentiu que alguns dos conjurados de Julho último tinham já sido executados, afirmando por outro lado que «as informações da Imprensa relativas ao número das pessoas detidas são exageradas».

Este é o primeiro dementido oficial iraquiano relativo às informações referentes à execução pelo menos de quatro conjurados que conspiraram contra o Poder em Julho passado.

«Muitas pessoas que, segundo os órgãos de comunicação estavam envolvidas na conjura, continuam a exercer as suas funções no Estado», esclareceu a Embaixada.

ÁSIA

IRÃO

• O povo vai às urnas
• Criada uma polícia secreta

Os iranianos votam hoje para um conselho que aprovará uma nova Constituição islâmica e os resultados demonstrarão o grau de apoio de grupos que desafiam o chefe de estado não oficial, o «ayatollah» Ruhollah Khomeiny.

O «ayatollah» afirmou que era dever religioso dos iranianos votar, mas dois dos principais partidos políticos do país anunciaram que boicotarão o acto eleitoral.

A média de abstenção revelará quantos dos 20 milhões de eleitores do Irão estão dispostos a seguir os dois partidos moderados no seu desafio ao «ayatollah».

O Partido Republicano Popular Muçulmano (PRPM) anunciou ontem que boicotaria o sufrágio devido a não existirem condições para um voto livre. O partido agrupa os apaniguados do segundo chefe religioso do país, o «ayatollah» Seyyed Kizem Shariat-Madari.

A Frente Nacional, um partido secular que se tornou conhecido durante a luta para derrubar o xá, informou que boicotaria também a eleição devido ao governo não ter conseguido dissipar «a atmosfera de opressão que prevalece».

Partidário de uma islamização total da sociedade, o muito poderoso Partido da República Islâmica, animado pelos incondicionais do «ayatollah» Khomeiny (que pessoalmente não se apresenta) é praticamente o único em liça. Mais de metade dos seus candidatos são religiosos. Estão em competição com os dos «Modjahedin e Khalq» (religiosos progressistas), os «Fedayin e Khalq» (marxistas-leninistas) e os do «Tudeh» (Partido Comunista).

CRIADA A SAVANA

O ministro iraniano do Interior, Hashem Sabbaghian, anunciou a formação de uma organização nacional de informações e segurança que operará dentro e fora do país – revela a imprensa de Teerão.

«Nenhum país, pode ser governado sem informação e portanto nós também precisamos de qualquer forma de serviços secretos», disse Sabbaghian.

Fontes políticas afirmam, no entanto, que já existem serviços secretos a funcionar no Irão.

A nova organização tem a sigla de Savana, segundo as iniciais do seu nome em persa. Savak – era o nome da polícia secreta do xá, que foi desmantelada na sequência do derrube deste.

A Savak que afirmava possuir 100.000 funcionários foi criada, em 1957 com a ajuda da Central dos Serviços Secretos Americanos (CIA) e da polícia secreta israelita Mossad. Depois da revolução três dos sucessivos chefes da Savak foram executados por ordem dos tribunais revolucionários islâmicos.

Desconhece-se o número de empregados que a nova organização vai possuir, mas fontes políticas citadas pela agência UPI afirmam que muitos dos antigos funcionários da Savak transitaram para a nova agência.

NADA DE MISTURAS

Foram ontem proibidos na capital os cabeleireiros de senhoras e as barbeiras.

As autoridades da cidade, declarando anti-islâmicas tais práticas, ameaçaram de encerramento os salões que desobedecerem à ordem, mas a União dos Salões de Beleza apresentou recurso ao primeiro-ministro Mehdi Bazargan contra a proibição, alegando que tal medida é susceptível de agravar o desemprego.

Fuga para a China?

As autoridades chinesas recusaram-se a comentar a notícia segundo a qual, um vice-presidente da Assembleia Nacional Vietnamita, Hoang Van Hoan, havia fugido para a China, aproveitando uma escala em Carachi, do avião no qual ia a bordo. Esta fuga teria ocorrido no dia 3 de Julho e foi noticiada pela revista de Hong-Kong «Far Eastern Economic Review», que citava fontes oficiais de Hanói».

É a primeira fuga de uma alta personalidade política vietnamita para a China. Mas compreende-se perfeitamente, dado que Van Hoa, membro fundador do PC vietnamita, desde sempre se mostrou favorável a Pequim, onde fez a sua instrução militar. Há muito que tinha sido afastado das colsas políticas, dadas as suas posições pró-chinesas.

Primeira demissão no governo Singh

O primeiro-ministro indiano, Chgarab Singh, que ainda não conseguiu completar o seu gabinete, sofreu um ligeiro revés com a demissão do ministro da Justiça – anunciou a agência noticiosa PTI.

A PTI, citando fontes fidedignas, declarou que o antigo juiz do supremo tribunal, Hans Raj Khanna, enviou a Singh a carta de demissão.

Entretanto, mais de mil simpatizantes da ex-primeiro-ministro, senhora Indira Gandhi foram ontem presos quando ela compareceu pela primeira vez num tribunal especial da capital a fim de responder por acusações de conspiração criminosa. Os manifestantes foram posteriormente soltos.

Sorridente e confiante, a senhora Gandhi foi libertada sob fiança de quinze mil rupias e depósito da mesma quantia depois de uma curta audiência de dezoito minutos.

Furacão "Hope" poupou refugiados

As autoridades de Hong Kong afirmaram hoje crer que nenhuma«gente dos barcos» vietnamita se perdeu no mar quando o furacão Hope fustigou ontem esta colónia britânica.

Houve antes receios pela segurança de 400 ou mais refugiados vietnamitas, a quem foi negada autorização para desembarcarem na colónia portuguesa de Macau. Os seus barcos foram rebocados de Macau, no continente chinês, a cerca de 60 quilómetros de Hong Kong, no outro lado da Foz do Rio das Pérolas, para águas internacionais.

Um informador da Polícia de Macau disse que três barcos, com 445 pessoas a bordo, foram rebocados para o mar, na quarta-feira, à tarde. «O sinal número um (primeiro aviso) do furacão foi hasteado em Macau quatro horas depois dos barcos serem rebocados para o mar alto», presseguiu.

«Os refugiados tinham mais do que tempo suficiente para chegar a Hong Kong, antes do furacão atingir essa zona», notou.

Em Hong Kong, um informador governamental disse que tinha quase a certeza «de que os barcos em questão foram aqueles que chegaram à colónia na noite de um de Agosto».

AMÉRICA

Recontros em La Paz

Pereceu uma pessoa e cerca de mais 20 ficaram feridas, duas delas por balas, durante motins políticos no norte de La Paz, informou hoje a Polícia.

Os manifestantes largaram fogo a três viaturas da Polícia, apedrejaram estabelecimentos e tentaram saqueá-los, disseram as autoridades.

A onda de violência registou-se no fim de uma greve geral de 24 horas organizada pela principal central sindical do país como protesto contra alegadas fraudes nas eleições presidenciais de Julho.

A paralisação visava a pressionar o Congresso, recentemente eleito, para escolher o candidato progressista Hernan Siles Zuazo como chefe de Estado.

Os seus partidários argumentam que imensas fraudes na área de La Paz privaram Siles Suazo de 53.000 votos. O resultado oficial dava-o apenas com 1512 votos à frente do seu arqui-rival, o centrista Victor Paz Estenssoro.

O Parlamento efectuou ontem, à noite, a sua segunda sessão, mas não havia indicação sobre quando se realizaria a eleição presidencial.

Morreu Haya de la Torre

O dirigente populista veterano do Peru, Victor Raul Haya de La Torre, que se candidatou, três vezes, sem êxito à Presidência, faleceu em Lima, às primeiras horas de hoje, vitimado por um cancro no pulmão, disseram colaboradores políticos. Tinha 84 anos.

Haya de La Torre, o político mais polémico do país, fundou um partido populista, a Aliança Revolucionária Latino-Americana (APRISTA), há mais de meio século.

A despeito de ser doente, o seu partido nomeou-o novamente para candidato à Presidência nas eleições que foram anunciadas para 1980, a fim de pôr termo a 12 anos de regime militar.

Passou um mês num hospital de oncologia em Houston, Texas, no começo do ano, e não aparecia em público, desde Março.

O seu partido obteve o maior número de votos nas eleições de 1978 para uma Assembleia Constituinte destinada a abrir o caminho a um regresso ao governo civil e Haya de La Torre foi seu Presidente até a falta de saúde o obrigar a demitir-se.

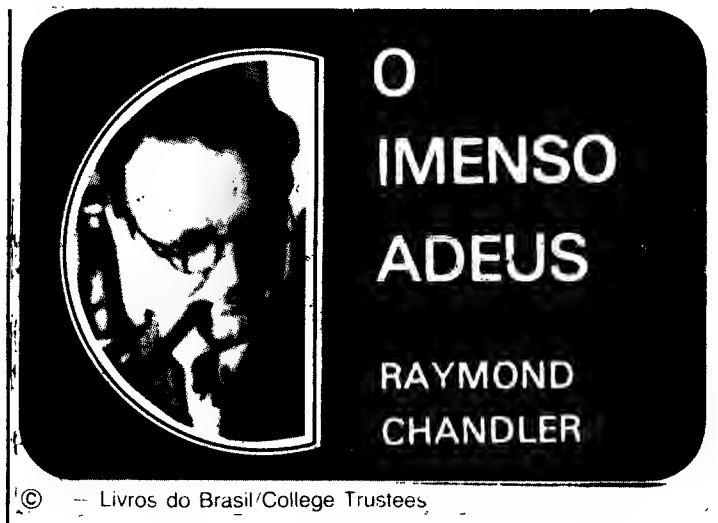
Marcha de muçulmanos para o Paquistão

Cerca de 50 mil muçulmanos não bengalis, retidos no Bangladesh desde o termo da guerra civil, em 1971, iniciam uma marcha de 2400 km para o Paquistão no próximo dia 14 – anunciou o seu chefe, Nasim Khan.

Khan declarou à Reuter que os 50 mil biharis de língua urdu se reúnem na fronteira ocidental do Bangladesh e iniciam a marcha através da Índia «para chamar a atenção do mundo para o nosso desejo de sermos repatriados.»

O Paquistão, no entanto, concordou em aceitar apenas 25 mil.

Cerca de 3300 regressaram a Carachi o mês passado, e outro contigente de 1700 deverá partir no domingo.



© – Livros do Brasil/College Trustees

sou um bebé de olhos azuis a quem acabaram de oferecer uma roca nova.

Saí e o Amos lá estava com o Cadillac à espera. Tornou a levar-me para Hollywood e eu dei-lhe um dólar que ele não aceitou. Ofereci-me para lhe comprar os poemas do T. S. Eliot. E ele respondeu-me que já os tinha.

33

Passou-se uma semana sem que eu tivesse notícias dos Wades. O tempo estava quente e pegajoso e até em Beverly Hills se sentia no ar a acidez do fumo pairando na neblina. Na cidade entrava-nos pela boca e pelo nariz e irritava-nos os olhos. Toda a gente falava na mesma coisa. Tudo que acontecia era consequência dessa estranha neblina. Se o canário não cantava, se o leiteiro estava atrasado, se o cão tinha pulgas, se um velho sofria um ataque de coração quando ia a caminho da igreja, tudo era culpa da maldita neblina. Lá no sítio onde eu morava, as manhãs e as noites estavam geralmente límpidas. De vez em quando apanhava-se um dia inteiro sem haver nevoeiro. Ninguém sabia porquê. Foi num destes dias – uma quinta-feira – que o Roger Wade me telefonou.

– Como está você? Fala Wade.

Pareceu-me lindamente disposto.

– Óptimo, e você?

– Sem beber. E com muito trabalho. Precisamos de ter uma conversa além de que eu lhe devo dinheiro.

– Não pense nisso.

– Que diz a almoçarmos juntos hoje? Você pode estar cá por volta da uma?

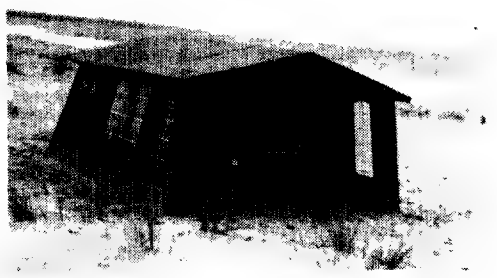
– Acho que sim. Como está o Candy?

– O Candy? – parecia admirado. Devia ter-se esquecido quase completamente do que se passara naquela noite. – É verdade, ele ajudou-o a deitar-me.

203

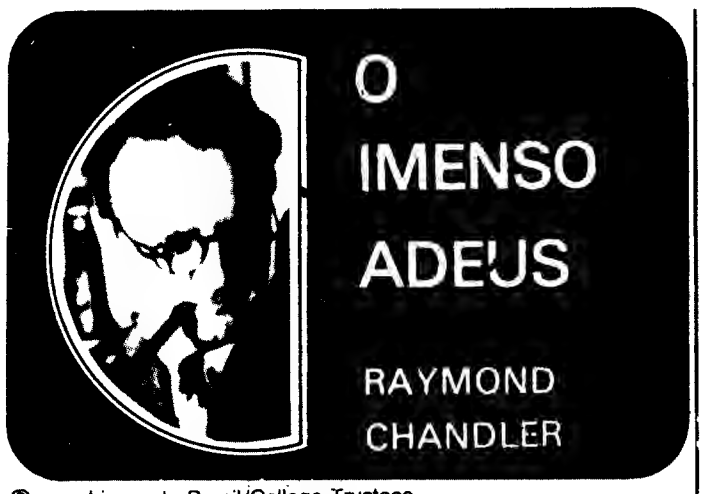
CAMPISTAS

FRACAM — Fabricante de Tendas para Campismo



APRESENTA NO SALÃO DE EXPOSIÇÃO DA COSAN, na Rua Cidade da Horta, lote A5 — PONTINHA, a sua linha de 1979 de TENDAS de 1, 2 e 3 quartos com tecto simples e duplo
FAÇA-NOS UMA VISITA E VEJA OS NOSSOS PREÇOS
Estamos abertos todos os dias incluindo aos sábados, estes das 9,30 às 13 horas

FRACAM
Praça de S. Bartolomeu
Lote R – 8 – Pintinha
Tel. 994118



© — Livros do Brasil/College Trustees

—Ele é uma grande ajuda em casos de emergência. E a sr.ª Wade?

—Está óptima. Foi fazer compras à cidade.

Desligámos e eu continuei sentado na minha cadeira balouçando-me para a frente e para trás. Devia ter-lhe perguntado como ia o livro. Talvez se deva sempre perguntar a um escritor como está a correr-lhe o livro. Mas também pode acontecer que ele já esteja farto da repetição constante desta pergunta.

Logo em seguida tive outro telefonema. Era uma voz estranha.

—Fala o Roy Ashterfelt. O George Peters disse-me para lhe telefonar, Marlowe.

—Há, já sei. Você é o tipo que conheceu o Terry Lennox em Nova Iorque. Ele usava na altura o nome de Marston.

—Exacto. E olhe que é o mesmo tipo. Não é possível haver enganos quando se trata de um tipo como ele. Eu vi-o uma vez aqui com a mulher. Eu estava com um cliente que os conhecia.

—Nada disso tem grande importância hoje em dia. Como era o primeiro nome?

—Deixe ver... Ah, já sei. Era Paul. Paul Marston. E há outra coisa que talvez lhe possa interessar: usava um emblema dos Serviços do Exército Britânico.

—Você sabe o que lhe aconteceu em Nova Iorque?

—Não. Deixei de lá viver. Quando o voltei a ver foi aqui e ele já se tinha casado com a filha do Harlan Potter.

—Já morreram os dois, mas obrigado pela informação.

—De nada. O que lhe disse tem por acaso algum interesse para si?

—Absolutamente nenhum — disse-lhe mentindo-lhe. — Nunca lhe fiz perguntas de ordem pessoal. Ele disse um dia que tinha sido educado num orfanato. Não acha que é possível haver qualquer engano da sua parte?

204

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Proc.º n.º 5668-A
3.ª Secção

Faz-se saber que na execução de sentença pendente na 3.ª Secção do 12.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, movida por Eurofil-Indústrias de Petróleo, Plásticos e Filamentos, SARL, com sede na Rua Tomaz Ribeiro, n.º 45-5.º esquerdo, em Lisboa, contra SEPO — SOCIEDADE EUROPEIA DE PESQUISAS E ORGANIZAÇÕES, LDª; e A. DIAS, LD.ª, ausentes em parte incerta e com as últimas sedes conhecidas respectivamente, na Rua dos Açores, n.º 23, no Barreiro e na Rua Dr. Manuel Pacheco Nobre, n.º 37-B, também no Barreiro, são estas executadas citadas para no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, deduzirem oposição à execução, pagarem à exequente a quantia de 263.426$50 e juros, proveniente de transacção comercial, ou nomearem bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido à exequente esse direito de nomeação.

Lisboa, 23 de Julho de 1979

O Juiz de Direito
a) José Alberto de Azevedo Moura Cruz

O Escrivão de Direito
a) Regino Augusto Lança

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

2.ª Publicação

ANÚNCIO

Correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando o réu ANTÓNIO PEDRO GONÇALVES, artista de circo, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Rua A, 113, porta 4, Vila Moreira, no Bairro da Liberdade, em Lisboa, para, no prazo de 20 dias, findos os éditos, contestar, querendo, a acção de divórcio n.º 2112, da 2.ª secção do 1.º Juízo de Cascais, que lhe move sua mulher, a autora Filomena de Jesus Ferreira Gonçalves, moradora na Rebelva, Cascais, pelos fundamentos dos arts. 1781, al. a) e 1782, n.º 1, do Código Civil, devendo no mesmo prazo opor-se, querendo, ao pedido de concessão de assistência judiciária por aquela deduzido, — sob pena de, não contestando, prosseguir o processo à sua revelia.

Cascais, 22 de Junho de 1979

O Juiz de Direito
Rui de Almeida Mira

O Escrivão de Direito
José António Marques Pacheco

REFORMA AGRÁRIA

CONTINUA A ENTREGA DE RESERVAS...

Organizações de trabalhadores agrícolas solicitam audiência ao novo ministro

Os secretariados e uniões distritais das UCP's e cooperativas agrícolas pediram uma audiência ao novo ministro da Agricultura e Pescas, eng. Joaquim Lourenço, com vista a discutir a situação na zona da Reforma Agrária, onde os serviços regionias do MAP continuam a dar cumprimento aos despachos do anterior executivo.

Ainda ontem foram entregues reservas, nos distritos de Beja, Évora e Portalegre, estando previstas outras para os próximos dias. Os trabalhadores, no entanto, esperam que o governo de Maria de Lourdes Pintasilgo, «inicie o diálogo e estabeleça um clima de paz e tranquilidade.»

À UCP «Primeiro de Maio» de Avis foi retirada uma área de 70 mil pontos, em benefício do agrário Joaquim Mendes Lopes Coelho. Em Reguengos de Monsaraz, na cooperativa «D. Nuno Álvares Pereira», o MAP mandou entregar a herdade da Contenda a Francisco Rolo Baptista.

Por outro lado no distrito de Beja, dois funcionários do Tribunal de Odemira, acompanhados por forças da GNR, deslocaram-se à herdade do Castelo de Ladrões, integrada na UCP «Vitória é Nossa» onde entregaram uma reserva de 437 hectares, correspondentes a 70.527 pontos, aos irmãos Carlos Manuel, Fernando e Maria Isabel Eusébio Pinto.

O secretariado distrital das UCP's e Cooperativas considerou como «indefinida» a situação verificada, com a entrega da reserva na UCP «Vitória é Nossa», sublinhando que em Outubro de 1976. tinha sido entregue aos antigos herdeiros uma reserva, naquela herdade, com 170 hectares, tendo ficado acordado com o MAP que os três irmãos (proprietários) teriam direito apenas a 35 mil pontos. Daí a indefinição referida pelo secretariado distrital das UCP's e Cooperativas de Beja.

Sindicato dos Rurais do Oeste critica PRT para o sector agrícola

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Oeste afirmou que o Governo chefiado por Mota Pinto «tinha feito o jogo da CAP» ao estabelecer salários mínimos inferiores aos já praticados em algumas zonas rurais do País, na Portaria de Regulamentação de Trabalho para o sector agrícola.

Embora admitindo que a PRT «estabelece, no conjunto do clausulado, condições gerais minimamente aceitáveis, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Oeste, ligado à UGT, critica a tabela salarial com base no facto de «não ter em conta as diferenças específicas da economia de cada região do País».

Sublinha ainda que a distinção feita, na PRT, quanto aos assalariados com menos de 20 anos «além de inconstituicional, desconhece que o trabalho indiferenciado assenta frontalmente na capacidade e esforço físico».

NO ÚLTIMO EDITORIAL DO "AÇORES"

Deputados à AR não se devem preocupar com "jogos partidários a nível nacional"

A presença Açoriana na Assembleia da República, embora limitada a quatro deputados, «tem de revestir-se de características muito específicas» — sublinha-se no editorial do último número do semanário «Açores».

O editorialista, a propósito das movimentações partidárias com vista às próximas eleições intercalares, adverte, no entanto, que a escolha dos candidatos deve ser profundamente considerada pelos partidos, recaindo em personalidades capazes de assumirem a missão de «embaixada permanente junto dos órgãos de soberania», a quem interessa manter ao corrente do andamento do processo autonómico da região.

O semanário de Ponta Delgada adianta, ainda, que os Açores precisam de deputados à Assembleia da República que «não estejam preocupados com os jogos partidários a nível nacional, mas que tenham como tarefa primeira o completo e claro esclarecimento das várias forças políticas e sociais sobre os desejos do povo açoriano quanto ao seu próprio futuro».

Criada Comissão de Apoio aos Refugiados e Apátridas

Uma resolução tomada pelo Governo em Conselho de Ministros de 18 de Julho cria no Ministério dos Assuntos Sociais, e na dependência directa da Secretaria de Estado da Segurança Social, uma comissão permanente designada por CARA (Comissão de Apoio aos Refugiados e Apátridas) à qual compete estudar os problemas daqueles, dar pareceres sobre formas de mobilização e coordenação das entidades nacionais e internacionais face ao problema, e submeter à consideração das entidades competentes informações, juízos, planos e propostas relativos ao acolhimento e encaminhamento de refugiados e apátridas.

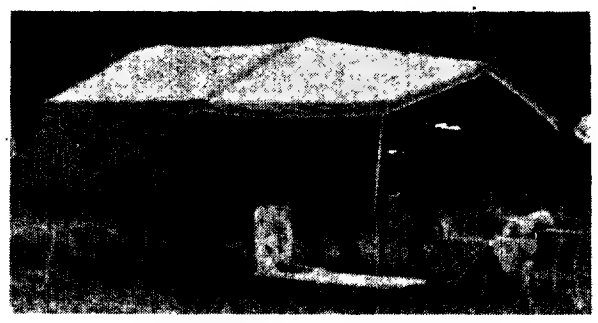
A CARA, que será apoiada por um secretariado e por técnicos, é presidida pelo director-geral da Segurança Social e terá como vogais representantes do MAI, MNE, Justiça e Trabalho. Função primordial da comissão será a integração em Portugal dos refugiados e apátridas ou a sua reinstalação em países estrangeiros, como estrutura de apoio que se ocupe da problemática em questão e constitua interlocutor válido para a ACNUR (alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados).

Recorde-se que o estatuto do refugiado ainda não existe em Portugal, a despeito de esforços desenvolvidos nesse sentido e de movimentações para o efeito desencadeadas. Competirá à Assembleia da República legislar sobre o assunto.

CARMENSOL

TUDO PARA CAMPISMO

CARMENSOL — Firma experiente no fabrico de Atrelados-Tendas. Fabrica atrelados de luxo com materiais de 1.ª qualidade.



NÃO FAÇA SUA COMPRA ANTES DE NOS VISITAR

Os nossos Atrelados-Tenda abrem e fecham rapidamente, têm capota em pergamóide (e não em lona), quarto e sala duplos com caixa de ar e suspensões independentes com sistema barra de torsão.

Damos garantia e assistência permanente.

Também vendemos tendas e todo o material de campismo.

CARMENSOL

Ponte da Silveira — ALVERCA

Informações pelo telef. 258 0348

BELO MARQUES

EXPÕE EM

FARO

com

ARMANDO VIDAL

MEDALHAS E PINTURA NO
SINDICATO DAS GARAGENS
— Rua Tenente Valadim, 36 - 1.º

* * *

INAUGURAÇÃO ● SÁBADO
4-8, às 17 horas

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

5.ª VARA

Execução ordinária; N.º 2446; 2.ª Secção; Exequente Tellus — Representações, Comércio e Indústria, Estrada Nacional, 249-3.º, ao km 2 do Cacém. Executado Manuel Carvalho Mateus e Brás Nunes Nogueira, Louriceira de Cima, Arruda dos Vinhos, Vila Franca de Xira.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da publicação do segundo e último anúncio, citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 23 de Julho de 1979

O Juiz de Direito,
(Herlander António da Conceição Antunes Martins)

O Escrivão de Direito-Adjunto,
(Fernando da Silva Oliveira)

Diário de Lisboa, 2 de Agosto de 1979

BULGÁRIA

Descoberta obra de Liszt

Uma obra do compositor Franz Lizt para coro, que se julgava perdida, foi encontrada por historiadores búlgaros num arquivo de música da Bulgária.

Trata-se do «Hino para coro de homens com acompanhamento de órgão» intitulado «Slamino Slamno, Salmeni», em língua eslava antiga.

A obra foi composta em Junho de 1863 para assinalar o milénio da cristandade dos eslavos e é dedicada aos «apóstolos dos eslavos».

"ONTEM E HOJE"

A história de Moçambique num espectáculo

Cerca de 600 artistas, entre os quais numerosos cooperantes norte-coreanos, cubanos e da Guiné-Conakry, participaram, representando ou colaborando na montagem, num espectáculo recentemente levado à cena no Maputo.

Trata-se de «Ontem e Hoje», uma peça musicada, com intermédios de mímica e dança, cuja acção começa na época pré-colonial e termina no período de transição para a independência, relatando a fundação da Frelimo e o seu combate.

Festa da Paz e da Cultura

Terá lugar amanhã e no domingo, em Vila Real de Santo António, com o apoio do respectivo município, a Festa da Paz e da Cultura,

Participam nesta iniciativa, que se desenrolará em três espaços diferentes (a Praça Marquês de Pombal, o salão e a esplanada do Cine-Foz), artistas nacionais e estrangeiros, entre os quais António Vitorino, Awo Karmandjan, José Afonso, Sérgio Godinho, Francisco Fanhais, Grupo de Cantores do Redondo, Carlos Paredes, José Jorge Letria, Grupo Trovante, Fernando Tordo, Adriano Correia de Oliveira, Luís Cília, Carlos Alberto Moniz, Maria do Amparo, grupos artísticos da RDA, Hungria e República Popular de Angola e ainda elementos do «Grupo 4», «Barraca», Centro Cultural de Évora e Grupo António Aleixo.

Os "generais" foram ao "baeta"

Eis a notícia, de primeira água: os «generais» foram ao «Baeta». Isto é, Rui Mendes, Morais e Castro, António Montês, Manuel Mendonça, Alexandre Melo, Vasconcelos Viana e Carlos Gonçalves, actores do Grupo 4, cortaram (muitíssimo!) o cabelo, por via da peça – «O Chá dos Generais», de Boris Vian – que estrearão nos primeiros dias de Agosto.

Recordamos que este «chá» tem encenação de Rui Mendes e cenários de António Casimiro e pode começar a ser tomado a partir da próxima semana.

Carrilhão do Bolchoi mais fácil de tocar

Cabos, cordas e alavancas era o sistema utilizado para «animar» o grande carrilhão do teatro Bolchoi, em Moscovo, montado por Alexei Kussakin, um sineiro outrora famoso.

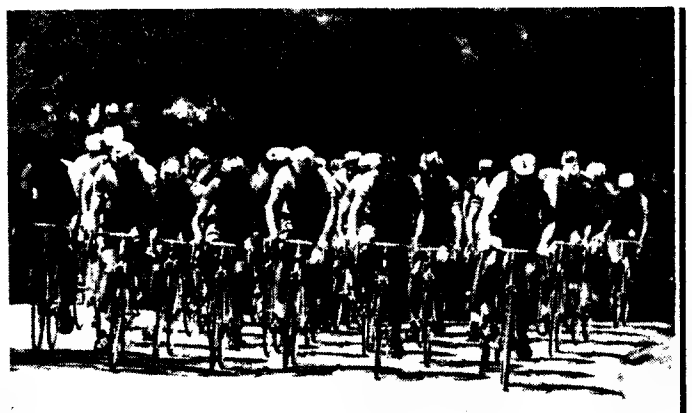
O carrilhão encontra-se a uma altura que corresponde a um edifício de seis andares e tem 36 sinos, um dos quais, o orgulho da colecção, pesa 6400 quilos. Dar o impulso necessário ao badalo, com 300 quilos, era um trabalho que exigia muita habilidade e grande envergadura física.

Valeri Dich, o artista que actualmente toca o carrilhão, propôs a mecanização. A tarefa não era fácil, dado que os sinos do Bolchoi são frequentemente acompanhados por orquestra. As notas do carrilhão devem sincronizar-se com a melodia principal e é preciso ter presente que, por exemplo, aqueles sons percorrem 40 metros antes de se misturarem com os da orquestra.

Valeri Dich conseguiu, contudo, ver realizada com êxito a sua ideia. Os «monstros de bronze» do Bolchoi já funcionam por sistema electromecânico de teledirecção por teclas e podem ser operados dos bastidores do palco.

O novo sistema acabou com as sobrecargas físicas e torna desnecessário que o músico se encontre junto à intensa fonte de som. Deixa assim de ser verdade, no caso do carrilhão do Bolchoi, o provérbio popular que dizia «surdo como um sineiro».

Hoje



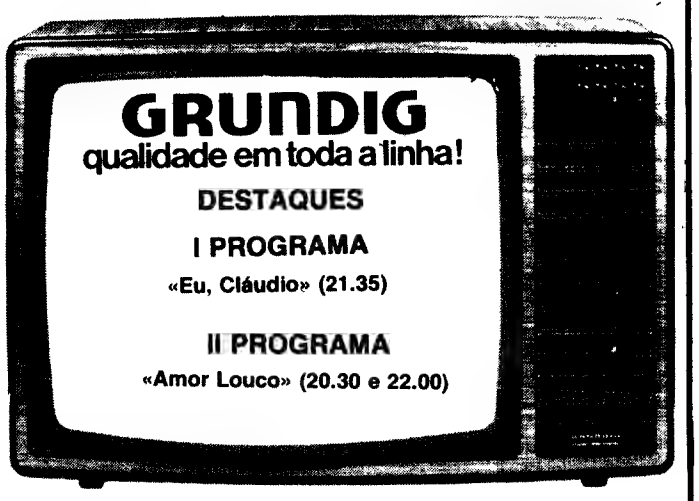
Volta a Portugal em Bicicleta: a edição 41 dá esta noite as primeiras pedaladas

I PROGRAMA

18.30 **Riscos e Histórias**
19.00 **País, País**
19.30 **«O Jogo da Verdade»** – 4.º episódio intitulado «A Festa».
20.00 **Jornal RTP/1**
20.35 **Manuel e Beatriz**
20.40 **Em Questão** – Cesário Borga abordará o tema do desemprego.
21.30 **O Tempo**
21.35 **«Eu, Cláudio»** – 4.º episódio.
22.30 **Volta a Portugal em Bicicleta**
22.50 **24 Horas**
23.05 Fecho

II PROGRAMA

20.30 **«Amor Louco»** – 1.ª parte.
21.30 **Informação/2**
22.00 **«Amor Louco»** – 2.ª parte.
23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

16.45: Sumário; **16.20:** Eurovisão – Taça da Europa em Atletismo; **19.00:** O Circo chegou; **19.30:** 10 milhões de consumidores; **20.00:** Jornal RTP-1; **20.40:** Manuel e Beatriz; **20.45:** Palavras e música; **21.30:** Reportagem do Exterior; **22.35:** Volta a Portugal em Bicicleta; **22.55:** 24 Horas.

II PROGRAMA

20.30: No Rasto de... – 12.º episódio; **21.00:** Écran Mágico – concurso; **23.00:** Fecho.

A GRANDE, INTERNACIONAL E MÁGICA COMPANHIA DE CIRCO DE MADAME TEXAS NA CASA DA COMÉDIA — TEATRO DE BOLSO DE LISBOA
Rua S. Francisco de Borja, 22/24
Diariamente às 21.30 (folga às terças-feiras) marcações pelo tel. 607299
Um espectáculo de FILIPE LA FÉRIA
desconto 40% p/estudantes sub. da SEC e Fundação Gulbenkian
Até 15 de Agosto

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Doutor José Manuel de Paiva Carvalho, Meritíssimo Juiz de Direito do 7.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa

Faz saber que pela 2.ª Secção deste Tribunal e sob o número 13/78, correm seus termos uns autos de execução de sentença em que é exequente LÚCIA FRIAS SOUSA FRAGOSO, residente em Casalinho dos Arcos — Abóbada, e executada DELÍCIAS DE PORTUGAL — Fábrica de Massas Alimentícias, Ld.ª, com sede em Abóbada, e nos mesmos autos correm éditos de VINTE DIAS, findos que sejam TRINTA de dilação e da segunda e última publicação do presente anúncio para citação de quaisquer credores incertos para deduzirem os seus direitos nos referidos autos.

Para constar se passou o presente anúncio, a fim de ser devidamente publicado.

Lisboa, 15 de Junho de 1979
O JUIZ DE DIREITO
O ESCRIVÃO DE DIREITO,

APÓS ANO E MEIO DE AUSÊNCIA

João Guedes vai regressar à ribalta nas "Guerras do Alecrim e Manjerona"

João Guedes, nome que dispensa quaisquer adjectivos, vai regressar ao palco, depois de cerca de ano e meio de ausência. O seu último trabalho como actor foi precisamente em «O Santo Inquérito», no Teatro de Campolide. Todos quantos viram o espectáculo recordam-se certamente da magistral cena do banho. Como se sabe as representações de «O Santo Inquérito» acabaram inesperadamente porque João Guedes adoecera. Já há muito tempo que o actor se restabeleceu, encontrando-se desde então a trabalhar no TEAR, em Viana do Castelo, cooperativa de que é sócio-fundador.

O segundo espectáculo do TEAR, «Ai estes malditos domingos» foi já um trabalho de encenação de João Guedes e a sua reaparição como actor far-se-á, dentro de algumas semanas, em «As Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva, o Judeu, próximo espectáculo do TEAR.

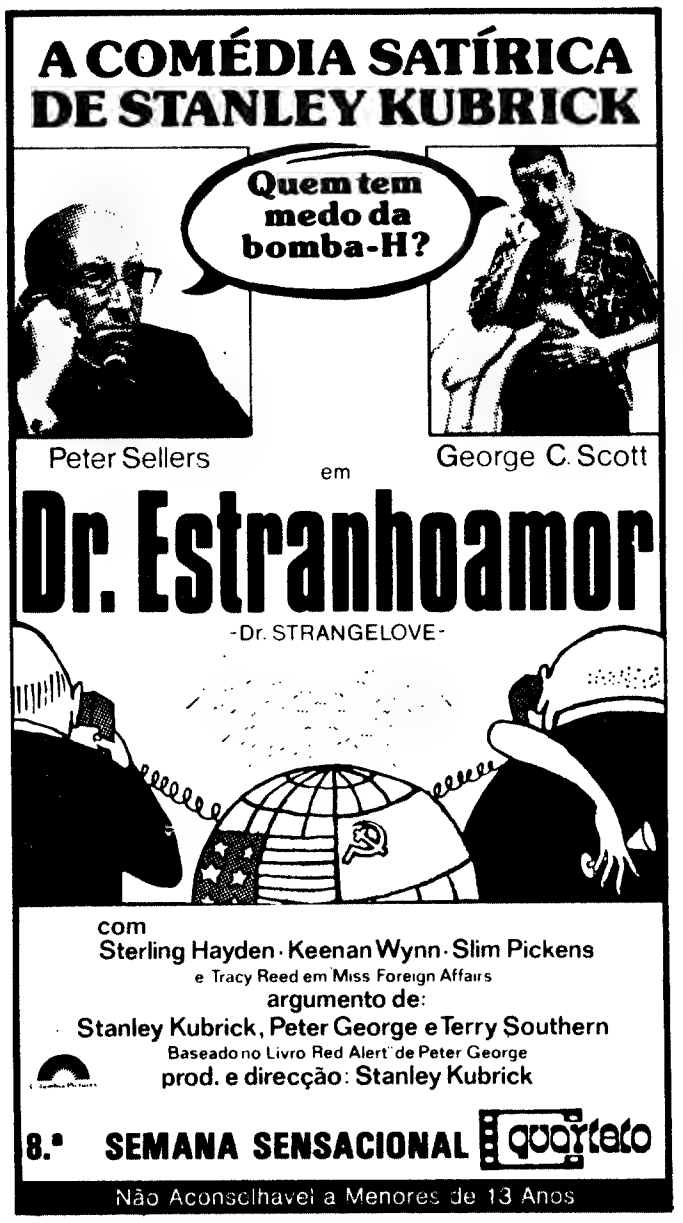
A estreia está marcada para 1 de Setembro, precisamente um ano após a radicação da cooperativa em Viana do Castelo. «É um espectáculo de fôlego que absorveu enormes meios financeiros e recursos técnicos variados» – diz-nos Castro Guedes, responsável pela encenação. E exemplifica: 9 meses de preparação, 30 projectos para 60m2 de cena, 300 m2 de cortinas, cerca de 200 adereços, quase um quilómetro de tecido para o guarda-roupa, cenários construídos a partir de módulos que se agrupam para formar casas, cadeiras, cama, mesas, etc., cerca de 20 instrumentos musicais utilizados ao vivo por dez actores.

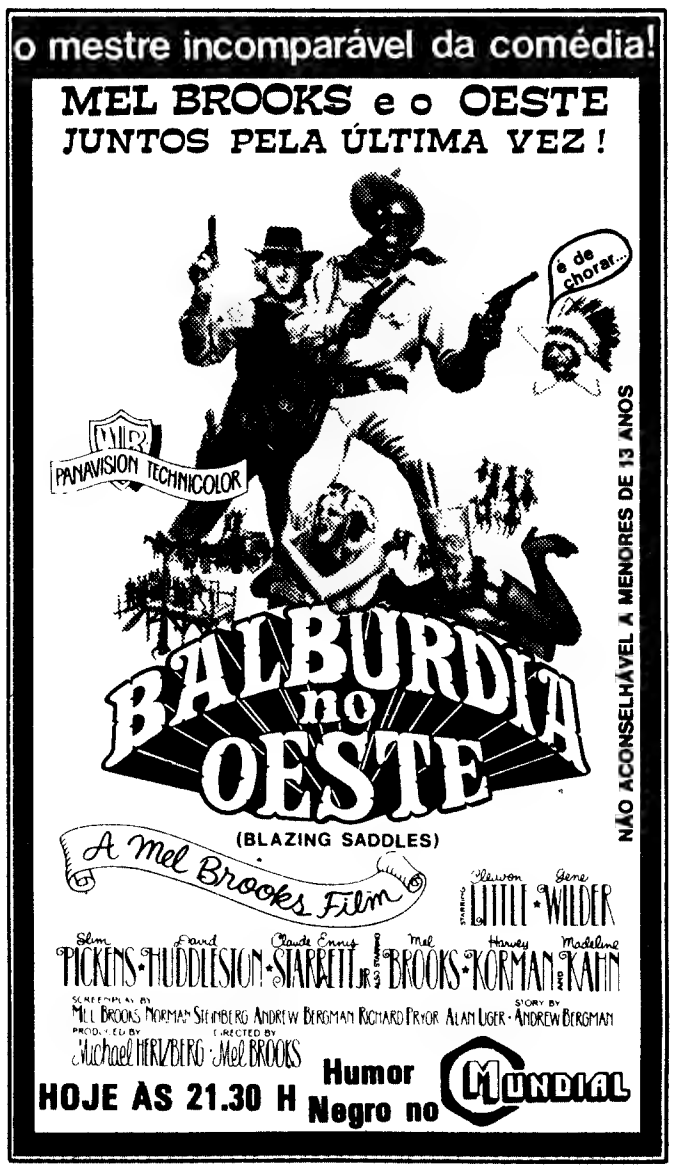
Os cenários e a direcção plástica são de Moura Pinheiro e a coordenação musiccal de João Loio.

Segundo o encenador o espectáculo que deverá estar em cena todos os dias ('aposta de conquista de um vasto público da cidade') procura marcar nitidamente o carácter lúdico que o teatro deve ter: «um jogo que se propõe ao público, uma diversão que se lhe apresenta, servindo-nos da simplicidade para vestir um múltiplo e complexo processo de meios técnicos que vão desde a utilização de velhas e quase abandonadas técnicas – as pancadas de Molière, o pano de boca, a cortina de arlequim, o entreacto, a chapa de zinco a fingir trovoada, etc., – até ao recurso de modernos meios».

Garante-nos Castro Guedes que é, também, um dos principais animadores do TEAR: «este espectáculo é uma aposta de reencontro com o grande público. Sem prescindirmos de um projecto estético autónomo, o qual tem a ver com a ideologia que o reproduz, estamos no caminho que o público – o grande público, da telenovela, do futebol, das romarias – propõe». Tudo isto, acrescenta, foi feito «na base do segredo da culinária: o q.b. – o quanto baste um pouco de tudo! Terá sido a medida exacta? Só o público poderá responder.

Esperamos por ele».





MODALIDADES EM DESFILE

BASQUETEBOL

A selecção nacional de cadetes femininos disputa hoje, em Plasencia, o primeiro dos quatro encontros com a Espanha, que servirão de preparação para a participação daquela selecção no Europeu de cadetes, a disputar na Páscoa do próximo ano, em Saragoça. Os outros encontros serão disputados no próximo sábado em Badajoz e segunda e terça-feira na Covilhã e em Portalegre, respectivamente.

A comitiva portuguesa para os quatro jogos é assim constituída: José Manuel (dirigente); Vítor Costa e Vítor Hugo (treinadores) e as jogadoras Maria João Marchã, Isabel Pascoal, Renata Soeiro, Teresa Barata e Aurora Carvalho (Algés), Guida Freitas, Maria Jorge Lobo e Teresa Aguiar Fernandes (CIF), Cristina Silva e Ana Paula Catarina (Cruz Quebradense). Guida Fonseca (Independente de Coimbra) e Eduarda Silva (Independente do Porto).

NATAÇÃO

Ao contrário do que estava previsto os Campeonatos de Portugal de todas as categorias, que amanhã se iniciam, já não se disputam em Coimbra. Com efeito, devido a desentendimentos com a Associaçõ Regional de Coimbra, a Federação decidiu transferir aqueles campeonatos para a piscina dos Olivais, em Lisboa.

Portugal não se inscreveu no Torneio da Europa para equipas C, devido à Federação não ter a verba necessária para a deslocação. Com efeito, a Federação já gastou com as actividades desenvolvidas, até esta altura da época, mais do que os três mil contos, que lhe vão ser atribuídos como subsídio.

ANDEBOL

A Federação Portuguesa de Andebol convocou para o estágio da Selecção Nacional de Juniores, que se realizará em Coimbra, Amorim (F. C. do Porto), Santa Bárbara (Salvaterrense), Prezado (Belenenses) e Neves (S. Mamede); jogadores de campo – Crespo (Paço d'Arcos), Baptista e Samora (Benfica), Mendonça, Bernardino e Florência (Belenenses), Valente, Belone e R. Ferreira (Passsos Manuel), Luís Filipe, Mário Gentil, Manuel Pedro, Marques, Xavier e José Carlos (Encarnação), Silvestre (Alfeite), Pires (Almada), Caldeira (Pedro Nunes), Mário Sousa (F. C. do Porto), Aguiar e Carlos Pinto (S. Mamede) e João Curto (Setúbal).

Este estágio destina-se a preparar a selecção de juniores para a disputa da fase preliminar do Campeonato da Europa em que Portugal está envolvido.

TÉNIS

Pela primeira vez em Portugal um jogador foi expulso no decorrer de um encontro. A «honra» coube a Luís Filipe, que insultou não só o adversário como protestou em demasia junto do árbitro, durante um encontro a contar para a Taça Clube de Ténis de Viana.

TÉNIS DE MESA

A equipa masculina de Portugal classificou-se em 24.º lugar entre 25 países concorrentes e a feminina em 23.º, nos Campeonatos Europeus de Juniores da modalidade, que decorreram em Itália.

Individualmente, Diamantino Pinto alcançou o 17.º lugar, o que foi a melhor classificação dos jovens lusos.

XADREZ

António Fernandes classificou-se na 13.ª posição no Campeonato Mumdial de Xadrez para menores de 17 anos, que terminou em Belfort. O argentino Tempore foi o vencedor do torneio, com 8,5 pontos, em igualdade com o inglês Short, mas com a vantagem de nunca ter sido derrotado.

FUTEBOL COMEÇA HOJE

Benfica na "estranja" e Belenenses em Braga

Hoje é o primeiro dia desta nova temporada futebolística cuja abertura oficial só está marcada para o último domingo deste mês, em que as equipas portuguesas entrarão em acção.

Enquanto o Benfica lá na «estranja», mais precisamente na Alemanha, terá de se haver com o poderoso Shalke 04, que tem seis internacionais alemães nas suas fileiras, a nível interno o Belenenses irá até Braga para defrontar o Sporting local.

Entre os benfiquistas dois pequenos problemas de última hora afligem Mário Wilson. Alhinho e Chalana estão ligeiramente tocados e caso não possam alinhar serão substituídos por Laranjeira e Toni. Se os dois puderem alinhar o técnico encarnado pensa apresentar logo às 21 e 30, a seguinte formação inicial:

Bento; Bastos Lopes, Humberto, Alhinho e Alberto; Pietra, Shéu e Chalana; Nené, Reinaldo e Fonseca.

O Belenenses, que partiu ontem de Lisboa tendo pernoitado em Barcelos, onde passará o dia de hoje, defronta logo à noite o Braga, em casa deste último.

Será um primeiro teste dos comandados de Juca que permitirá avaliar como se encontram as duas formações. Salvo qualquer contrariedade, Juca deve fazer alinhar no 1.º de Maio a seguinte formação inicial: Delgado; Esmoriz, Luís Hora, Amilcar e Carlos Pereira; Eurico, Isidro e Baltasar; Cepeda Lincoln e Gonzalez.

AINDA O ATLÉTICO-ALMADA

O Conselho de Disciplina, que ontem re reuniu, decidiu instaurar um processo disciplinar relativamente aos factos ocorridos no encontro de repetição Atlético-Almada, cumprindo deste modo, o que foi determinado pelo Conselho Superior de Justiça.

O Conselho de Disciplina pensa que na sua próxima reunião, a realizar na quinta-feira, já poderá dar à sua sentença.

GARRIDO NO GRÉCIA-URSS

António Garrido foi convocado pela UEFA para dirigir o Grécia-URSS que se disputará no proximo dia 12 de Setembro, em Atenas e conta para o Grupo VI do Campeonato Europeu.

JUNIORES LESIONAM-SE

Entre os juniores que se encontram em estágio preparando-se para disputar o «Mundial» da categoria, a realizar no Japão, as lesões grassam. Grilo, Diamantino e Galvanito são os casos mais graves e não poderão participar, esta tarde, no jogo-treino a realizar com uma equipa do Benfica.

REFORÇOS LEONINOS

Adérito e Moreno, um guineense e um cabo-verdiano, respectivamente, estão a treinar à experiência no Sporting cujas equipas poderão eventualmente vir a reforçar. Adérito já treinou com os juniores, enquanto Moreno já também o fez, mas com os seniores.

Afinal o guardião Vaz que na última época alinhou pelo Académico de Viseu não irá fazer esta temporada em Alvalade. Com efeito, o Sporting desinteressou-se do concurso daquele jogador.

MÁRIO VENTURA EM ESPANHA

Depois de se terem gorado as hipóteses de transferência para França, a Espanha aparece, agora, como destino possível do médio setubalense Mário Ventura. O clube setubalense está em negociações com uma colectividade espanhola e espera-se uma decisão para os próximos dias.

Entretanto, o Setúbal continua a preparar-se em Tróia sob o comando do treinador adjunto Miguel, já que Hagan só chegará no dia 10, data a partir da qual a preparação se passará a fazer no estádio do Bonfim.

Antes do «nacional», os setubalenses disputarão dois torneios para ganharem rodagem. Assim, participarão no torneio quadrangular do Sporting, que se disputa a 11 e 12 do corrente, e no torneio de Santander, que se realiza a 16, 17 e 18 do corrente. Neste último torneio os sadinos terão como advesários a equipa local e o Gijon.

PORTO JOGA AO SÁBADO EM BRAGA E SETÚBAL

Até este momento já são conhecidos três pedidos de antecipação em relação às jornadas do «nacional». Assim o F.C. Porto jogará ao sábado às 21 e 30 em Braga (1.ª jornada – 26 de Agosto) e em Setúbal (4.ª jornada – 15 de Setembro).

O outro pedido de antecipação foi entregue pelo Setúbal e respeita ao jogo da 2.ª jornada com o Marítimo, que igualmente se disputará a um sábado (1 de Setembro), às 21 e 30.

JOSÉ HENRIQUE NA MADEIRA

José Henrique, o conhecido guarda-redes que durante muitos anos foi o titular das balizas benfiquistas, chegou hoje à Madeira, a fim de se integrar no esquema de preparação do seu novo clube o Nacional. Com José Henrique chegou também Paris (ex-Estoril), que esta época representará igualmente o Nacional.

AÇORES CONVIDA O MARÍTIMO

O Lusitano de Angra do Heroísmo convidou o Marítimo a deslocar-se àquela cidade açoriana, a 17 do corrente, para ali disputar um jogo. O convite está em estudo.

CHICO EXPLOSÃO «REBENTA» HOJE

Chico Explosão um dos novos reforços brasileiro do União de Leiria deve «rebentar» hoje, em Lisboa, vindo do outro lado do Atlântivo. Do aeroporto seguirá directamente para Monte Real, local de preparação da turma leiriense.

ULISSES (EX-BENFICA) NO ESTRELA DA AMADORA

O jovem e prometedor Ulisses, que foi júnior do Benfica, é o reforço mais sonante (por enquanto) do Estrela da Amadora, equipa que este ano estará no escalão secundário com os olhos postos em voos mais altos. «Afastar o clube de dificuldades» e «colocar a equipa na posição que o clube merece» (palavras de João Gomes, presidente da direcção), depois de, em dois anos, trepar até à II Divisão, são os principais objectivos do Estrela da Amadora, que além de Ulissescontará nas suas fileiras (ainda do rol de aquisições) com Tony e Marinho, ambos do Sacavenense, V. Teixeira (Odivelas), Honorato (Vendas Novas), Caetano (Unidos), V. Manuel (ex-Odivelas), Matos (Olivais), Tomás (Bucelas) e Caetano (Oriental). O técnico é Mourato, que foi «central» e internacional ao serviço do Sporting, enquanto Pedro Santos é o chefe do departamento de futebol do clube.

IBRAIM MARCOU O GOLO DA VITÓRIA

O antigo jogador do Varzim, Ibraim, marcou o golo da vitória por 2-1 do Rochester Lancers sobre o Fort Lauderdale, num encontro da liga norte-americana de futebol, disputado quarta-feira.

Ibraim, que apontou o tento aos 38 minutos de jogo, esteve ainda na base do primeiro golo da sua equipa, lançando em profundidade Branko Segota, que, isolado, não teve dificuldade em marcar aos dez minutos.

O golo do Fort Lauderdale foi apontado por Clive Walker, aos três minutos.

BRASIL VENCEU A ARGENTINA

O Brasil venceu a Argentina por 2-1, em jogo a contar para o grupo II da Taça América em futebol, disputado, no Rio de Janeiro.

O primeiro tempo terminou com um empate a uma bola.

O Brasil abriu o activo aos três minutos de jogo, com um golo de Zico, que, captando um centro do extremo-esquerdo Zé Sérgio, rematou sesgado, batendo o guardião Vidalle.

A Argentina empatou o jogo aos 29 minutos, quando o extremo-esquerdo Coscia desarmou o defesa central brasileiro Edinho, correu para a baliza à guarda de Leão e rematou na passada, sem hipótese de defesa para o guardião Canarinho.

O Brasil resolveria a contenda a seu favor com um golo de Tita, aos 54 minutos, após boa troca de passes com Zico.

Com ambas as equipas sem grande parte dos seus jogadores titulares, o interesse do encontro residia na disputa entre o brasileiro Zico e a nova coqueluche do futebol argentino, Diego Maradona.

Como se previa, os pontos altos do encontro foram dados pelas duas «estrelas», que deram um autêntico festival de técnica futebolística, criando as melhores oportunidades de golo das respectivas equipas.

GARRINCHA HOSPITALIZADO

O antigo jogador da selecção brasileira de futebol, Garrincha, foi internado quarta-feira em estado grave numa clínica do Rio de Janeiro. Segundo os médicos, Garrincha sofreu um ataque de hipertensão durante um encontro amigável disputado domingo.

O famoso extremo direito, 42 anos, começou a sentir, no decorrer da partida, dores de cabeça e vómitos e, no dia seguinte, os médicos aconselharam o seu internamento.

Desde o seu afastamento do futebol, há treze anos, Garrincha leva uma vida turbulenta com graves problemas matrimoniais e bebendo demasiado.

MAIER TEVE ALTA

Sepp Maier, guarda-redes da selecção de futebol da República da Alemanha, teve hoje alta do hospital universitário de Munique, onde se encontrava inter-

Continua na pág 16

Ulisses, um jovem futebolista que despontou no Estádio da Luz e, depois, por incompatibilidade com o técnico Ângelo saiu do Benfica, teve (há dois anos) honras de chamada à selecção nacional de juniores. Aqui o vemos (quarto a contar da esquerda, no grupo dos ajoelhados) entre Araújo (hoje no Barreirense) e Álvaro (União de Leiria). Ulisses, que muito pode oferecer ao futebol, está actualmente a treinar no Estrela a Amadora

Embora os dirigentes do Sporting não neguem nem confirmem, parece ser mais do que uma hipótese o facto de Otto Glória vir a ser o futuro treinador dos «leões». O assunto é capaz de ficar resolvido na próxima segunda-feira, quando João Rocha for a Sevilha falar com o conhecido treinador

Assassinado por marcar três golos

Por ter marcado três golos, o futebolista uruguaio Rafael Palomino foi morto a tiro por um adepto do clube adversário, Maximo Ayala – soube-se hoje em Lima.

O incidente ocorreu durante o desafio entre as equipas amadoras «Atlas» e «Rayo», na localidade de Cobriza, a sudoeste da capital uruguaia.

Quando faltavam poucos minutos para terminar a partida, Ayala abandonou o estádio, e foi a casa buscar uma espingarda regressou ao campo, invadiu o relvado e disparou sobre Palomino, autor dos três golos do «Atlas». O infortunado jogador teve morte imediata.

Ayala disparou ainda sobre quatro jogadores do «Atlas», ferindo-os nos braços e nas pernas. O assassino foi detido pela polícia.

ATLETISMO: NOS 5 000 METROS

Aniceto sem Mamede não conseguiu os mínimos

Aniceto Simões não conseguiu obter os mínimos olímpicos nos 5000 metros, durante a prova ontem realizada, especialmente para o efeito, no Estádio de Alvalade. Sem a presença de Mamede que mais tarde se mostrou agastado com o facto de só lhe terem dito de manhã que ia correr à tarde e por isso mesmo não compareceu, Aniceto Simões teve a ajuda de Carlos Lopes e Hélder de Jesus, mas quedar-se-ia a 15 segundos dos mínimos.

«Aquilo foi corrido aos esticões. Tanto andava muito depressa como muito devagar. Vi logo que não íamos conseguir os mínimos.» Dizia Aniceto, justificando o fracasso, para logo acrescentar que «só não desisti porque veio cá muita gente para me ver».

Aniceto Simões não se mostrava, no entanto, preocupado com o facto de não ter atingido os mínimos e chegou mesmo a declarar, que os pensava alcançar esta época.

Os resultados da prova de 5000 metros foram os seguintes: 1.º, Aniceto Simões (Sporting), 13,50; 2.º, João Campos (Sporting), 13.58; 3.º, Fernando Miguel (Sporting), 14.05,5.

Nas outras provas disputadas só há a salientar o facto de Vítor Mano ter igualado o recorde nacional dos 100 metros ao fazer o tempo de 10,4.

VETERANOS TAMBÉM CORREM

O Clube de Veteranos do Atletismo continua com a sua actividade no próximo domingo, levando a efeito mais um torneio mensal de pista que se disputará no Jamor, a partir das 9 e 30. Serão disputadas provas de «endurance», 1000 metros, peso, 200 metros, altura, disco, dardo e comprimento.

A 26 de Agosto disputar-se-á o Pentatlo Nacional, também no Estádio do Jamor, sendo a ordem de provas a seguint. comprimento, dardo, 200 metros, disco e 1500 metros.

FUTEBOL COMEÇA HOJE

Continuação da pág. 15

nado desde 14 de Julho.

Um porta-voz do hospital declarou que Maier, 35 anos, saiu **relativamente bem** e que se podia dar alta **sem medo algum.**

No acidente ocorrido nos arredores de Munique, Maier sofreu perfuração do diafragma, fractura do braço direito, da clavícula e de uma costela, além de diversas contusões.

CHINA DERROTADA POR 4-0

A selecção nacional de futebol da China disputando o seu primeiro encontro na Inglaterra, foi derrotada por 4-0 pelo West Bromwich Albion. Ao intervalo registava-se um empate sem golos.

A equipa chinesa impressionou particularmente no meio campo, onde sobressaiu Huang Xiangdong. A superior finalização do Albion, que ficou em terceiro lugar no último campeonato inglês, provou ser decisiva na segunda parte. Luo Seng marcou na sua própria baliza aos 51 minutos e um minuto depois Cyrille Regis elevou para 2-0.

Ally Brown fez 3-0, aos 59 minutos e o internacional Peter Barnes, transferido do Manchester City o mês passado marcou o último tento com um soberano remate de 30 metros, a 11 minutos do termo da partida.

A China disputará mais três encontros, em Inglaterra, contra o Middlesbrough, o Chelsea e o Glasgow Celtic.

Entretanto, por essa Europa fora, os diversos clubes vão-se defrontando em encontros de carácter particular, a fim de adquirirem forma para a época futebolística que se avizinha.

Em Munique, o Bayern derrotou o Nottingham Forest, actual campeão europeu por 5-0, com golos de Niedermayer, Breitner, Dieter Hoeness, Durneberger e de Burns, na própria baliza.

Outra equipa alemã, o Hamburgo derrtou os espanhóis do Valência, por 3-0, com golos de Reitmann (2) e Brubesch.

SUSPENSOS 9 INTERNACIONAIS NO URUGUAI

Dezassete futebolistas titulares do Clube Nacnional, actual líder do campeonato do Uruguai, foram hoje suspensos pela direcção do clube.

A suspensão deve-se à recusa dos jogadores em deslocarem-se a Assunção, para defrontarem a selecção juvenil do Paraguai, por não terem chegado a acordo quanto ao prémio de jogo.

Nove dos 17 jogadores suspensos integram a selecção uruguaia, que irá participar na Taça da América.

Adivinhar é proibido

Com o «espírito» traçado que foi possível fazer-se em face da (lógica) necessidade da organização procurar precaver os gastos da corrida, arranca hoje a 41.ª Volta a Portugal em bicicleta, indiscutivelmente a competição desportiva mais popular e a única que, custando uma torrente de dinheiro, é gratuitamente servida à porta do mais exigente espectador.

Entre os 66 homens na prova, há (evidentemente) alguns favoritos. A todo o gás, ou com menos gente a jogar nas suas cartas. De qualquer modo, é inegável que, pelo facto de ter ganho quatro dos «Grandes Prémios» da corrente temporada, Firmino Bernardino (o mais experiente e rodado dos ciclistas na competição e aquele que ostenta maior número de qualidades intrínsecas) aparece na primeira linha de fogo, suplantando as credenciais de um Fernando Mendes que raramente ousa atirar-se para a fogueira ou de um Belmiro Silva que, excelente no contra-relógio, pode não ter a seu lado companheiros capazes de o impulsionarem para o mais apetecido «bis».

Mas, outras figuras estão na palma da mão, prontas a surgirem entre o lote (escasso) dos verdadeiros candidatos ao topo do pódio: o ladino Adelino Teixeira e os manos Sousa Santos vão ter muita gente a «torcer» em seu favor, tal como Venceslau e o quase certo «rei da montanha», esse pequeno e brioso Luís Teixeira que é um admirável atleta e belo companheiro da estrada.

Depois, ou de braço dado (como o leitor entender) teremos de ter olhos para a juventude de Marco Chagas e a veterania (mal temperada em serenidade...) de Joaquim Andrade, tal como para os «sprints» de Alexandre Ruas, Carlos Santos e Manuel Gomes, qualquer deles a **fazer-se** às metas-volantes que valem saborosas notinhas no bolso.

Joaquim Fonseca, Floriano Mendes, Flávio Henriques, Alfredo Gouveia e Manuel Martins, tal e qual como Rui Azevedo, Jacinto Paulinho, Carlos Vitorino ou o «clássico» e esfusiante Américo Silva, são homens para se precipitarem, antes de ninguém, para o risco branco das várias metas. Porém, é forçoso atender quem bate à porta com a segurança de uma carreira feita palmo-a-palmo: Francisco Miranda, Fernando Fernandes, o sentimental João Marta e o veloz Lima Fernandes podem dar o lamiré fatal na luta por formações, dado o colectivismo de um Bombarral que sai para a Volta rodado e sem problemas.

Fugas vão estar a cargo dos inevitáveis José Sá, João Sampaio, do franzino António Alves, do esgrouviado Raul Terêncio, de Manuel Silva e António Fernandes, Norberto Medeiros e Abel Coelho, Armindo Pereira e Raul Fachadas, com Celestino de Jesus e Herculano Silva, mais o «ratinho» António Castro e o «velhote» José Madeira a acalmarem os ânimos, enquanto achas são atiradas para a pira incandescente por Carlos Raimundo, António Brás, Armindo Pereira, Laurentino Silva e dois Manuéis (Correia e Gonçalves) vindos dos Algarves e sequiosos de regressarem a casa no pelotão fronteiro.

Enfim: seria um nunca acabar de cogitações, qual delas mais válida e pertinente, mas todas passíveis de resvalarem para o zero se um golpe de infortúnio (queda, por exemplo) vier roubar à Volta, prematuramente ou lá para o lavar dos cestos, algum dos fulcros-eixos em que gira a grande festa da estrada.

Neves de Sousa

Montanha

Dotada com o prémio instituído pelo nosso prezado colega «A Capital», a contagem de montanha está espalhada pelos seguintes pontos:

Etapas	Locais	Categoria 1.ª	Categoria 2.ª	Categoria 3.ª
1.ª - Espinho-Guimarães	Sameiro		*	
2.ª - Guimarães-Mondim de Basto	Senhora da Graça	*		
3.ª - Mondim de Basto-Lamego	Alto de Velão		*	
	Serra das Meadas	*		
4.ª - Lamego-Águeda	Alcofra			*
6.ª - Leiria-Seia	Mucela			*
7.ª - Gouveia-Mirandela	Alto da Ventosa		*	
	Trincheira do Nabo			*
8.ª - Mirandela-Pinhel	Trincheira do Nabo			*
	Moncorvo			*
	Pinhel (placa)		*	
9.ª - Pinhel-Guarda	Alto da Marofa			*
	Guarda (meta final)	*		
10.ª - Guarda-Penhas da Saúde	Santa Cruz			*
	Penhas da Saúde (meta final)	*		
11.ª - Covilhã-Elvas	Gardunha			*
	Alto do Tejo			*

Os dinheiros

16 equipas a 6 corredores x 14 dias	967 680$00
64 acompanhantes equipas x 14 dias	645 120$00
96 corredores x 240$00 (salários perdidos)	184 320$00
Carros de Apoio equipas	350 000$00
Carros Oficiais	240 000$00
Ambulância	30 000$00
Carro Vassoura	37 500$00
Carro Palanque e Som	25 000$00
Camioneta Barreiras	100 000$00
Elementos Oficiais (diárias)	650 000$00
Empregados Secretaria (Gratificações)	15 000$00
G.N.R.	200 000$00
Telefones	100 000$00
Material de Secretaria	70 000$00
Volta de Preparação	100 000$00
Prémios	540 000$00
Organização	40 000$00
Livro da Volta e diversos	90 000$00
Serviço de motas (2 carros)	90 000$00
Juizes e Cronometristas	500 000$00
TOTAL	5 024 620$00

RECEITAS PROVÁVEIS

De Publicidade	1 600 000$00
De chegadas e terras de passagem	2 200 000$00
TOTAL	3 800 000$00
Prejuizo calculado	1 224 620$00

Vencedor de etapa, em estrada: 3000$00; vencedor de c/r e prólogo: 4500$00.

Prémio da montanha, contagem de 1.ª categoria, 1000$00 (1.º classificado); contagem de 2.ª categoria, 700$00 (1.º classificado); contagem de 3.ª categoria, 600$00 (1.º classificado).

A camisola verde dá um prémio diário de 400$00 e a branca de 200$00.

O primeiro classificado nas metas volantes terá um prémio de 600$00.

Os prémios da combatividade e do azar, atribuídos pelo júri (diariamente) dão direito a 600$00.

Amanhã e depois

Amanhã, sábado, 1.ª etapa: ESPINHO-GUIMARÃES (150 km). Partida: junto ao Grande Casino de Espinho, às 13 horas: chegada: Estádio Municipal de Guimarães, às 17 horas. Percurso por Picoto, Carvalhos, V. N. de Gaia, Porto, Ponte D. Luís I (tabuleiro superior), Av. dos Aliados, Pr. Marquês de Pombal, Areosa, Ameal, Maia, Trofa, V. N. de Famalicão. Riba de Ave, Pevidém, Ponte de Serves, Ronfe, Taipas, Braga, Bom Jesus, Sameiro, Briteiros, Taipas, Caneiro e Guimarães.

Domingo, 2.ª etapa: GUIMARAES-MONDIM DE BASTO (84 km). Partida: Campo da Feira, às 9 e 30: chegada: Alto da Senhora da Graça, às 12 horas. (Campo da Feira, Felgueiras, Lixa, Amarante, Celorico de Basto, Fermil, Mondim de Basto e Estrada Florestal, até à Senhora da Graça.)

À tarde, 3.ª etapa: MONDIM DE BASTO-LAMEGO (89 km). Partida: Largo do Conde de Vila Real, às 16 horas: chegada: Serra das Meadas (Viveiros), às 18 e 30. (Alto do Velão, Campeã, Parada de Cunhos, Régua, Lamego, Serra das Meadas.)

A prova terá início hoje, às 21 horas, com a partifa de José Monteiro, da equipa «Manufacturas Olímpico» terminando com a corrida de Belmiro Silva, vencedor da Volta-78, que partirá às 23.29 s.

Os 66 ciclistas inscritos foram divididos em 22 séries de três, os quais partirão com intervalos de um minuto entre si. Os intervalos entre cada série serão de cinco minutos.

Joaquim e José Sousa Santos

21.00, José Monteiro (Manufac.); 21.01, António Ferreira (Coel.); 21.02, Manuel Silva (Porto); 21.07, Benedito Fer. (Bombar.); 21.08, Américo Cardoso (Zala); 21.09, Fabian Garcia (Coimb.); 21.14, José Felpete (Manufac.); 21.15, Manuel Correia (Campin.); 21.16, Vítor Salvador (Manique); 21.21, António Dias (Sangalhos); 21.22, Abel Coelho (Lousa); 21.23, Norberto Medeiros (Coel.); 21.28, António Fernand. (Porto); 21.29, Georgino Seixas (Bomb.); 21.30, Raul Carvalho (Zala); 21.35, Adão Costa (Coimbrões); 21.36, Fernan. Pereira (Manuf.); 21.37, António Brás (Campin.); 21.42, António Cristóv. (Maniq.); 21.43, Luís Gregório (Sangalhos); 21.44, Celestino Jesus (Lousa); 21.49, Manuel Martins (Coel.); 21.50, J. Sousa Santos (Porto); 21.51, Lima Fernandes (Bomb.); 21.56, João Sampaio (Zala); 21.57, Flávio Henriques (Coimb.); 21.58, Laurentino Silva (Manuf.); 22.03, Carlos Raimundo (Camp.); 22.04, Armindo

Os que vão para a estrada

COIMBRÕES-FAGOR

1, Belmiro Silva; 2, Adão Costa; 3, Álvaro Pino; 4, António Alves; 5, Fabian Garcia; 6, Flávio Henriques; 7, Guilherme Rocha.

ZALA-FUNDADOR

10, Américo Cardoso; 11, Américo Silva; 12, Fernando Mendes; 13, João Sampaio; 14, Joaquim Fonseca; 15, José Sá; 16, Raul Carvalho.

BOMBARRAL-UNIROYAL

20, Benedito Ferreira; 21, Fernando Fernandes; 22, Francisco Miranda; 23, Georgino Seixas; 24, João Marta; 25, Lima Fernandes; 26, Raul Terêncio.

PORTO-UNIÃO DE BANCOS

30, Adelino Teixeira; 31, António Fernandes; 32, Joaquim Sousa Santos; 33, José Sousa Santos; 34, Manuel Gomes; 35, Manuel Silva; 36, Venceslau Fernandes.

COELIMA

40, Alexandre Ruas; 41, Alfredo Gouveia; 42, António Ferreira; 43, Joaquim Cunha; 44, Luís Teixeira; 45, Manuel Martins; 46, Norberto Medeiros.

LOUSA-TRINARANJUS

50, Abel Coelho; 51, Carlos Santos; 52, Celestino Jesus; 53, Firmino Bernardino; 54, Marco Chagas; 55, Raul Fachadas.

SANGALHOS-ÓRBITA

60, António Dias; 61, Floriano Mendes; 62, Herculano Silva; 63, Joaquim Andrade; 64, Luís Gregório; 65, Rui Azevedo.

MANIQUE-ABITARE

70, António Cristóvão; 71, Armindo Pereira; 72, Jacinto Paulinho; 73, Manuel Claudino; 74, Vasco Belizário; 75, Vítor Salvador.

CAMPINENSE CARASONA

77, António Brás; 78, Carlos Vitorino; 79, Carlos Raimundo; 80, José Madeira; 81, Manuel Correia; 82, Manuel Gonçalves.

MANUFACTURAS OLÍMPICO

84, António Castro; 85, Fernando Pereira; 86, Joaquim Silva; 87, José Felpete; 88, José Monteiro; 89, José Pereira; 90, Laurentino Silva.

FAGOR
FRIGORÍFICOS · MÁQUINAS DE LAVAR
VIVA MELHOR COM FAGOR

Manuel Gomes

Marco Chagas

Francisco Miranda

Luís Teixeira

Alexandre Ruas

António Fernandes

Pereira (Maniq.); 22.05, Herculano Silva (Sang.); 22.10, Raul Fachada (Lousa); 22.11, Joaquim Cunha (Coelima); 22.12, Manuel Gomes (Porto); 22.17, Raul Terêncio (Bombar.); 22.18, Joaquim Fonseca (Zala); 22.19, Álvaro Pino (Coimbrões); 22.24, José Pereira (Manufact.); 22.25, Carlos Vitorino (Campin.); 22.26, Manuel Claudino (Man.); 22.31, Rui Azevedo (Sangalhos); 22.32, Carlos Santos (Lousa); 22.33, Alfredo Gouveia (Corl.); 22.38, Joaquim S. Santos (Porto); 22.39, João Marta Bombarral); 22.40, José Sá (Zala); 22.45, Guilherme Rocha (Coimb.); 22.46, António Castro (Manuf.); 22.47, José Madeira (Campinen.); 22.52, Vasco Belizário (Maniq.); 22.53, Floriano Mendes (Sang.); 22.54, Marco Chagas (Lousa); 22.59, Luís Teixeira (Coelima); 23.00, V. Fernandes (Porto); 23.01, Fern. Fernandes (Bomb.); 23.03, Américo Silva (Zala); 23.07, António Alves (Coimbr.); 23.08, Joaquim Silva (Manuf.); 23.13, Man. Gonçalves (Camp.); 23.14, Jacinto Paulino (Maniq.); 23.15, Joaquim Andrade (Sang.); 22.20, Firm. Bernardino (Lousa); 23.12, Alexandres Rua (Coelima); 23.22, Adelino Teixeira (Porto); 23.27, F. Miranda (Bombarral.); 23.28, Fernando Mendes (Zala); 23.29, Belmiro Silva (Coimbrões).

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CICLISMO 33ª VOLTA A PORTUGAL 79 EM BICICLETA 1899–80: ANIVERSÁRIO–1979

NEVES DE SOUSA nosso enviado especial viaja com AVIS RENT A CAR

eminck (Bélgica) e Knut Knudsen (Noruega) são os principais candidatos à vitória. Encontram-se inscritos 91 ciclistas distribuídos por sete equipas de 13 elementos cada.

A primeira edição da corrida efectuou-se em 1911, realizando-se intermitentemente até 1962, ano em que foi cancelada por falta de apoio publicitário.

O itinerário da Volta à Alemanha, que principia na segunda-feira, é o seguinte: dia 6 – «prólogo» de seis quilómetros na cidade de Munique; dia 7 – Munique-Estugarda (232 quilómetros); dia 8 – Estugarda-Heilbronn (149 quilómetros); dia 9 – Helbronn-Bad Homburg (165 quilómetros); dia 10 – Bad Homburg-Colónia (245 quilómetros) e dia 11 – Colónia-Essen (88 quilómetros) e Essen-Dortmund (89 quilómetros).

MUNDIAIS DE PISTA

O ciclista belga Roger de Vlaemink participa nos próximos campeonatos mundiais de pista de perseguição. Vlaemink, que foi campeão mundial de ciclocrosse conquistou esta temporada várias vitórias em provas de estrada, vai agora tentar a sua sorte numa outra especialidade do ciclismo.

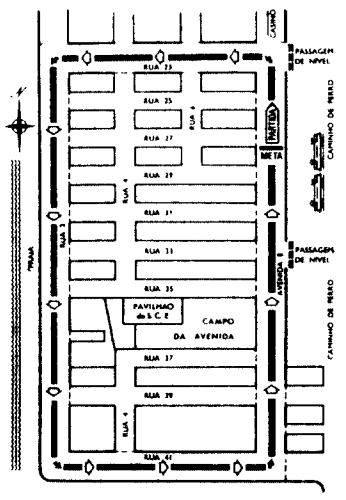
História grande da "Volta"

Anos	Dias	Km.	Vencedores individuais	Medias	Vencedores por equipas
1927	20	1985	Augusto Carvalho (Carcavelos)	24.191	Carcavelos
1931	22	2074	José Maria Nicolau (Benfica)	25.087	Benfica
1932	22	2448	Alfredo Trindade (L. C. R. de Janeiro)	26.072	Benfica
1933	23	2441	Alfredo Trindade (Sporting)	26.598	Sporting
1934	15	1842	José Maria Nicolau (Benfica)	27,770	Benfica
1935	15	1880	César Luís («Leões» F. Alentejo)	29,481	C de Ourique
1938	17	2332	José Albuquerque (C. de Ourique)	30.165	C. U. F.
1939	18	2617	José Fernandes (C. U. F.)	30,522	Benfica
1940	12	1766	José Albuquerque (Sporting)	30,539	Sporting
1941	17	2268	Francisco Inácio (Sporting)	31,082	Sporting
1946	23	2306	José Martins (Iluminante)	31,435	Iluminante
1947	13	2285	José Martins (Benfica)	30.388	Benfica
1948	15	2208	Francisco Moreira (F. C Porto)	31,907	F. C. Porto
1949	18	2635	Dias dos Santos (F. C. Porto)	32,470	F. C. Porto
1950	19	2860	Dias dos Santos (F. C. Porto)	30.831	F. C. Porto
1951	16	2485	Alves Barbosa (Sangalhos)	29,052	Sangalhos
1952	18	2647	Moreira de Sá (F. C. Porto)	30.306	F. C. Porto
1955	15	2452	Ribeiro da Silva (Académico do Porto)	32,145	F. C. Porto
1956	16	2577	Alves Barbosa (Sangalhos)	32.703	Académico
1957	18	2689	Ribeiro da Silva (Académico do Porto)	33,205	Académico
1958	23	3361	Alves Barbosa (Sangalhos)	33.691	F. C. Porto
1959	20	2643	Carlos Carvalho (F. C. Porto)	33,715	Licor 43
1960	19	2551	Sousa Cardoso (F. C. Porto)	33.906	F. C. Porto
1961	19	2607	Mário Silva (F. C. Porto)	36,755	Sporting
1962	19	2589	José Pacheco (F. C. Porto)	36,289	Sporting
1963	15	2325	João Roque (Sporting)	37,408	Benfica
1964	17	2396	Joaquim Leão (F. C. Porto)	39,404	F. C. Porto
1965	17	2627	Peixoto Alves (Benfica)	35,922	Flandria
1966	16	2342	Francisco Valada (Benfica)	36.473	Benfica
1967	16	2363	Houbrechts (Flandria)	37,708	Sporting
1968	15	2325	Américo Silva (Benfica)	36,981	Sporting
1969	18	2616	Joaquim Andrade (Sangalhos) (a)	35,429	F. C. Porto
1970	16	2294	Joaquim Agostinho (Sporting)	37,864	Sporting
1971	16	2326,1	Joaquim Agostinho (Sporting)	38,488	Sporting
1972	16	2397	Joaquim Agostinho (Sporting)	36,770	Sporting
1973	15	2294	Jesus Manzaneque (Messias) (a)	34,706	Sporting
1974	16	2085,5	Fernando Mendes (Benfica)	37,433	Benfica
1976	14	1588	Firmino Bernardino (Benfica)	36,816	Sangalhos
1977	14	1598,6	Adelino Teixeira (Lousa)	36,779	Águias
1978	15	2061,2	Belmiro Silva (Coimbrões) (b)	36,416	Lousa

(a) Joaquim Agostinho concluiu a prova com a camisola amarela mas veio a perdê-la devido a castigo por controlo anti-«doping» positivo.
(b) Foi Fernando Mendes (F. C. Porto) quem chegou ao fim com a camisola, mas também devido a castigo por recusa de submeter-se ao controlo anti-«doping», perdeu o primeiro lugar.

Esta Noite

Logo, a partir das 21 horas o carroussel da Volta inicia-se em Espinho, no seguinte rectângulo:

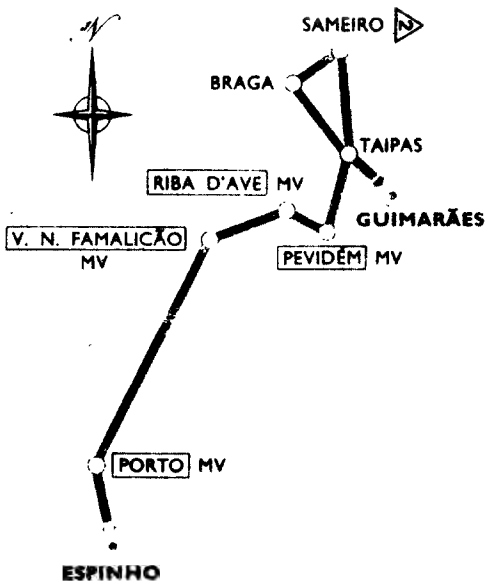


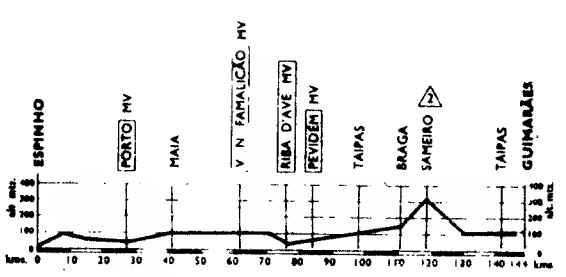
VOLTA À ALEMANHA

A 29.ª edição da Volta à Alemanha para profissionais realiza-se entre 6 e 11 do corrente mês, num total de 936 quilómetros. A prova consta de um «prólogo» e de cinco etapas, sendo a mais longa (a penúltima) na extensão de 245 quilómetros, entre Bad Homburg e Colónia.

Dietrich Thurau (da RFA), Gerrie Knetemman e Jan Raas (ambos da Holanda), Francesco Moser (Itália), Roger de Vla-

Traçado e perfil da etapa de amanhã





FAGOR
FRIGORÍFICOS · MÁQUINAS DE LAVAR
VIVA MELHOR COM FAGOR

ROTEIRO CULTURAL

Amanhã e domingo, as mais variadas gentes do Algarve tem, em Vila Real de Santo António, a I Festa da Paz e da Cultura. E os nomes valem por si: António Portanet, cantor andaluz, o pianosta libanes Awo Karmadjian, o grupo «Disput», da RDA, António Vitorino de Almeida, José Afonso e Sérgio Godinho e mais alguns cantores portugueses. A festa vai mesmo ser de cultura e de paz. O grupo de teatro «Adoque» que entranto começou uma digressão dum mês pela província, representará o «1926 Noves Fora Nada». Depois segue para Évora, Setúbal, Barreiro, Amora, Corroios, Sesimbra e Almada. Já apresentará excertos do novo espectáculo «Querias Mas Não Te Dou» a estrear muito em breve. Mas regressemos à Festa da Cultura e da Paz: haverá palhaços, bandas de música, largadas de pombos e balões, alternando com recitais de música e poesia, canto e teatro, numa manifestação exaltante de paz e amizade entre os povos. A festa é organizada pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação com o apoio das Câmaras Municipais de Vila Real de Santo António e Ayamonte. Abre com uma sessão, amanhã às 16 horas no Cine-Foz, com a presença do padre Telles Sampaio, do maestro Vitorino de Almeida e do presidente da CM de Vila Real de Santo António, António Reis.

Já com 15 anos de luta, o Teatro-Estúdio e Lisboa, mau grado a falta de qualquer subsídio, sobrevive e mantém-se activo. Apresenta agora um espectáculo popular – «Quando Banda Tocar», que já foi integrado nas Festas da Cidade organizadas pela Câmara Municipal de Lisboa. O texto e direcção são de Luzia Maria Martins. A interpretação cabe a Helena Feliz, Cremilda Gil, Suzana Prado, Ana Margarida, Augusto Leal e Joaquim Rosa (regressado à companhia depois de alguns anos de ausência). A companhia de arraiais assentes no Teatro Vasco Santana conta apenas com o público para sua sobrevivência.

Fazer teatro na província continua a ser difícil, por isso mais digno do respeito e necessidade de participação de todos. Exemplo disso, é o 1grupo de teatro amador de Barcelos, «A Capoeira». Com três intensos anos de existência conta no seu activo de animação cultural com nove trabalhos (cinco criações colectivas, duas encenações de peças e duas colagens de textos). Foi acusado agora pelo presidente da Câmara de Barcelos, em declarações prestadas ao «Diário de Lisboa», integradas numa série de reportagens «Abril Sopra a Noroeste», do nosso camarada de redacção Eugénio Alves, de trabalhos «demasiado avançados» pelo que «não se adaptam ao nosso meio». «A Capoeira» reagiu e escreveu uma carta ao presidente da Câmara, provando-lhe carecer de verdade a afirmação. Com efeito, ao longo de 74 representações, 44 das quais para crianças e 30 para adultos, «nunca ouvimos a mais pequena manifestação ou nota de repúcio, materializada quer em protestos ruidosos, abandono de sala ou assobios, dos nossos 16 600 espectadores». O grupo tem levado Barcelos à região e ao País. Actuou já em Lisboa, Porto e Braga e também em auditórios humildes como Vilar do Monte, Abourim e Cossourado. Apesar de várias vezes convidado, o presidente da Câmara nunca assistiu a nenhuma representação de «A Capoeira», que leva a cabo uma importante actividade cultural na zona de Barcelos sem qualquer contrapartida de carácter material. Que prossigam, são os nossos desejos.

Sem que na devid1a altura deixemos de fazer uma referência mais pormenorizada, avançamos já hoje com o que vai ser um acontecimento cultural susceptível de agitar as águas mornas deste estio cultural de Lisboa – no próximo dia 10 é inaugurada na Fundação Gulbenkian uma exposição representativa dos maiores nomes da arte norte-americana dos últimos 50 anos. Organizada pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque para celebrar o seu cinquentenário, esta é a maior mostra de arte norte-americana até hoje organizada, fora dos Estados Unidos. Inclui 250 obras e estarão patentes trabalhos de pintura, escultura, arquitectura, desenho, fotografia e filmes de artistas como Calder, Willem de Kooning, Morris Louis, Frank Stella, Mark Rothko, Andy Warhol e Roy Lichtenstein.

Helena Félix e Cremilda Gil em «Quando a Banda Tocar»

Correm fora de Lisboa e do circuito normal das galerias, exposições de pintura portuguesa, numa mostra de vitalidade de algum poder local no âmbito da divulgação da cultura. Nadir Afonso, Artur Bual, José Rodrigues e António Soares, exporão individualmente, durante todo o mês de Agosto, em Vila Nova de Cerveira. Estas exposições estão inseridas num programa de divulgação das artes plásticas organizado na região da «Costa Verde» pela Câmara Municipal desta localidade, em colaboração com o Grupo Alvarez.

A nossa sugestão: se gosta de conhecer melhor a Lisboa em que vive, aproveite algum do seu tempo de férias para uma visita ao Museu da Cidade (Rua do Açúcar, Tel. 382182). Está aberto todos os dias, excepto às segundas-feiras, das 11 às 17 horas. E aqui que poderá encontrar o maior múnero de iconografia e documentação ligada à evolução da cidade de Lisboa.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por UNIDADE) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$80	53$80
ALEMANHA OCID. (marco)	26$45	27$55
ÁUSTRIA (xelim)	3$55	3$75
BÉLGICA (franco)	1$585	1$685
BRASIL (cruzeiro)	1$25	1$85
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	40$70	42$70
(notas de 5 a 1000)	41$20	43$20
DINAMARCA (coroa)	9$10	9$50
ESPANHA (peseta)	$711	$811
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	47$95	49$95
(notas de 5 a 1000)	48$45	50$45
FINLÂNDIA (marco)	12$55	13$15
FRANÇA (franco)	11$35	11$95
HOLANDA (florim)	24$05	25$05
INGLATERRA (libra)	109$95	113$95
ITÁLIA (lira)	$054	$064
JAPÃO (iene)	$203	$233
NORUEGA (coroa)	9$60	10$10
SUÉCIA (coroa)	11$45	12$05
SUÍÇA (franco)	29$15	30$25
VENEZUELA (bolívar)	9$90	10$90

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 2 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões do Norte e Centro e pouco nublado no Sul e o vento era fraco de noroeste

TEMPERATURAS DO AR

V.DO CASTELO	20°
BRAGANÇA	19°
VILA REAL	20°
PORTO	18°
P. DOURADAS	14°
COIMBRA	20°
CABO CARVOEIRO	20°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	22°
ÉVORA	21°
SINES	19°
BEJA	22°
SAGRES	19°
FARO	24°
PONTA DELGADA	20°
FUNCHAL	23°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.39	3,3 m	3.59	1,6 m
23.14	3,2 m	16.37	1,6 m
Dia 4			
11.49	3,4 m	5.07	1,5 m
		17.43	1,4 m
Dia 5			
0.22	3,4 m	6.07	1,3 m
12.49	3,7 m	18.39	1,1 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado nas regiões de Norte e Centro passando gradualmente a céu pouco nublado em todo o território; vento fraco de noroeste, neblinas matinais

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.41
OCASO ÀS 20.44

DIA 8 DIA 14 DIA 22 DIA 30

rádio

1.° Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: Música popular; **20.30**: Temas de desporto; **21.00**: 5.° episódio do folhetim «Lisboa em Camisa», de Gervásio Lobato; **21.15**: Música variada; **22.00**: Conjuntos; **22.30**: Forma e conteúdo, trissemanário das artes e das letras; **24.00**: Último jornal.

2.° Programa

17.25: Música de piano; **18.00**: Noticiário cultural; **18.10**: Música portuguesa; **19.00**: Canções francesas; **19.30**: As palavras dos músicos, pelo dr. João de Freitas Branco; **20.00**: Música de câmara; **21.30**: Transmissão de um concerto, do Pavilhão dos Desportos de Lisboa, pela Orquestra Sinfónica da RDP; **00.00**: Intercâmbio musical; **00.30**: Música sacra; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto; **17.40**: Contacto com o Mundo; **18.10**: Tutti-frutti, histórias sérias da música ligeira; **18.45**: Espaço Citroen; **19.45**: Teatro trágico; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Cartaz; **21.00**: Música para meditar; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.33**: Rubrica musical; **23.00**: Projecção.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; **18.03**: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

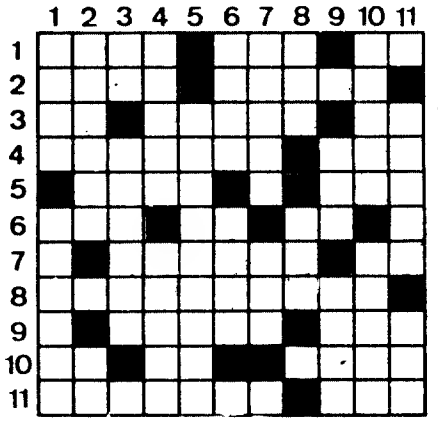
18.08: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença, **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.30**: Actualidade económica; **23.55**: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.° 12 400

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Recusa. Nota musical.
2 Rio da Russia. Designação dos teólogos, entre os árabes.
3 Atmosfera. Vagabunda. Centiare.
4 Habitantes de Lácio. Álcool de melaço
5 Caiadura. Três vogais iguais.
6 Duna na Suécia. Porco. Plutónio (s.q.).
7 Remaras para trás. Autores.
8 Misturarias.
9 Pessoa muito parecida com outra. Agarrei.
10 Aqui. Vê. Educa.
11 Vila e concelho do distrito de Viseu. Espádua.



VERTICAIS:

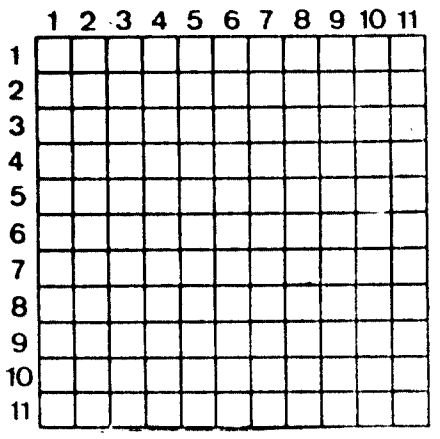
1 Pronome relativo. Adianta.
2 Rainha de Portugal. Brisa.
3 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Tabernas.
4 Mil e cinquenta e sete em romano. Separa de.
5 Tomassem nota de.
6 Flutuo. Rezai.
7 Desenruga. Lavra.
8 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Letra grega.
9 Título honorífico na Índia. Ilha do Pequeno Belt.
10 Anda para trás. Do mesmo modo.
11 Amarissa. O mesmo que ion.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.° 8460

HORIZONTAIS:

1 Ilha chilena da Polinésia. Cacete.
2 Adória. Marcar o peso da tara em.
3 Região. Gosta muito de.
4 Amontoarias.
5 Vento frio, agreste (pop.).
6 Sufixo que designa estado. Nosso Senhor.
7 Germes (fig.). Post scriptum.
8 Delicadeza. Vazios.
9 Frutos do tomateiro usados em culinária. Para barlavento.
10 Sufixo que designa abundância. Pronome pessoal. Grande ribeira da Ásia Russa.
11 Terra de Somális.



VERTICAIS:

1 Pacíficos. Corda de reboque.
2 Tornaremos doce.
3 Adicionar. Primores.
4 Nome de flor. Ave. pernalta
5 Batráquio. Tomem nota de.
6 Grei. Rei de Israel.
7 Ave pernalta do Brasil. Neon (s.q.). Chiste.
8 Basta. Da Russia. Nota musical.
9 Rezai Cálcio (s.q.).
10 Enfiada. Guia (fig.).
11 Rezas. Sobe ao cume.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 12 399

HORIZONTAIS:

1 QUANDO Da. A.
2 Siai. Piorar
3 SC. Raso.
4 Gastaremos Aprova. Or Loa Asi Rau.
7 Ir Aar
8 Abara.
9 Havai. Ode
10 Atinarias
11 Asas. Miara.

VERTICAIS:

1 Qs. GALINHA
2 Ui! Apor Ata
3 Aa Sra. Avis
4 Nisto Abana.
5 Cava. Aias
6 Op Rasar
7 Afim
8 DORME A Ai
9 Arão RAPOSA
10 Assoar.
11 Aro Ru. VELA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 8459

HORIZONTAIS:

1 Cão Adorada.
2 Avistaremos.
3 Porão Amura
4 Aso Ia.
5 Semearias.
6 Os. Messas.
7 Cadentes. Ca
8 Antas. Com
9 Aa Tac. Papo.
10 Doaram. Lar
11 Passaremos

VERTICAIS:

1 Capadócia.
2 Avós. Sa. Ada
3 Oiros Dá. Os
4 Sã Ementas.
5 Atormentara
6 Dá. Estacar
7 Ora. Ases. Me.
8 Remiras
9 Amuais Calo.
10 Dor. Copas
11 Asais. Amor

Provérbio: QUANDO A GALINHA DORME A RAPOSA VELA.

farmácias

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

JOÃO XXI, Av. João XXI, 17-A (T. 886462); **UNIÃO**, E. Benfica, 592-594 (T. 700092); **COMBRO**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **DOURO**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **RONIL**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **DALVA**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **LISBONENSE**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **EUROPA**, Av. General Roçadas, 27-A-B (T. 843880); **CONCEIÇÃO**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **COMBATENTES**. Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953); **CORREIA**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **GONÇALVES**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662).

REFORÇO

RIO DE JANEIRO, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **SIMÕES PIRES**, R. da Prata, 115 (T. 362350); **SEPOL**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **ELMA**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 666176); **ALIANÇA**, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); **SANTA MARIA**, Av. 5 de Outubro, 283-A 763016); **S. JOÃO**, E. da Luz, 124-A (T. 783179); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); **CONTEMPORÂNEA**, R. Conde Redondo, 26-30; **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PONTINHA**, E. Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297); **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466); **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 84 (T. 2490305); **COSTA DA CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A, Quinta de St. António; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Soares**, Av. da República, 1 (T. 2073017); **AMORA: Julieta Campos**, R. Ribatejo, 2, Cruz de Pau (T. 2211131); **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100).

Linha de Cascais

ALCABIDECHE: Carvalho. Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**. Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS: Chaplin** – «Cinco Indomaveis Selvagens», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Orca, a Furia dos Mares», às 21.15 (13 anos)

COS: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 22 horas; **Vilar**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Saboia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **S. JOÃO DO ESTORIL: S. João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 261186). Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 21 horas; **Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 938703). Permanente; **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523); **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM: Guerra Rico**, entre lotes 6 e 7, Freixo Capitão (T. 2944002); **MEM MARTINS: Química**, E. Mem Martins, 285 (T. 2910012). Permanente; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N, Torre, 310. Até às 20.30; **MERCÊS: Claro Russo**. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

COSTA CABRAL – Rua de Costa Cabral, 1832. Tel. 480780; **FONTE DA MOURA** – Rua de Tânger, 1463. Tel. 681444; **BARROS** – Rua do Bonjardim, 1292. Tel. 487032; **FÁTIMA** – Rua de Oliveira Monteiro, 457. Tel. 65406; **GARANTIA** – Rua Fernandes Tomás, 696. Tel. 24645; **SÁ** – Rua Vale Formoso, 181. Tel. 480427; **SARABANDO** – Largo dos Loios, 36. Tel. 21701; **DINIS** – Rua Matias de Albuquerque, 247.

(De dia e toda a noite)

BATALHA – Praça da Batalha, 28. Tel. 29524; **CAMPO** – Praça da República, 116. Tel. 25116; **INVICTA** – Rua do Bonfim, 330. Tel. 51212; **MIRA PAULO** – Rua Castelo de Numão, 37. Tel. 64658.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

RODRIGUES DA SILVA – Rua Ferreira Borges, 32. Tel. 24348.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE — 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A (18 anos)
14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 h
INTERIORS/INTIMIDADE
Filme de Woody Allen
SALA B (13 anos)
Às 15, 17 19 e 21.30
OS 39 DEGRAUS
23.45,
BANANAS

ALVALADE — 897480
Av. de Roma
Estreia às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
NAUFRÁGIO!
c/ Robert Hogan e Mikki Jamison Olsen

APOLO — 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Sessões as 13 30, 15 30, 17 30, 19.30 e 21 30 h
O CÉU PODE ESPERAR
Não acons. men. 13 anos
Hoje e todos os dias as 23 30
Não acons men. 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO CAPELO GAIVOTA

AVIS — 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 21.30 – Int. men. 13 a.
A primeira mulher James Bond!
CLEÓPATRA JONES
c/ Tamara Dobson e Sheller Winters
Às 15.30 e 18.30 – N. ac. men. 18 a.
UMA JOVEM E UM SENHOR

BERNA — 776098
Av. Marquês de Tomar
Estreia às 21.30 – Int. men. 13 a.
O CARRO
c/ James Brolin, Kathleen Lloyd e John Marley
Um filme de Elliot Silverstein
Às 14, 16.30 e 19 – Para Todos – Últimas
SE O MEU CARRO FALASSE

CALEIDOSCÓPIO — 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
um filme de Randal Kleiser – colorido
GREASE
(Brilhantina)

CASTIL — 580194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h n. acons. m/18 anos
(FILME APÓS INICIO DAS SESSÕES)
Um dos maiores filmes de sempre!
A VIAGEM DOS MALDITOS
(Voyage of the Dammed)
c/Faye Dunawy/Max von Sydow/Orson Welles

CINE 222 — Tel. 579460
Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA RAZÃO PARA VIVER
c/ Burt Young e Doug McKeon
Às 23.45 – M. 18 a.
O TOQUE DA MEDUSA
c/Richard Burton e Lino Ventura
Todos os dias às 11 – Para Todos
TRÊS AVELÃS PARA CINDERELA

CINEBOLSO — 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
Naquela herdade havia novos métodos de
Reforma Agrária...
RATINHA AO SOL
Às 24 – Grupo C (14 a.)
VINGANÇA NO ARIZONA
c/ Robert Mitchum e Angie Dickinson

CINE CAMÕES — 324194
Rua de Loreto, 15
Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CAMINHO DA FELICIDADE
(indiano)
c/ Jeetendra, Shabana Azmi, Asha Sachdev e Vinod Mehra
Um filme de Mohan Segal

CITY CINE — 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 – Grupo C (14 a.)
WEST SIDE STORY
(AMOR SEM BARREIRAS)
c/ Natalie Wood e Richard Beymer
Um filme de Robert Wise
Às 23.45
DESAFIO À CORAGEM
de Richard Brooks

CONDES — 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Às 21.30
O PEQUENO BANHISTA
Para todos
c/Louis de Funés

DOIS MIL — 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
As 15.30 e 21.30 – Int. men. 13 a.
SEIS GLORIOSOS PATIFES

D. JOÃO V — 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
As 21.15 – N. ac. men. 13 a.
007 O AGENTE IRRESISTÍVEL

EDEN — 320768
P. dos Restauradores, 21
Estreia às 21.30 – Int. men. 13 a.
DIREITO AO AMOR
c/ Dev Anand e Hema Malini
Um filme de Chetan Anand
Às 14, 16.30 e 19 – N. ac. men. 13 a.
– Últimas
TELEFONE
de Don Siegel

ESTÚDIO — 555134
Av. Afonso Henriques, 35
21.30 4.ª semana
int. men. 18 anos
um filme de Stanley Kubrick
as aventuras de um jovem cujas principais inclinações são a violência e Beethoven!
LARANJA MECÂNICA

ESTÚDIO 444 — 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
15,30, 18,30 e 21.30
Não acons. m. 18 anos
Uma fortuna para o finalista entre
LOUCOS SOBRE RODAS
com Joe Don Baker, Susan Sarandon
depois de Lemans a pista mais dura do mundo!

EUROPA — 661016
R. Almeida e Sousa, 35
As 15 15 e 21.30 – N. ac men. 14 a.
REPUDIADA
c/ Amadeo Nazzari e Ivone Sanson
Às 24 – Int. men 13 a
ÓDIO VELHO
c/ Charles Bronson, Liv Ullman e James Mason

IMPÉRIO — 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
A TÚLIPA NEGRA
c/ Alain Delon e Virna Lisi
Um filme de Christian Jaque
3.ª semana

LONDRES — 801313
Av. de Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
int. men. 13 anos
8.ª semana, umfilme sublime do grande realizador Robert Altman
UM CASAMENTO

MONUMENTAL — 555131
P. Duque de Saldanha
Às 21.30 – Grupo b (10 a.)
AS DONZELAS DE ROCHEFORT
c/ Catherine Deneuve, Françoise Dorleac e Gene Kelly
Às 15.15 e 18.15 – 13 a. – Últimas
CONTINUAM A CHAMAR-ME TRINITÁ

MONTECARLO — Tel. 681117
A. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 21.30
TELEFONE
Um filme de Don Siegel
c/ Charles Bronson, Lee Remick, Donald Pleasance e Patrick Magee

MUNDIAL — 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
Mel Brooks e o Oeste juntos pela última vez!
BALBÚRDIA NO OESTE
c/ Clevon Little e Gene Wilder
Às 15.15 e 18.30 – N. ac. men. 13 a.
– Últimas
O NOSSO AMOR DE ONTEM

NIMAS — 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Ás 14.30 16.45 19 e 21.30 h
Com Art. Carney e Lily Towdin
A ÚLTIMA INVESTIGAÇÃO
um filme de Robert Altman
Interdito a menores de 13 anos

NOVOCINE — 840678
Av. General Roçadas, 7
Às 15.15 e 21.30 – Int. men. 13 a.
Um drama intenso entre o ódio e a bondade
O AGIOTA
c/ Rakesh Pandey e Jayashree Gadkar

ODEON — 326283 4
R. Condes, 12 a 20
15.15, 18 15 e 21.30
int. men. 18 anos
DISPOSTA A TUDO
Muitos dos problemas dos casais de hoje
2.ª semana

PATHÉ — 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
O MONTE DOS VENDAVAIS
c/ Laurence Olivier e David Niven

POLITEAMA — 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14, 15, 16.30, 19 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
UMA MULHER CHAMADA APACHE
c/ Al Cliver e Yara Kewa

RESTELO — 610375
Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30 – N. ac. men. 18 a.
Premiado com 1 «Óscar» para o melhor filme estrangeiro do ano!
UMA MULHER PARA DOIS
c/ Gerard Depardieu, Patrick Dewaere e Carole Laure

ROMA — 887778
Av. de Roma, Lote JR8
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Para Todos (6 a.)
O PEQUENO BANHISTA
c/ Louis de Funés
Um festival de gargalhada!

ROXY — 548560
Av. Almirante Reis, 20
Charles Bronson/Lee Remick/Donald Pleasence em
TELEFONE
Sessões às 14,15, 16.30, 18.45 e 21.30
Um filme de Don Siegel. Metrocolor
Não acons. a men. de 13 anos

SÃO JORGE — 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
ÀS 15.15, 18.30 e 21.30
Interdito a men. 13 anos No ciclo «Grandes Realizadores»
NOSTALGIA DO AMOR/PRIMO AMORE
Um filme de Dino Risi
com Ugo Tognazzi

SATÉLITE — 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Estreia às 21.30 – Int. men. 13 a.
A OUTRA METADE DO CÉU
c/ Mónica Vitti e Adriano Celentano
Projecção do filme imediatamente após início da sessão
Às 15, 17 e 19 – 18 a.
– Últimas
MELODIA PARA UM ASSASSINO

STAR — 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Int men. 13 anos
15, 18 e 21.30
OS NOVOS MONSTROS
com Vittorio Gassman, Ornella Muti, Alberto Sordi e Ugo Tognazzi

TERMINAL — 371573
Estação do Rossio
Sessões: 12.00, 15.00, 18.15, 21.30 n. ac. m/13 a.
A NOITE DOS GENERAIS
A noite que esconde o segredo dos homens
Peter O'Toole, Omar Sharif, Tom Courtenay
Atenção: O filme começa a projectar logo após o início da sessão

TIVOLI — 570595
Av. da Liberdade, 188
Sessoes às 14.00, 16 30, 19,00 e 21 30
A BATALHA DE MIDWAY
com Charlton Heston/Henry Fonda/James Coburn/Glenn Ford
Não acons. a men. de 13 anos. Technicolor
Atenção: este filme será apresentado na espantosa multi-dimensão de SENSUR-ROUND

VOX — 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15, 18.15 e 21.30 – N. ac. men 13 a.
Um grande espectáculo de alegria e juventude
O MASSACRE DOS BÓLIDES
c/ Ron Howard e Nancy Morgan

ZODÍACO — Tel. 570551
Rua Conde de Redondo, 5
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos (6a.)
O INVENCÍVEL HOMEM-RANHA
c/ Nicholas Hammond

QUARTETO — 771378
R. Flores do Lima, 16
SALA 1 14.30, 16 45, 19, 21 15 e 23 30 (Int m/18 anos)
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
Real: Gilles Carle
SALA 2 14 30, 16,45, 19, 21 15 e 23 30 Int m/13 anos
JONAS
Realiz Alain Tanner

SALA 3
Às 14 30, 16 45, 19, 21 15
Não acons. m 18 anos
O OVO DA SERPENTE

SALA 4
As 14 30, 16 45, 19, 21 e 23.30 h
N/acon m/13 anos
DR. ESTRANHO AMOR
Realiz Stanley Kubrick

teatros

MONUMENTAL – «Um Zero à Esquerda» 21.15 (13 anos)

ABC – «Crazy Horse», às 21 00 e 23.00 (18 anos)

MARIA VITÓRIA – «Rei Capitão, Soldado, Ladrão» 20.30 (18 anos)

VASCO SANTANA – «Quando a Banda Toca» 21.30 (13 anos)

CASA DA COMÉDIA – «Faz Tudo-Faz Tudo-Faz Tudo» 21.30 (13 anos)

outros espectáculos

Outros Espectáculos Lisboa

CAPITOLIO «Relações Escaldantes», às 19, 21 e 23 (18 anos)
OLÍMPIA – «Corpo, uma Gabriela dos Trópicos», sessões permanentes (18 anos)
ROYAL – «O Mistério de Ágata», às 21.30 (13 anos)
PARIS – «Um Homem e duas Mulheres», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Fiança de Amor», às 21.30 (18 anos)
CINEARTE – «3 Panteras Negras», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Ashanti», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Cinco Indomaveis Selvagens», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Orca, a Furia dos Mares», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL – Casino – «Uma Vida para Viver», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «A Carga do Búfalo Branco», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – S. José – «Se o Meu Carro Falasse», às 21.15 (6 anos)
CASCAIS – Impala – «Grease», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Lido – «Casais Clandestinos», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Os Demónios do Colégio», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Um Carocha dos Diabos», às 21.30 (13 anos)

SACAVÉM – S. José – «A Voz do Silêncio», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Academia – «Kojac, o Detective», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cinestúdio – «Grease», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Tinku», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «O Caso Sharon Tate», às 21.15 (18 anos)

Porto

ÁGUIA «Amanhã nasce a esperança», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «O incrível Homem Aranha», às 21.45 (13 anos)

CARLOS ALBERTO – «Um Domingo na Praia» 21.30 (13 anos)

COLISEU – «A Guerra das Estrelas», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Júlia», às 21 30 (13 anos)

ESTÚDIO – «A Invasão dos Astro-Monstros» 21.30 (18 anos)

FOCO – «E Tudo o Vento Levou», às 21.15 (13 anos)

JÚLIO DINIS – «O Homem da Rua», às 21.15 (13 anos)

LUMIÈRE-A – «Cuidado, as crianças estão a ver», (13 anos)

LUMIÈRE-L – «Que Se Passa Doutor», às 21.45 (13 anos)

OLÍMPIA – «Os Melhores Kung Fu de Shaolin», às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL – «Equus», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI – «Nosferatu», às 21.15 (18 anos)

SALA BEBÉ – «A Segunda Dimensão», às 21.15 e 23.45 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA – «Sexo Oriental», às 21 30 (18 anos))

SÃO JOÃO – «Febre de Sábado à Noite», às 21 30 (13 anos)

TRINDADE – «Naufrágio», às 21 30 (13 anos)

TERÇO – «Harry o implacavel», às 21 30 (13 anos)

VALE FORMOSO – «Os Dois Bombeiros» 21.30 (13 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente

RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185
TELEFONES 654531-2-3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 321154-5 320771-2-3 320779 372 81
PUBLICIDADE: 38740
SERVIÇO NOITE: DEPOIS DAS 21
PONTEIRO 321154
MENSAGENS GRAVADAS 320
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIÁRIO
LISBOA PORTUGAL
RUA DO ALMADA 10
TELEFONES 20954

Cooperativas e Empresas em Autogestão pedem apoio da Assembleia da República

A Comissão Organizadora do 1.º Encontro Nacional das Cooperativas Operárias de Produção Industrial e Serviços e Empresas em Autogestão reuniu com a Presidência da Assembleia da República e com os grupos parlamentares do PS, PSD, PCP e CDS.

Nas reuniões foram formuladas as seguintes observações: a grande importância do Encontro Nacional para o fortalecimento de capacidade de resposta de ceivindicação e para o sedimentar da unidade entre duas formas de empresas feridas pelos trabalhadores; a ausência de iniciativa legislativa na AR no que respeita ao apoio e ao fomento, consignado na Constituição, às cooperativas e empresas de autogestão nomeadamente legislação geral para as cooperativas e legislação de regulamentação e apoio para a autogestão; a necessidade da AR fiscalizar a actividade dos executivos, tanto pelo que fizeram de negativo como pelo que podem fazer de positivo.

A presidência da AR e os vários grupos parlamentares comprometeram-se numa acção mais vasta e mais activa na Assembleia que se seguir às intercalares. Porém o CDS mostrou claramente a sua oposição às empresas de autogestão e às cooperativas de produção formadas a partir de rupturas nas empresas, enquanto o PCP afirmou não ter forçado a subida do seu projecto a plenário por o considerar complementar ao do PS e, por sua vez, este partido disse não ter conseguido dar prioridade ao seu projecto face a outros sobre outras matérias, comprometendo-se todavia a que na próxima AR ele seja retomado com introdução das alterações propostas.

Face às promessas dos partidos a comissão organizadora declarou que no reatar dos trabalhos parlamentares desenvolverá todos os esforços para que elas se tornem realidade.

Os outros pedidos de entrevista (PR, Primeiro-Ministro etc..) não foram atendidos devido à fase de formação do novo Governo, mas, no entanto, já foi solicitada ao Primeiro-Ministro para que esta realidade seja tomada em conta no programa do Governo.

VINTE ANOS DEPOIS

Pindjiguiti

A Guiné-Bissau comemora hoje o vigésimo aniversário do Massacre do Pindjiguiti, este ano auferindo de uma amplitude que dará à data o lugar de principal acontecimento político nacional de 1979.

Os actos centrais das comemorações desenrolam-se em Bissau e, entre eles avultam a inauguração de um monumento evocativo do massacre, a realização de um simpósio internacional e a trasladação para a capital dos restos mortais de três heróis nacionais do PAIGC.

Os acontecimentos conhecidos por Massacre do Pindjiguiti (nome de um cais de Bissau), representam uma greve dos estivadores, em 3 de Agosto de 1959, reclamando por melhores salários, que as autoridades coloniais reprimiram violentamente, causando 50 mortos e cerca de 100 feridos.

Nos documentos do PAIGC, estes acontecimentos são historicamente considerados como o elemento precipitador da decisão que levaria à passagem da luta armada,

O monumento, que está agora em fase de acabamento e fica situado numa nova praça a que será dado o nome de «Mártires do Colonialismo», é uma homenagem à vítima do massacre.

Construído por subscrição pública, o monumento tem a configuração (estilizada) de um punho fechado e está voltado para o estuário do rio Geba, na direcção do Cais do Pindjiguiti).

Para o simpósio, que termina hoje, três dias de trabalho sobre «O significado político do Massacre do Pindjiguiti», foram convidadas figuras de relevo das direcções do MPLA, FRELIMO, MLSTP e FRETILIN.

Os restos mortais que serão trasladados das antigas zonas libertadas da vizinha Guiné, para a Fortaleza de Bissau, são os de Domingos Ramos, Osvaldo Vieira e Pansau da Isna.

A trasladação dos restos mortais de dois outros heróis nacionais, Rui Djassi e Titina Silá, não poderá ser feita porque não se sabe exactamente onde foram sepultados.

Na Fortaleza de Bissau, onde também repousam os restos mortais de Amílcar Cabral, será também implantado um túmulo do Combatente Desconhecido.

Aristides Pereira, secretário-geral do PAIGCC, presidirá aos principais actos das comemorações.

MÉDICOS

A "greve" da Ordem

Continuação da pág 1

ras médicas, através das quais, e após ampla discussão pela classe fiquem assegurados, entre outros, o direito ao emprego e à reforma; criação de um Estatuto do Médico que regulamente e dignifique a profissão, e de que nenhum modo colida com a Lei de Bases do Serviço Nacional de Saúde já aprovada pela Assembleia da República».

Entretanto, e enquanto muitos dos clínicos que aderiram ao «chamamento» da Ordem permanecem em casa (não cumprindo, assim, embora paralisados, os seus horários de trabalho, conforme a Lei da Greve em vigor preceitua), um comunicado ontem à tarde distribuído, em S. Miguel, anuncia que os médicos açorianos, reunidos em assembleias de emergência nas cidades de Ponta Delgada, Angra e Horta, decidiram não aderir à «greve» visto, afirmam, «estarem em negociações com o Governo Regional para a entrada em vigor, no arquipélago, do estatuto da classe».

ESTA MANHÃ NO SUPREMO

Brigada militar do 24 de Abril transformou MIRN em partido

Acompanhado de alguns destacados membros da hierarquia militar, anterior ao 25 de Abril de 1974, o general na reserva, Kaúlza de Arriaga, esteve esta manhã no Supremo Tribunal de Justiça, onde assinou (perante o secretário do STJ, dr. Manuel Fernandes) o documento legal que transforma o denominado «Movimento Independente para a Reconstrução Nacional/ Partido da Direita Portuguesa» (MIRN/PDP) em partido político com os direitos e regalias inerentes a outras organizações partidárias, designadamente o uso, em campanhas eleitorais, das antenas da Rádio e TV.

Com apertada segurança nas imediações da entrada principal do STJ, feita essencialmente por jovens «mirnistas» (alguns deles, segundo apurámos, ex-membros da juventude do CDS) o general Kaúlza, o comandante Vasco Rodrigues, o brigadeiro Osório Mourão o general Mira Delgado, o comandante Horácio Carvalho e o dr. Ataíde Tavares (com emblema monárquico bem visível na lapela) entre outros falaram, após o acto formal da legalização do MIRN, com os jornalistas.

Kaúlza de Arriaga, ladeado, na foto, pelo comandante Vasco Rodrigues e pelo dr. Ataíde Tavares (monárquico) esteve esta manhã no STJ a formalizar a passagem do MIR a partido. As assinaturas tinham sido entregues há semanas (sem a presença de jornalistas...) pelo que o presidente do MIRN assinou um documento

Para o presidente do novo partido (geralmente apodado de organização de extrema-direita) um Congresso a realizar em fins de Agosto decidirá da estratégia e objectivos eleitorais do MIRN.

Adiantou, no entanto, que a preocupação fundamental do MIRN em matéria eleitoral aponta para as eleições presidenciais e legislativas de 1980, não dando particular relevo às intercalares em Novembro próximo, embora não afastas-se totalmente a hipótese de apresentação de listas.

Kaúlza de Arriaga – que considerou terem, as (cerca de sete mil assinaturas obtidas para a legalização do MIRN vindo de «todo o país, de Trás-os-Montes ao Algarve» – o bloco CDS-PSD-PPM não tem nada a hver com a direita. É o centro», disse, referindo a propósito alongadas e recentes afirmações de Freitas do Amaral de que qualquer direita «é sempre injusta e opressora.»

Acrescentou, ainda, que só a direita (MIRN e eventualmente o PDC- precisou) poderá «garantir a sobrevivência nacional e promover a recuperação portuguesa» face a um «centrismo parlamentarista não salvador» e a um «marcismo também parlamentarista mas clandestina e potencialmente totalitário, desagregador e destruidor».

FESTA DA PAZ E DA CULTURA

Vila Real de Santo António

— 4 e 5 de Agosto de 1979

SÁBADO, 4

NO CINE-FOZ

16 horas — **Sessão de Abertura:** Padre Telles Sampaio, maestro António Vitorino de Almeida e António Reis, Presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

21 horas — **Estreia nacional da revista** «DE 1926 NOVES FORA NADA a 1979 VALE TUDO»: Companhia de Teatro Adóque.

23 horas — **Colóquio sobre Teatro:** Fernando Gusmão, Bernardo Santareno, Urbano Tavares Rodrigues, Luís Francisco Rebello, Cardoso Pires.

24 horas — **Música e poesia:** Armindo Rodrigues (poesia), Carlos Paredes e Fernando Alvim, Luís Cília.

NA PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL

17 horas — **Dedicado ao Ano Internacional da Criança**
— Banda de música precedida de palhaços
— Largada de pombos
— Largada de balões nas margens portuguesa e espanhola do rio Guadiana

18 horas — **Estreia nacional da peça de teatro infantil** «OS PUTOS NOS II». Maria Dulce, José Jorge Letria e Samuel, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo.

22.30 horas — **Poesia e canto:**
— Fogo de artifício e jogos de luzes
— Actuação de José Jorge Letria, Francisco Fanhais, Joaquim Pessoa (poesia), Carlos Mendes, José Viana e Dora Leal, Jorge Nascimento, Samuel, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo.

DOMINGO, 5

CINE-FOZ

17.30 horas — **Música e canto:** pianista libanês Awo Karmandjian, pianista português António Hamrol Pereira e José Afonso.

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL

22 horas — **Canto e poesia:**
Fogo de artifício e jogos de luzes
Actuações de Sérgio Godinho, Manuel Costa (poesia), Vitorino, José Fanha (poesia), agrupamento disput da RDA, Adriano Correia de Oliveira, Fernanda Lapa (poesia), António Vitorino de Almeida e Fernando Tordo.

Diplomacia confusa

Continuação da pág. 1

outra passagem de Aquino de Bragança por Lisboa, se realizaram idênticos contactos dos quais resultaram, na altura, outras notícias que apontavam para o desbloqueamento das relações com Moçambique e estiveram na origem, mais tarde, do anúncio, não confirmado, de um encontro entre Ramalho Eanes e Samora Machel.

Contactado pelo «DL» um porta-voz daquela embaixada fez questão em afirmar que à representação diplomática moçambicana em Lisboa não fora feita qualquer comunicação sobre os contactos desenvolvidos por Aquino de Bragança. O mesmo porta-voz rectificou a designação de conselheiro do presidente Samora Machel, atribuída pela Imprensa a Aquino de Bragança, sublinhando que o mesmo era apenas professor da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo.

Entretanto, no seu regresso ontem a Lisboa, o conselheiro da Revolução, Franco Charais, que acaba de visitar Moçambique e Angola, disse que Portugal está a ser ultrapassado naqueles dois países no domínio das relações económicas, designadamente pelo Brasil, Itália e Espanha. Para além destes, e não considerando os países do bloco socialista, também os países nórdicos, especialmente a Suécia, têm «conquistado» boas posições naqueles territórios.

A deslocação de Franco Charais a Maputo e Luanda realizou-se a título particular e, segundo julgamos saber, o próprio Presidente da República terá feito sentir o carácter privado daquela viagem em encontros tidos ultimamente e de qualquer forma relacionados com as relações com as ex-colónias.

Charais, falando já em Lisboa, à chegada de Luanda, diria ainda «ser compreensível que Moçambique e Angola não possam esperar indefinidamente a resolução dos seus contenciosos com Portugal» salientando no entanto que das entrevistas que teve, entre elas com o próprio Samora Machel, ressalta «o interesse daqueles dois países em privilegiar as relações económicas com Portugal».

No que respeita a Moçambique, e dado que as relações com Angola se podem considerar como bem encaminhadas depois da recente assinatura, em Lisboa, de diversos protocolos de cooperação, espera-se que durante a próxima deslocação de Ramalho Eanes à Zâmbia se possam dar alguns passos positivos, embora as relações entre Maputo e Lusaca atravessem um período difícil em virtude das divergências existentes no bloco da «linha da Frente» no que respeita à Frente Patriótica do Zimbabwe e ao diferendo existente entre Mugabe e N'komo.

Burocratice

Um casal belga sentiu ontem o peso da nossa burocracia judicial, ao ser-lhe recusada a devolução do dinheiro que lhes fora subtraído por gatunos e a Polícia apreendera, com a seguinte alegação: «Todo o expediente dos serviços burocráticos deste juízo (o de Instrução Criminal) está fechado até Outubro.»

Como noticiámos na altura, em 30 de Abril último um casal belga banhava-se na praia do Guincho quando a sua viatura foi arrombada e dali furtados cerca de dois mil contos em jóias e dinheiro.

A Polícia Judiciária, através da sua Secção de Furto, em hora de boa inspiração, prendia no dia 31 de Maio (portanto um mês depois), os quatro autores e aprendia-lhes a quase totalidade dos valores.

Agora, e por haver um despacho do juíz que ordena a devolução dos artigos e dinheiro aos ofendidos, é solicitada a comparência e lá vem o casal, propositadamente da Bélgica, satisfeito com a eficiência da Polícia portuguesa. As jóias que estavam ainda à guarda dos investigadores já lhes foram entregues, mas o dinheiro depositado na Secretaria do Juízo de Instrução Criminal, fica para Outubro por causa de uma disposição chamada «Férias Judiciais»

FESTIVAL DA HOLANDA 1979

Giulini à frente da Orquestra do Concertgebouw: a linhagem de Walter e de Bulow

Mário Vieira de Carvalho

A sala do Concertgebouw de Amesterdão não estava completamente cheia. Mas os milhares de espectadores levantaram-se, em uníssono, para aplaudir com genuíno entusiasmo, demoradamente, maestro e orquestra, após a execução da quarta sinfonia de Brahms. Fora, na verdade, exemplar como concepção e como realização.

Webern (por Kokoschka): «num mínimo de elementos significantes uma carga máxima de significados»

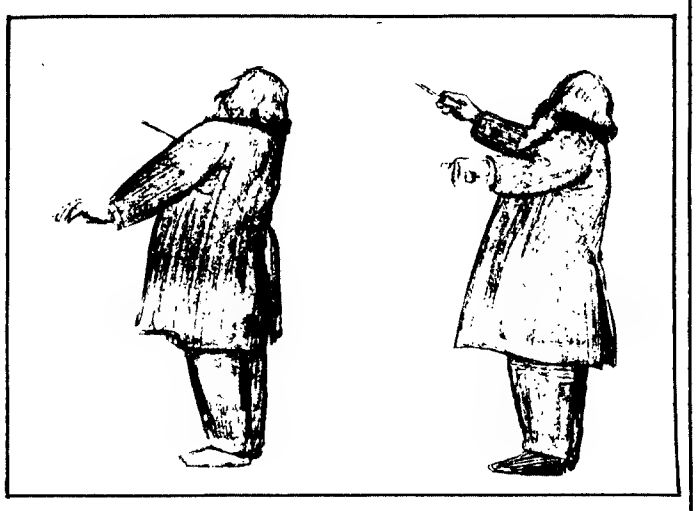
Mahler (por Rodin): «expressão apaixonada e tensa pródiga de imagens e de sensações»

«Só Bruno Walter», pensei, «teria conseguido **aquele** resultado». Disse-o a Carlo Maria Giulini, como quem se interroga sobre o sentido da «mensagem» recebida.
Compreendi, então, que Giulini era, ele próprio, um admirador do grande chefe de orquestra austríaco. Conhecera-o pessoalmente, ainda muito novo, e tivera oportunidade de acompanhar de perto a sua actividade artística.
É claro que aproximar Giulini de Walter não significa, para mim, aferir por um modelo previamente considerado «perfeito» certa proposta artística. Falo de uma relação de descendência estética e não de mero epigonismo. Walter também descendia de ilustres predecessores: de Gustav Mahler e de Hans von Bülow, para referir os mais imediatos. Passaram de uns para os outros o testemunho, criaram e desenvolveram, num processo ininterrupto de assimilação e renovação, uma linguagem de chefes de orquestra. A mesma que hoje um Carlo Maria Giulini leva por diante, trazendo-lhe na sua contribuição original.
Naquela quarta sinfonia de Brahms reconhecia-se a linhagem. Reconhecia-se a descendência estética de Bruno Walter. Mas reconhecia-se também a força de uma concepção autónoma que lhe imprimia a direcção de Giulini. Se comparássemos, partitura à vista, uma gravação assinada por Walter com a gravação desta interpretação de Giulini, encontraríamos, decerto, muitas diferenças, não apenas de promenor mas de planificação global. O fundo comum, porém, lá estaria a impor-se-nos e a fazer-nos hesitar na opção entre as duas versões.

ENCONTRAR O FLUIR NATURAL DA MÚSICA

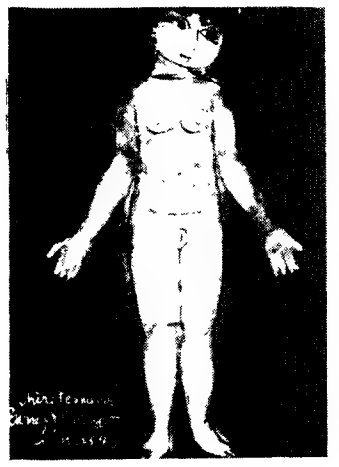
Como caracterizar esse «fundo comum»?
É, sem dúvida, um pouco difícil de explicar, porque a música diz muito mais do que as palavras. Arrisco, em todo o caso, que onde os dois chefes de orquestra se encontram é na autenticidade interior com que resolvem a oposição dialéctica entre as variáveis de sinal contrário que condicionam a execução.
Os elementos parcelares que constituem a linguagem musical resultam de tensões contraditórias que o intérprete será ou não capaz de resolver: por exemplo, o **tempo** tem de ser rigoroso, mas o rigor do tempo é a sua flexibilidade, a sua «aparente continuidade»; o **ritmo** traduz-se igualmente em valores quantificáveis, mas o ritmo de uma frase, de um andamento, não é mensurável em termos unívocos. A clareza tem de ser compatível com a expressão, e a expressão com a clareza. Tudo tem de ser analisado e pensado mas ao mesmo tempo **sentido,** sem cair no excesso de sentimentalismo. Só quando os factores quantitativos lidos na pauta se transformam em qualquer coisa de qualitativamente diferente, só quando a música escrita adquire uma vida sonora de tal maneira forte que vale como paradigma relativamente a outras vidas sonoras sugeridas pela mesma partitura, só então estamos em presença de uma autêntica interpretação.
Conseguir isso sem esforço aparente, como se a música fluisse naturalmente (como se o seu fluir natural só pudesse ser o que ouvimos) eis o que constituirá talvez a síntese excepcional atingida por raros maestros: Giulini é um deles.
Também o programa, aliás, tinha a sua linhagem. Da pesquisa mais essencial da matéria sonora, pesquisa a bem dizer linguística, apostada em concentrar num mínimo de elementos significantes uma carga máxima de significados,

Continua na pág. 6



Brahms (por Beckrath): «aliança entre a concisão das ideias e o estilo do romantismo tardio»

Voz do povo oiro do tempo



Guache de Jean Dubuffet

Continuamos hoje a divulgar a prometida mão-cheia de contos populares, cuja publicação iniciámos há oito dias. O que o leitor encontrará hoje no seu Sete Ponto Sete é «Bater na mulher, com ou sem razão», recolhido em Trás-os-Montes por Leite de Vasconcelos. O conto — incluído no ciclo «Entre marido e mulher» pelos dois investigadores (Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho) que recentemente coordenaram a arrumaram em dois grossos volumes tudo o que o autor da «Etnologia Portuguesa» (que morreu antes de poder organizar o seu arquivo) ainda encontrou em matéria de contos populares e lendas — constitui, na sua aparente bonomia, uma crua sátira social admiravelmente cerzida, de flagrante oportunidade nos tempos que correm.

PÁG. 6

Publicidade apocalíptica

Furúnculos, antrazes, acne, borbulhas, enterites, desinteria, prisão de ventre, dispepsia, estomatites, diarreia infantil, dermatoses — Sinuberase arrasa tudo.
É pelo menos o que garante a legenda desta gravura, publicada a 19 de Abril de 1913, na Illustration **parisiense, em anúncio de página inteira, sob o título: SINUBERASE É A POLÍCIA DOS INTESTINOS. Nesta curiosa revista, a informação é tão original como a publicidade. Com efeito, intitulada «Prova matemática da não existência do Inferno», encontrámos a pags. 30 a seguinte notícia:**
«A superfície do Vale de Josafat é de 60 000 000 de metros quadrados...
Supondo um único casal de cada raça na origem, temos cinco casais ou dez pessoas, e aplicando a estes dados a regra dos múltiplos compostos (?), encontrámos até ao Dilúvio 9 289 000 nascimentos durante 1658 anos. Como desde o Dilúvio até à nossa era se passaram 2326 anos, e admitindo que os cinco casais tenham sobrevivido, terão engendrado durante esse tempo 2 213 867 610 000 descendentes. Levando os cálculos até ao ano 2000, obteremos o número de 34 326 414 259 675 172 000, os quais, com os 9 289 000, perfazem 34 326 414 259 684 461 000 pimpolhos. Admitindo caridosamente que todos os papistas tenham ido para o céu, e constituindo eles cerca de um sétimo da população da Terra, o número de danados obtém-se somando os nascidos antes do Dilúvio aos nascidos depois do Dilúvio até ao ano 2000, menos um sétimo de bem-aventurados que nasceram depois de Cristo, ou seja menos 4 903 773 008 164 544 000 almas, o que dá um total de 29 422 641 251 519 917 000 almas danadas.

Continua na pág 6

sete PONTO sete
suplemento semanal

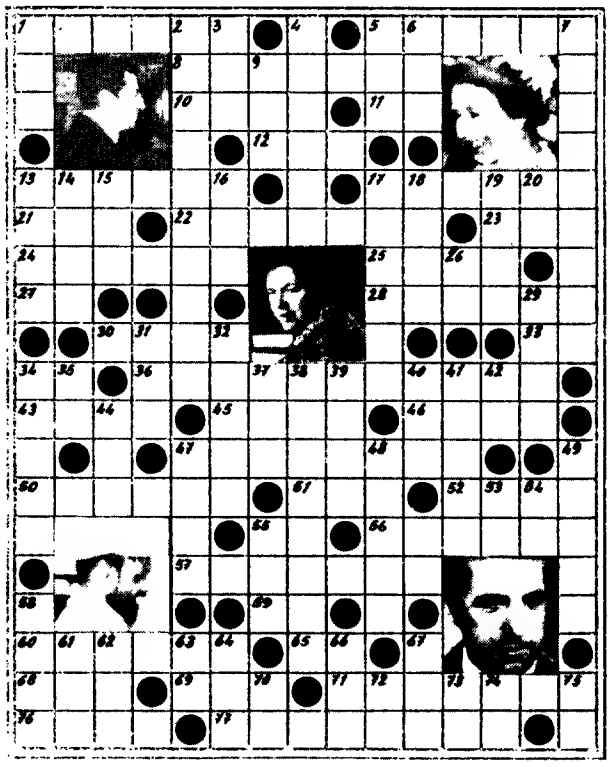
cinema
jorge leitão ramos 3

teatro
carlos porto 4

televisão 8

Lisboa, 3 a 9 de Agosto de 1979

palavras cruzadas



HORIZONTAIS

1/36 É o novo primeiro-ministro do nosso país, e diz «ser inteiramente responsável pelo Governo e os seus actos.» 5/17 Este presidente africano recebeu Franco Charais a quem afirmou que Moçambique está aberto a uma mais larga cooperação com Portugal mas não está disposto a esperar indefinidamente que a melhoria das relações bilaterais a proporcione. 8 Dançara samba. 10 Censurar. 11 Campeão. 12 Chiste. 13/34 Joshua N'Komo um dos dirigentes da Frente Patriótica do Zimbabwe, recusou avistar-se com esta soberana em Lusaca. 21 Oceano. 22 Amimaras. 23 Governanta. 24 Testemunhes. 25 Xaile das mulheres índias parses. 27. Autores. 28 Educadora. 30 Divulguei. 33 Nota musical (inv.). 43 Cabo da costa de Portugal. 45 Freguesia d concelho de Barcelos. 46. Extremidades dos braços. 47 Acometeras. 50/60 Depois de três anos de mandato este primeiro-ministro do país vizinho entra em crise de impopularidade.. 51 Estime. 52 Ir para fora. 55 Caminhar. 56/71 Este membro do CR solidariza-se com Otelo e afirmou: «Quer queiram quer não Otelo Saraiva de Carvalho fica na História de Portugal e na história das Forças Armadas». 57 Indivíduo mulherengo. 59 Autores. 65 Apelido. 68 Prefixo que designa três. 69 Figura que simboliza o povo americano. 76 Gorgulho tropical. 77 Trabalharas de noite.

VERTICAIS

1 Pêlos de certos animais. 2 Abalai. 3 Sadio. 4 Queima. 5 Senhora. 6 Duna da Suécia. 7 Inventariavas. 9 Conjunção. 13 Soluça. 14 Nome de mulher. 15 Anel. 16 Lítio. 17 Mastigas sem engolir. 18 Guarnecer de asas. 19 Cidade da Holanda. 20 Preposição. 26 Zomba. 29 Cursos de água naturais e abundantes. 31 Capa sem mangas. 32 Não nascido. 34 Caminharias. 35 Satélite de Júpiter. 37 Irmã da mãe. 38 Arrostarias. 39 Ecoam. 40 Magnete natural. 41 Afrouxa. 42 Medida japonesa igual a dois decilitros. 44 Nome de jogo. 47 Semelhante. 48 Restaura. 49 Exército. 53 Prefixo de privação. 54 Cento e um em romano (Inv.). 55 Cólera. 58 Afasta. 61 Boi selvagem. 62 Oásis. 63 Pertences. 64 Interjeição que exprime pancada. 66 Ferro temperado. 67 Botequim. 70 Pronoeme pessoal. 72 Tempo do verbo haver. 73 Rádio (s.q.). 74 Carta de jogar. 75 Catedral.

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS
1/36 – LURDES PINTASILGO. 5/17 SAMORA MACHEL. 8 – Sambara. 10 – Toar. 11 – Ás. 12 – Sal. 13/34 ISABEL II. 21 – Mar. 22 – Mimaras. 23 – Ama. 24 – Proves. 25 – Sari. 27 – Aa. 28 Criara. 30 – Soei. 33 – Si. 43 – Roca. 45. – Alró. 46 – Mãos. 47 – Atacaras. 50/60 – ADOLFO SUAREZ. 51 – Ame. 52 – Sair. 55 – Ir. 56/71 – FRANCO CHARAIS. 57 – Maricas. 59 Aa. 65 – Sa. 68 – Sam. 76 – Aoro. 77 – Seroaras.

VERTICAIS
1 – Lãs. 2 – Estremeci. 3 – São. 4 – Abrasa. 5 Sra. 6 Aas. 7 Arrolávas. 9 – Mas. 13 Impa. 14 Sara. 15 – Aro. 16 – Lis. 17 Mascas. 18 – Asas. 19 – Haia. 20 – Em 26 – Ri. 29 Rios. 31 – Opa. 32 – Inato 34 – Inias. 35 – Io. 37 – Tia. 38 Arcarias. 39 – Soam. 40 – Imã. 41 – Lassa. 42 – Cró. 47 – Afim. 48 – Refaz. 49 – Tropa. 53 – An. 54 – Cl. 55 – Ira. 58 – Asta. 61 – Uro 52 – Air. 63 – És. 64 – Zás. 66 – Aço. 67 – Bar. 70 – Me. 72 – Ha. 73 – Ra. 74 – Ás. 75 – Sé.

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA

DÉCIMO JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO

Por este Tribunal, na execução que Metalúrgica Duarte Ferreira com sede em Lisboa move c/ MANUEL NUNES e mulher ILDA DE JESUS LOPES, residentes em Chamusca da Beira — OLIVEIRA DO HOSPITAL, correm éditos de vinte dias, contados a partir da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 26 de Julho de 1979

O JUIZ DE DIREITO,
(a) Jorge Manuel Mora do Vale

O CHEFE DA 3.ª SECÇÃO,
(a) Francisco Mendes do Amaral

Que deve um padre fazer para salvar uma pecadora?
UMA DIVERTIDA COMÉDIA ACERCA DA LUTA DESESPERADA DE UM PADRE, PARA SALVAR A ALMA DE UMA PROSTITUTA
ADRIANO CELENTANO MONICA VITTI

A OUTRA METADE DO CEU
VENANTINO VENATINI · GLAUCO ONORATO · GIANFRANCO BARBA
E COM MARIO CAROTENUTO · UM FILME DE FRANCO ROSSI
ARGUMENTO DE AUGUSTO CAMINITO · MAURIZIO CONTANZ · FRANCO ROSSI
MÚSICA DE ADRIANO CELENTANO · PRODUZIDO POR LUCIO ARDENZI
HOJE ESTREIA ÀS 21.30 SATÉLITE
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Prémio da Associação Americana de Crítica de Cinema (FESTIVAL de NOVA IORQUE)
Prémio da Federação Internacional de Críticos Cinematográficos (FESTIVAL de LOCARNO)
O FILME DAS * * * * (EXCEPCIONAL)
* * * * LUIS DE PINA (O DIA)
* * * * LAURO ANTONIO (D. NOTICIAS)
* * * * VAZ PEREIRA (A CAPITAL)
* * * * TITO LIVIO (D. POPULAR)
* * * * VITORIANO ROSA (C. MANHÃ)
realização ALAIN TANNER
JONAS QUE TERÁ 25 ANOS NO ANO 2000

JEAN-LUC BIDEAU · RUFUS · JACQUES DENIS
MIOU-MIOU e JONAS
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS
TALMA FILMES
FILME DE QUALIDADE
quarteto 11.ª SEMANA

UMA NOITE SEM FIM...
A NOITE QUE ESCONDE O SEGREDO DOS HOMENS ...E REVELA A VERDADE DAS SUAS MULHERES

A Noite dos Generais
"THE NIGHT OF THE GENERALS"
COM PETER O'TOOLE
OMAR SHARIF
TOM COURTENAY
PHILIPPE NOIRET
Música de MAURICE JARRE
Produção de SAM SPIEGEL
Realização de ANATOLE LITVAK
Columbia Pictures
PANAVISION® • TECHNICOLOR®
Às 12.15, 18.15, 21.30.
2.ª semana de êxito
estúdio erminal
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Cinema

"A última investigação" de Robert Benton

Título original: The late show
Realização e argumento: Robert Benton (USA-1977)
Fotografia (MGM Color): Chuck Rosher
Música: Ken Wannberg (canção «What was»: Stephen Lehner (letra) e K. Wannberg (música), interpretada por Bev Kelly).
Montagem: Lou Lombardo e Peter Appleton.
Cenários: Bob Grould
Interpretação: Art Carney **(Ira Wells)**, Lilly Tomlin **(Margo)**, Bill Macy **(Charlie Hatter)**, Eugene Roche **(Ron Birdwell)**, Joanna Cassidy **(Laura Birdwell)**, John Considine **(Lamar)**, etc.
Distribuição em Portugal: Columbia/Warner
Cinema: Nimas
Classificação: Interdito a menores de 13 anos.
Duração: 94 minutos.

Uma homenagem pouco conseguida ao filme negro americano

A idade dos mitos é a idade em que a força de trabalho está no auge (30/40): seja Robin Hood ou Zorro, Sam Spade ou Superman, a todos eles está vedado ultrapassar o limiar da velhice, da senilidade. Também por essa razão, os mitos estão longe de nós: permanecem imutáveis.
Um dos contributos recentes para a «humanização» das figuras que povoam o nosso imaginário tem sido o de pegar em alguns desses personagens e com eles construir uma ficção que os situe para lá do limiar interdito da velhice. Isso fez (e muito bem) Richard Lester com Robin Hood no filme (injustamente esquecido) **A flecha e a rosa,** isso faz agora Robert Benton com o detective privado do «policial negro» (que poderia muito bem ser Marlowe ou Spade) nesta.

A última investigação.

Homenagem terna, antes de mais, ao filme negro, esta película não pretende desmontar o mito mas apenas prestar-lhe uma última saudação no momento exacto em que ele é já um personagem de museu de figuras de cera.
Mostrando a sua desfasagem face a um mundo (e a um cinema) que, entretanto, tomou outros rumos, Benton não vai mais longe que olhar a sua já inabilidade para se mover nos canais do **underworld,** enquanto rastos de amigos mortos se vão encontrando pelo caminho.
Razoavelmente cuidado no que respeita à **mise-en-scène,** procurando sempre carregar o **décor** de elementos significantes marcados, Benton não parece, porém, possuir os dotes necessários para se aproximar das sombras gigantescas de Huston, Hawks, Hammett ou Bogart. Nem do ponto de vista do argumento (uma intriga confusa que se resolve de uma maneira, no mínimo, inábil), nem da construção de personagens (os «bandidos» e as mulheres fatais não ultrapassam o esboço caricatural), nem da direcção de actores (Carney jamais possui a intensidade dos modelos de que se aproxima e só Lilly Tomlin faz o seu «número» de mulher palavrosa de um modo que aparece como controlado pelo realizador).
Apesar disso este filme vê-se sem enfado. Resultado, talvez, mais da memória que sobre ele plana do que do que ele consegue construir. De resto, a noite é um elemento quase ausente de **A última investigação** e a morte qualquer coisa que nunca tem uma carga obcessiva e fatal. No fundo é sem surpresas e sem melindres que o filme se desenrola, perdidas já as conotações sociais que o policial negro possuía, esquecido o fascínio do asfalto.

Aliás Ira Wells, ao escolher ir viver junto a Margo, como que procura a «normalização». Recuso-me a aceitar ser esse o destino amargo de Bogart no universo imaginário do cinema.

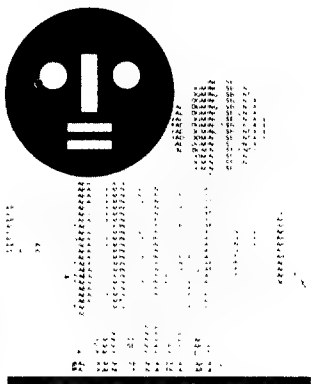
De regresso da Hungria

Budapeste continua atravessada pelo Danúbio e o cinema húngaro continua florescente. Tais as primeiras e simples constatações que pude fazer durante uma recente estada na capital da Hungria apanhada entre o Verão, as férias e uma súbita subida generalizada de preços.
Se o ano é marcado pela trilogia de Jancsó, **Vitam et sanguinem** (de que estão prontas as duas primeiras faces, **Rapsódia húngara** e **Allegro barbaro**) a verdade é que muitos outros realizadores, internacionalmente conhecidos ou não, trabalham sem cessar em novos filmes. De Márta Meszáros aguarda-se a todo o momento a saída de **En route**, enquanto András Kovács vem de terminar duas películas (**A coudelaria** e **Um domingo de Outubro**), Imre Gyöngyössy se prepara para rodar dois filmes ainda este ano e Pál Gáboi faz sucesso (nacional e internacional) com o seu surpreendente **Angi Vera**.
Mas para além desta produção de grande qualidade, outros filmes aparecem, pontados pela constante preocupação de falar dos problemas húngaros de que o cinema parece ser razoável reflexo: seja a questão da habitação tratada por Zsolt Kézdi-Kovács em **Querido vizinho**, o problema do poder no interior de um grupo de técnicos de uma fábrica abordada por Rezso Szorény em **Feliz ano novo**, seja a memória culposa e dolorida que preocupou István Gaal em **Legato**, seja um certo fatalismo histórico que parece ocupar realizadores tão diferentes como o veterano Zoltán Fábri (**húngaros**) ou o quase expressionista Pál Sándor (**livrai-nos do mal**).

«Rapsódia húngara» e «Allegro barbaro», de Miklos Jacso, presidem ao cinema húngaro/1979

A realidade histórica, social e política da Hungria é, assim, o ponto de referência constante do seu cinema e não deixa de ser curioso e relevante que muitas das perplexidades que atravessam essa realidade e esse cinema sejam de importância decisiva para qualquer discussão e tomada de posição face ao socialismo e às experiências dos países do Leste europeu, o que, naturalmente, interessa sobremaneira à esquerda portuguesa.
Das questões estéticas e das questões políticas que tal cinema levanta procurarei ir falando numa série de artigos de que este procura ser breve introdução. Uma realidade, porém, é indesmentível: o cinema húngaro (tão pouco conhecido entre nós) é algo de sólido, pujante e significativo, muito para lá do prestígio de Jancsó (que, após o prémio em Cannes, já vendeu os seus dois filmes para 10 países); teimosamente ele constrói-se, espelhando contradições, levantando dúvidas, inconformista, vivo.

J.L.R.



CINE/PONTO

INTIMIDADE
de Woody Allen
(USA-1978)

Um dos mais belos, secretos e lúcidos filmes do ano ou o outro lado do riso do mundo de Woody, Allen, definitivamente um autor maior da História do Cinema. Declaradamente esquizofrénico, **Intimidade** é uma obra que abre aos nossos olhos o interior de um americano ficcionado em múltiplos personagens que jogam entre si as suas contradições.

Cinema ABCine — sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 h)
(Não acons. men. 18 anos)

LARANJA MECÂNICA
de Stanley Kubrick
(G.B.-1971)

«A Laranja Mecânica», de Stanley Kubrick

Uma reposição oportuna de um dos filmes mais perturbantes de Stanley Kubrick. Tecendo habilmente uma ficção que nos obriga a defrontar os nossos medos e desejos, esta película constitui um mergulho milimetricamente controlado nas tensões que se operam entre as nossas pulsões e a nossa mente civilizada.

Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(Interdito a men. 18 anos)

JONAS
de Alain Tanner
(França-Suíça-1976)

Um sucesso, portanto, desta travessia pelos herdeiros de Maio num tempo de acalmia e normalização. Sem remorsos, sem ressentimentos, com muita lucidez e esperança.

Cinema Quarteto — sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(Interdito a men. 13 anos)

BANANAS
de Woody Allen
(USA-1970)

Uma comédia de Woody Allen onde se encontram já presentes as grandes traves mestras do seu cinema (os **mass media,** o sexo, a violência...); ainda longe de **Annie Hall** ou de **Intimidade** mas com um humor suficientemente inteligente e desencantado para merecer a nossa melhor atenção.

Cinema ABCine — sala B (23.45 h)
(Não acons. men. 13 anos)

DR. ESTRANHOAMOR
de Stanley Kubrick
(G.B.-1963)

Uma sátira feroz ao universo do militarismo e às perversões que engendra. Uma ficção que se organiza apoiada na nossa memória cinéfila e num humor cortante, constante e amargo. Contra todas as formas de histeria.

Cinema Quarteto — sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

O CÉU PODE ESPERAR
de Warren Beatty e Buck Henry
(USA-1978)

Verão fora, eis que o **O céu pode esperar** prossegue de vento em popa à sua carreira triunfal. Construído segundo comprovados métodos, assumindo-se como um filme breve e escorreito de mero entretenimento, não se pode dizer que essa carreira seja totalmente imerecida. Mas lá que alguns dos (muitos) espectadores que tem eram melhor aproveitados noutras películas, parece-me um facto.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

UM CASAMENTO
de Robert Altman
(USA-1978)

Outro sucesso bem firmado para um filme que se faz pela táctica segura (mas de baixo coturno) de apelar à cumplicidade do espectador. «Só tu e eu é que sabemos que os outros são todos umas bestas» — tal parece ser o código de Altman de que, política e moralmente, me não quero perto.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h)
(Interdito a men. 13 anos)

OS 39 DEGRAUS
de Don Sharp
(G.B.-1978)

Não é preciso dizer que feito por Hitchcock era bem melhor. Don Sharp não pretende jamais medir-se com gigantes e este seu filme, feito com a correcção sem surpresas dos estúdios britânicos, vê-se com agrado e sem remorsos.

Cinema ABCine — sala B (15, 17, 19 e 21.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

OS NOVOS MONSTROS
de Dino Risi, Ettore Scola e Mario Monicelli
(Itália-1978)

Embora fosse de exigir bastante mais aos realizadores que assinam este filme de **Sketches,** a verdade é que, por dois ou três momentos excepcionais, este filme merece atenção. Quanto mais não seja como sintoma de uma Itália atravessada pelo fantasma da violência.

Cinema Star (15, 18 e 21.30 h)
(Interdito a men. 13 anos)

O OVO DA SERPENTE
de Ingmar Bergman
(USA-1977)

Bergman fora da Suécia, rodando na Alemanha Federal um filme financiado por um produtor italiano sediado nos Estados Unidos: o resultado é o pior filme que jamais fez.

Cinema Quarteto — sala 3 (14.30, 16.45, 21.15 e 23.30 h)
(Não acons. men. 18 anos)

caixa do PONTO

Teatro

Pois é, chegamos ao tempo da Costa ou da Circunvalação, ou, para os mais felizardos, do Algarve. O teatro fecha a barraca e vai tostar. Oxalá regresse com ânimo e energia para vencer os obstáculos do costume. Entretanto...

CASA DA COMÉDIA
(R. São Francisco Borja, 24
T. 607299)
FASTUDO! FAZ-TUDO!! FAZ TUDO!!!
de Filipe La Féria

Que este espectáculo tenha resistido à canícula é sinal (e bom sinal) de qualquer coisa. Que espera o leitor para ir ver o que se passa na Casa da Comédia?

VASCO SANTANA
(Entrecampos
T. 768609)
QUANDO A BANDA TOCA
de Luíza Maria Martins

Quando a banda tocar vai ser uma alegria. Se o leitor quiser saber porquê vá até ao Vasco Santana, ali à Feira Popular.

... Entretanto, anunciam-se três estreias: «A Mãe», pelo Teatro Experimental de Cascais, «O Chá dos Generais», pelo Grupo 4 e a revista do Adóque, «O Verão não vai ser o deserto». Cá estaremos para ver e dizer como é (mais ou menos, claro).

A festa que veio do Brasil

«SONHOS DE UM CORAÇÃO BREJEIRO NAUFRAGADO EM ILUSÕES», de Ernesto Albuquerque. Encenação, Cenário e Figurinos: Ilo Krugli. Bonecos: Heloísa de Andrade e Paulo Lotufo. Música: Ronaldo Mota. Director de Produção: Beatriz Veiga. Interpretação: Ilo Krugli, Paulo César Brito, Sónia Piccinin, Ronaldo Mota, Damilton Viana, Teo Silva, Márcia Corrêa, Regina Costa, José António P. Carvalho. Companhia Dramática Brasileira. Teatro São Luís. 7-1979.

Referi-me numa das últimas crónicas ao interesse que a cultura brasileira me merece. Pelo que vi na estreia desta companhia brasileira esse interesse é bastante compartilhado, e ainda bem. Juro que vi no São Luís gente que nunca, mas mesmo nunca, vejo no teatro, restando-me apenas desejar que esse interesse (que certamente não tem nada a ver com as telenovelas) venha a manifestar-se pelo menos por algum teatro português que o merece.

Escreveu o autor da peça apresentada pela Companhia Dramática Brasileira que «se inspirou numa espécie de teatro popular do Nordeste brasileiro: o teatro de mamulengo». Beaurepaire Rohan, citado por Hernilo Bolba Filho, descreve no seu Dicionário do Vocabulário Brasileiro o mamulengo nos seguintes termos: «É uma espécie de divertimento popular, que consiste em representações dramáticas, por meio de bonecos, em um pequeno palco alguma coisa de elevado. Por detrás de uma empanada esconde-se uma ou duas pessoas adestradas e fazem que os bonecos se exibam com movimento e fala. A esses dramas servem ao mesmo tempo de assunto cenas bíblicas e da actualidade» (1).

Diz Hernilo Borba Filho: «Quase não há peça de mamulengo que não tenha um bicho no meio, pois os assuntos são extraídos das histórias do povo. Os mamulengueiros afirmam que «inventam» os enredos, mas o que fazem é recriar casos já conhecidos, inclusive os da literatura de cordel, as próprias figuras, por sua natureza, fazendo que a acção passe a desenvolver-se em função delas. A dança é o ambiente propício para a sucessão das cenas, com as mulheres, os galanteadores e os valentões. Nela entra, é claro, o elemento musical, o que possibilita o canto e o baile... vários mamulengueiros nem sequer se preocupam em «inventar» peças e as suas apresentações são mais espectáculos de variedades, aproximando-se do circo ou mais especialmente do «music-hall», com a sucessão de ginastas, cómicos, dançarinos, de tudo o que tem lugar no teatro dramático porque insubmissos a um actor, agrupando todos os espectáculos que não são do teatro, ali encontrando uma disciplina, modos de viver, sem esquecer, às vezes, inclusive, de incorporar o próprio teatro. Com um pouco de audácia e muito exagero, poder-se-ia dizer que esse tipo de mamulengo possui o verdadeiro espírito do espectáculo, colocando o espectador diante de um mundo de formas».

Como diz o encenador de «Sonhos de um coração brejeiro naufragado em ilusões», «por motivos óbvios este espectáculo não poderia ser um autêntico espectáculo de mamulengo. O director decidiu recriar a peça popular, preservando, na medida do possível, o sabor espontâneo da função artística original. O espectáculo abandonou os limites do tradicional teatro de bonecos e misturou elementos diversos como a música para a dança e a interpretação com e sem bonecos».

Que é então o espectáculo brasileiro? Eu diria que é sobretudo uma festa teatral. Podemos dividi-lo em duas partes: na primeira, que se prolonga em excesso, assistimos como que a uma apresentação do mamulengo como espectáculo, com as suas personagens, a música, a dança. Trata-se mais, como diz o ensaísta citado, de um espectáculo de variedades, em que o «espectador é colocado diante de um mundo de formas». Essas formas são constituídas por um cenário muito simples: panos coloridos dependurados da teia que simulam os teatrinhos de robertos mas que, por vezes, estes utilizam como se fossem baloiços, assim exprimindo a sua alegria; pequenos e belos espaços teatrais onde surgem figuras importantes da peça, como o Diabo; outros panos com que actores limitam um outro espaço cénico no qual decorrem algumas das cenas; os bonecos que são manipulados pelos próprios actores, bonecos de madeira com um largo pescoço desarticulável e olhos que mexem, o que lhes dá uma extraordinária expressividade, e ainda outros bonecos de pano que funcionam como espécies de gigantones. Há ainda músicos em cena (uma bela jovem que tocava vários instrumentos de sopro, além de outros músicos com os mais variados tipos de instrumentos sobretudo de percussão). Os actores cantam e dançam como os actores que se prezam devem saber fazer (que lição para aqueles que têm a

responsabilidade do ensino de teatro em Portugal!).

Uma festa teatral, pois. O espectáculo do mamulengo é normalmente feito ao ar livre, para um público popular que participa na função tal como acontecia antigamente com o nosso teatro tradicional. Representado num teatro à italiana, este espectáculo transferiu esse tipo de comunicação com o público para processos já gastos mas que neste caso funcionaram com grande eficácia (e só não funcionaram melhor por se tratar de um público pretensamente intelectual, sofisticado e obviamente amorfo). Sempre que a acção o justificava os actores desciam à plateia, representavam na plateia, comunicavam com os espectadores (o que se tornou patente numa cena que representou talvez um desvio do espectáculo e em que os actores manifestaram, embora de forma irónica, a sua satisfação por representarem num país livre).

Pela riqueza de movimentos, cantos e danças; pela multiplicidade dos jogos cénicos propostos; pela forma como o jogo é constantemente mostrado, isto é, como os manipuladores assumem o estatuto de actores, de tal maneira que a representação é, por assim dizer, dupla; pelas incursões feitas pelo espectáculo a zonas de crítica por vezes inesperadas; pela simplicidade e pela beleza; pela alegria e pela força comunicativa; pelo tom vicentino que por vezes o marca; pelo sopro de «Morte e Vida Severina» que por vezes o atravessa (facto que a música boarquiana sublinha) — «Sonhos de um Coração Brejeiro Naufragado em Ilusões» é uma daquelas experiências que marcam o espectador e o chamam, por uma vez, para esta realidade comungante que é o teatro (quando é assim). Foi este o 14.º espectáculo que vi em Portugal durante 19 dias. Aí está uma coisa (esta feliz fartura) que nenhum Pinto, por mais pires ou carneiro que seja, nos pode tirar.

Carlos Porto

(1) Hermilo Borba Filho — «Espectáculos Populares do Nordeste» Ed. Buriti.

Festival de Teatro valores e coincidê

Como disse Lukacs «não existe uma contradição quando a estética marxista afirma a existência de vínculos condicionantes entre arte e sociedade, chegando a arte a ultrapassar e anular tais vínculos porque estes não se produzem em relações de causa e efeito e portanto a arte fica relativamente autónoma, o que lhe permite libertar-se».

Esta citação ilustra o ambiente, o valor, as características e o resultado final do Festival de Teatro recentemente realizado pela Associação Internacional de Teatro de Amadores (AITA/IATA), em Blavoevgrad, na Bulgária.

Presidido por Helena Matouskova, da Checoslováquia, Anna Trichkova, da Bulgária e pelo holandês John Ytteborg, o certame teve a colaboração económica do Governo holandês e da República Popular da Bulgária, país que se propôs levar a efeito o Festival cujo interesse se centrou na diversidade de propostas apresentadas. Este acontecimento foi possível graças à participação dos países das quatro regiões que integram a AITA/IATA: EUA, México, e Canadá; Escandinávia, Europa Central e países europeus de expressão latina.

Os espectáculos apresentados foram seleccionados de acordo com as normas habituais das iniciativas da AITA/IATA: um comité de cada uma das quatro regiões referidas elegeu o país representante, tendo em conta que os espectáculos apresentados pelos centros do Leste e do Ocidente obedecessem a um equilíbrio quantitativo. Esse critério não obstou à participação de um maior número de grupos dos países socialistas, dada a sua proximidade da República Popular da Bulgária.

Alguns dos países não tiveram em consideração as dificuldades levantadas pela língua de origem e, assim, trabalhos como a «Antígona» de Jean Anouilh pelo grupo parisiense «Os Sete da Cidade», «Monserat», de Robles, pelo Centro Cultural búlgaro «V. Levski» e a teatralização de «Vitiaz Janoch» do poeta húngaro Petteffi, não puderam ser bem compreendidos pelo conjunto dos espectadores do Festival uma vez que se baseavam exclusivamente no texto, em menosprezo de outros elementos da expressão teatral, como sejam a dança, a música, a mímica, o canto, a cenografia, etc.

Pelo contrário representações de grupos como os da casa da cultura «Napedrak» (Bulgária), da cidade de Vismar «M. Tessen» (RDA) e da cidade de Hanco (Finlândia),

entre outros, mostraram uma compreensão prévia dos problemas levantados pelas barreiras linguísticas e souberam explorar os aspectos cénicos que estão para além dele, razão pela qual se mostraram de mais fácil leitura.

No conjunto das dezenas de espectáculos apresentados sublinhamos a participação dos núcleos dos EUA e da URSS, sob muitos aspectos coincidentes.

Com efeito tanto um como outro e não obstante a diferença temática das representações («O ladrão — marido jovem», de Wellty, actuação da sociedade teatral da cidade de Omaha, Nebraska e as «Aventuras de Scapin» de Molière, pelo teatro nacional amador da cidade de Koursk) revelaram um afastamento dos aspectos sociais imediatos dos respectivos países bem como um inexcedível aperfeiçoamento técnico de todos os elementos, uma grande energia e empenhamento dos actores, um **tónus** de representação duma mesma atmosfera, optimista, criativa, coerente.

Por seu lado a RP da Bulgária surpreendeu-nos com as mais relevantes execuções deste Festival: um teatro por crianças para crianças. O «Estúdio Teatral Ifantil St. Batchvarov» e o «Grupo de Teatro para Crianças

Os segredos da família

«A SECRETA FAMÍLIA» — Texto colectivo. Encenação: Adolfo Gutkin. Interpretação: Manuela de Freitas, José Mário Branco, Jean-Pierre Teilhade, Fernanda Neves, Cucha Carvalheiro, António Branco. Música: José Mário Branco. Grupo Teatro do Mundo. Teatro São Luiz. 7-1979.

Ao princípio era o paraíso. O paraíso era branco e florido como os campos do Senhor. No paraíso havia música e a água era um murmúrio doce. No paraíso, antigamente, Adão e Eva amavam-se sem pecado; Romeu e Julieta tinham meninos; Tristão e Isolda passeavam a cavalo pela planície azul e vermelha, à beira do rio.

Até que os homens descobriram que sob o manto da brancura do dia se ocultava o negrume nocturno; sob a pureza do amor, a maldade do ódio. Foi assim que se descobriu o Génio do Mal, a manipuladora dos pobres fantoches, que, nesta versão, todos somos. Trazia numa mão um espelho e na outra a Morte. Era ao mesmo tempo a imagem da opressão imperialista e Lady Macbeth.

Morreram as flores do paraíso. De sob o manto da brancura que o cobria, surge o trono de formas monstruosas em que tem assento o Génio do Mal, que passa o tempo a rezar as contas de um rosário de diamantes.

O paraíso transformou-se num circo. E os homens, que fazem os homens?

Fantoches da burocracia ou da fé, amam-se a si próprios, escondem os seus vícios atrás de fachadas de hipócrita respeitabilidade.

A cerimónia interrompe-se para o festim que é também uma conversa em família: reunião dos senhores, dos velhos e dos novos senhores.

Até que chega a hora do ouro e da morte. A jovem que morrera e ressuscitara, e outra vez fora morta, e outra, resiste sempre, o seu canto é o canto invencível da liberdade e do amor. Os senhores ficam-se a rir, mas há no seu riso um eco do fim do domínio do mundo.

Este ritual do amor e da crueldade marca a estreia de um novo grupo independente que resultou de uma cisão da Comuna, cisão, aliás, provocada pelo facto de alguns dos elementos que formam o Teatro do Mundo terem sido expulsos do primeiro. Pode dizer-se, contudo, que grupo e espectáculo nasceram há sete anos, quando o encenador argentino Adolfo Gutkin esteve pela primeira vez em Portugal. Gutkin dirigiu, então, o Grupo Cénico da Faculdade de Direito, com o qual encenou duas peças («Volpone» e «Melim 4»), e orientou ainda um curso para actores na Fundação Gulbenkian, isto antes de ser arbitriamente expulso pela PIDE. Por esse curso passaram alguns dos melhores actores do teatro independente. Entre eles, Manuela de Freitas, que viria a fundar com João Mota, Mário Jacques, Glicínia Quartin, Carlos Paulo, Fernanda Alves, Melim Teixeira, Luís Santos, entre outros, o grupo «Os Bonecreiros». Depois da estreia deste grupo registou-se uma cisão (inevitável) que levou Manuela de Freitas, João Mota, Carlos Paulo, Melim Teixeira, Francisco Pestana à organização de um novo grupo: A Comuna. Depois de vários anos de trabalho conjunto, problemas surgidos no seio do grupo levaram, como escrevi acima, à saída forçada de alguns dos seus elementos, como Manuela de Freitas e José Mário Branco, além de outros actores que tinham ingressado na Comuna e que fundaram o Teatro do Mundo. E com este primeiro espectáculo do grupo, Manuela de Freitas reencontra Adolfo Gutkin. «A Secreta Família», tanto quanto me parece, nasceu de preocupações comuns tanto sob o ponto de vista ideológico como estético.

Preocupações que a meu ver estão atrasadas alguns anos: tanto a proposta ritualista feita pelo espectáculo como a ambiguidade da visão do mundo que nos apresenta, e as contradições que esses termos implicam no que se refere a um projecto de desmontagem das relações sociais e políticas dos homens, têm a ver com o teatro que Adolfo Gutkin se propunha fazer quando cá esteve pela primeira vez, e com o teatro que a Comuna veio a fazer antes do 25 de Abril, aliás com maior qualidade. Dir-se-ia que Gutkin pretendeu, com este espectáculo, fazer esquecer os anos que passou em Cuba (como se entretanto nada se tivesse passado no mundo e em especial em Portugal) e que Manuela de Freitas não consegue superar uma visão demasiado unilateral do espectáculo teatral.

Além disso, o espectáculo parece ter sido concebido e estruturado de maneira a que cada actor tivesse o seu número (com Manuela de Freitas a empunhar a batuta), números, de resto, sinalizados de forma já muito vista e por isso pouco eficiente.

Cada personagem que constitui «A Secreta Família» surge vista através dos complexos e das frustrações que a sua conduta social oculta. O burocrata masturba-se perante uma série de fotografias mais ou menos pornográficas, antes de ir para o emprego, muito manga de alpacas e óculos (neste espectáculo, os óculos

o na Bulgária: ências

Maria Emília Correia

Yuri Gagarine», ambos da cidade de Varna, apresentaram respectivamente «A Ilha dos Canibais», de V. Tzonev, numa encenação de Rayko e Danail Kaykovi, e «A Chavezinha de Ouro» de Tolstoi, dirigida por Katia Papazova, espectáculos inteiramente assentes na capacidade inventiva e improvisadora das crianças, tecnicamente preparadas ao nível mais avançado que já conhecemos, o desenvolvimento da imaginação num jogo dramático decorrente da auto-expressão através da palavra, do canto, do ritmo, da música, da dança; um trabalho pedagógico da maior importância no seio da efectividade búlgara. (1).

Outro trabalho a assinalar será o escocês: o grupo de teatro de amadores «Highland» representa «15 minutos Hamlet», de Tom Stoppard, um autor subversivo se tivermos em conta o grande teatro inglês, brilhante como é conhecido mas quase sempre excessivamente palavroso, enfatuado. Eis-nos um Hamlet-mulher-de-óculos, interferências e rodagem de actores/personagens, truques hipnóticos, «folk-songs» (electrónica), pernas engessadas, o circo, o disco riscado.

Também a Checoslováquia sorri com Shakespeare, numa vibrante encenação da peça «Tudo está bem quando acaba bem».

Josef Bedarik, responsável pelo Teatro Z da Casa do Povo da União da Juventude Socialista Selénica, escreve: «Com a ajuda de Shakespeare optámos por criticar e escarnecer do que nos perturba neste século.»

Num saldo desigual, este encontro, em que estiveram presentes grupos de onze países diferentes e delegados de mais treze, foi uma oportunidade única de contacto, de aprendizagem, inspiração e impulso para todos os seus participantes.

Na sala N. Vaptzarov, em Blavoevgrad, o teatro e os cidadãos, a arte e a sociedade: uma relação de identificação, de negação ou outra, mas sempre essa interdependência e complementaridade que define a carga histórica presente, uma espécie de «hibernação do homem contra o tempo».

NOTA

(1) — Desde 1977 que nos estabelecimentos escolares da Bulgária se começou a aplicar um novo programa educacional, de acordo com os últimos êxitos da pedagogia pré-escolar, da psicologia, e da fisiologia das crianças. Os objectivos fundamentais deste programa são o desenvolvimento harmonioso e multilateral das crianças e a sua aprendizagem do relacionamento correcto com o meio ambiente, das noções elementares de matemática, educação física e musical, da construção e da actividade da arte aplicada.

---

são um suspeito sinal de opressão!); o «quadro», com a sua pasta à James Bond, revela as suas tendências homossexuais; a senhora professora, de véu pela cabeça e livro debaixo do braço, citando as datas sagradas da pátria, faz o seu número de «strip-tease»; o senhor muito importante, intelectual que cita Corneille (o intérprete francês obriga), revela a sua paixão incestuosa pelo ouro (citação de uma cena idêntica, mas melhor em «Volpone»); a própria personagem que manipula estes fantoches exibe o seu número de Lady Macbeth. Quer dizer: os elementos que constituem os dominadores do mundo não passam, afinal, de uns pobres recalcados e de uns pobres complexados!

Por sua vez, a jovem que representa o povo, que aqueles pretendem destruir, resiste sempre, mas resiste por uma espécie de milagre, resiste como uma espécie de ritual. A personagem desempenhada por Manuela de Freitas, mestre de cerimónias a que chamei o Génio do Mal, surge como contraponto a esta jovem, símbolo popular, mas também sem que o espectador se perceba dos meandros em que se move, sem que possa reconhecer nela qualquer espécie de realidade histórica.

Este espectáculo teria sido interessante antes do 25 de Abril. Parece-me, agora, requentado. Há nele, no entanto, alguns momentos muito belos que vale a pena registar: a canção «Caminhos das Flores», cantada muito bem por Fernanda Neves, cena que bem merece o qualificativo de maravilhosa; uma outra cena em que Jean-Pierre Teilhade e Fernanda Neves imitam uma cavalgada; e cenas de «cabaret».

Algumas relacionações que permitem uma articulação correcta entre vários sinais: caso de surgimento de Lady Macbeth com a cena em que Manuela de Freitas pretende assassinar a jovem com um punhal bem shakesperiano; caso do facto da jovem amorosa do início, desempenhada pela mesma intérprete que, na segunda parte, simboliza a força popular, e que é, ao mesmo tempo, o «cão amestrado» do circo.

Estes elementos, porém, não bastam para absolver «A Secreta Família» do confusionismo e do passadismo que o marcam.

Carlos Porto

Sociedade

JOSÉ GARCÊS
33 anos de viagem pela BD portuguesa

Carlos Pessoa

Em Outubro José Garcês completa 33 anos de «peregrinação» por quase todas as publicações de BD editadas em Portugal.

Foi num desses momento que o conheci. Em 1959, a BD portuguesa chegava a todas as escolas do país, pela mão das publicações juvenis da Mocidade Portuguesa: assim se propagandeava a ideologia oficial e se dava trabalho a alguns criadores de histórias aos quadradinhos.

Em Janeiro desse ano, foi a vez da história do Anão Três Pelinhos conhecer a luz do dia, nas páginas do Camarada. José Garcês entrava na «minha história»...

Ouvir o autor de «Rumo ao Oriente» em 1979 pode servir para evocar a situação da BD e dos que a faziam naqueles anos difíceis do salazarismo. Para comparar com o que se passou depois de Abril neste domínio. Os entusiastas de Garcês poderão ainda considerar esta entrevista como (modesta) consagração de uma obra já considerável: estão no seu direito.

Em qualquer dos casos, é o espelho de uma época «dourada» da BD portuguesa.

«Quando comecei a desenhar, pensava que a BD poderia ser uma grande parte da minha vida, uma profissão», confessa José Garcês.

Mas não aconteceu nada disso. Teve que arranjar emprego («criar raízes») encontrar um equilíbrio entre o funcionário e o criador de histórias aos quadradinhos.

«Criei uma vida dupla que me custou muito. Os serões e as férias eram para trabalhar. Hoje, que me encontro numa posição profissional mais folgada ainda estou mais condicionado e limitado que antigamente.»

José Garcês esteve muito tempo afastado da BD, trabalhou para o ensino, ilustrou capas e livros. Contudo, houve um tempo em que a situação era diferente. Durante muitos anos, colaborou nas diversas publicações que, sobretudo a nível oficial, se foram publicando. Mas o começo foi no «Mosquito» de Cardoso Lopes. Era o ano de 1946.

«Ainda conservo os originais desta primeira aventura que publiquei. Chamava-se «O Inferno Verde» e tinha uma visível influência do Hoggarth, que na altura desenhava o Tarzan».

UMA «PEREGRINAÇÃO» EXEMPLAR

Seguem-se a espaços regulares outras publicações. Primeira fase do «Camarada» (1948-49), «Cavaleiro Andante», «Zorro», «Foguetão». Simultaneamente, edita no suplemento Joaninha da revista «Modas e Bordados» uma adaptação de Eurico o Presbítero de Alexandre Herculano. **«Foi um grande exercício de desenho, onde aprofundei a técnica do preto e branco. Durou um ano e o texto não sofreu corte, pois não tive qualquer limitação de tempo e espaço. Hoje, tenho pena de não poder fazer com cor e balões o que na altura fiz na BD «muda».**

Foi uma excelente experiência.»

A «peregrinação» de Garcês não parou. Volta a colaborar na 2.ª fase do «Camarada» (1957-58-59) passando pelo «Falcão» (formato grande) o «Papagaio» e «Mosquito» (2.ª fase).

«Ao todo, foram mais de vintes hornais» declara José Garcês.

Os anos sessenta vêm encontrar o autor afastado da criação de BD. Orienta o «Pim Pam Pum», suplemento do «Século» e participa no movimento renovador da revista «Jacto», no começo dos anos 70.

«Nessa altura, não tive oportunidade de fazer BD, mas abrimos as páginas da revista a um jovem autor português — Vítor Mesquita».

Publicou ainda trabalhos no Girassol, Fagulha e Pisca-Pisca, e finalmente na Revista do Fungagá, a coroar mais de 30 anos de actividade.

«Foi a última experiência. Só ão cheguei à «Visão», porque não houve tempo.»

A BD TEM PRESTADO BONS SERVIÇOS

Surgiu o 25 de Abril, e algo mudou neste país. A BD portuguesa levou um grande impulso que não se traduziu ainda em movimentos duradouros e de fundo. Como vê José Garcês o **antes** e o **depois**?

«Houve uma abertura depois do 25 de Abril. Estive no estrangeiro e as pessoas perguntavam o que era feito da BD em Portugal. E nós estávamos congelados...

De uma forma ou de outra, foi-se acompanhando o que se fazia no exterior, sofrendo mais influências do que criando com originalidade e sentido da nossa realidade. Mas há um balanço positivo a extrair.

«Os últimos três ou quatro anos exprimem uma arrancada cujos resultados estão à vista. O caminho para os novos está mais facilitado do que esteve para nós. Por outro lado, a BD tem prestado bons serviços, divulgando a literatura, por exemplo, e levado os valores da nossa cultura literária ao conhecimento de camadas que não teriam chegado facilmente a ela.»

Os exemplos não faltam. José Ruy, Fernando Bento, Eduardo Teixeira Coelho adaptaram Herculano, Eça e outros. E fizeram incursões (discutíveis, na maioria dos casos) no domínio da História de Portugal.

«Só a BD pode fazer uma reconstituição da nossa História com grande economia de meios. Gostaria de fazê-lo, vendo-a agora com outros olhos e com uma atitude diferente.

A BD, OS AUTORES E O ESTADO NOVO

«Houve um período em que não podíamos fazer o que queríamos. Os mais antigos foram abandonando e eu acabei por sair da BD para a ilustração canalizando a minha experiência para trabalhos marginais à Banda — capas, cromos, etc.»

As limitações de ordem política, e ideológica marcaram todo o trabalho criador durante anos. E revestiram formas particulares no domínio da BD, porque muitas das publicações existentes eram apoiadas (ou mesmo fundadas) pela Mocidade Portuguesa. Foi assim como «o Camarada» e a «o Fagulha», por exemplo, que chegavam a todas as escolas do País.

«A colaboração dos autores de BD nas publicações oficiais não implicava que houvesse compromissos ideológicos argumenta José Garcês. Ao trabalharmos para jornais 'oficiais' não liamos necessariamente a cartilha do Estado Novo.

Mas era necessário sermos realistas: os desenhadores portugueses não tinham onde publicar os seus trabalhos e aquelas eram as únicas publicações onde não havia problemas financeiros para nós. Além disso, preferiam os trabalhos dos nossos desenhadores...»

Não era fácil a decisão: ou se colaborava no que existia — e durante longos períodos não havia nada — ou não se desenhava:

«É claro que tivémos problemas internos graves e isso dever ser dito. Cortaram-me desenhos — não histórias completas — o que constituia uma forma de censura.»

Contudo, o enquadramento oficial para muitos autores de BD constituiu o único quadro regular de trabalho durante anos.

«Nunca me impuseram espartilhos e pude desenvolver um estilo em termos gráficos» conclui José Garcês.

Em 1979, não é mais fácil a carreira do desenhador de histórias aos quadradinhos. Mas projectos não faltam.

Estou muito ocupado com 'encomendas' de carácter pedagógico, para que sou solicitado permanentemente. Entretanto, preparo a ilustração de Lendas de Herculano. Tive um convite do Dinis Machado para colaborar no «Spirou» e tenho em estado adiantado de planificação e elaboração de uma obra de Henrique Galvão Vago. O meu problema é o tempo.»

Contos populares

Bater na mulher com ou sem razão

Era uma vez um homem, que vivia muito bem com a sua mulher. Nunca tinham um ralho, não havia a mínima questão. O que um queria, queria o outro; enfim eram muito felizes. Mas um dia encontrou ele um amigo, que lhe perguntou:
— Tu não bates na tua mulher?
— Eu não. Nem tenho razão nenhuma para lhe bater.
— És parvo. Às mulheres bate-se sempre, com razão ou sem ela.
O homem, com medo de que o chamassem tolo, foi para casa e começou de bater na mulher, sem quê nem para quê. E a casa, que dantes era um paraíso, tornou-se um verdadeiro inferno! A mulher adivinhava-lhe as vontades, fazia-lhe tudo que podia imaginar para o satisfazer e ele — zás! pancadaria brava.
A pobre mulher já só pensava em morrer sem ver outro remédio à sua desgraça, até que se cansou de ter paciência, e disse com Deus e consigo:
— Espera, que eu te arranjo.
Comprou uma lebre, esfolou-a, e à noite, quando o homem veio para lhe bater, disse-lhe:
— Tu não sabes uma cousa, homem?! Aconteceu um caso que me tem dado que cismar.
— Então que foi?
— O nosso galo apanhou uma lebre.
— Isso não pode ser!
— Pode, pode! E a prova é estar aqui a lebre já esfolada e amanhã levar-ta para o almoço.
O homem, de contente que ficou com a novidade, já passou aquela noite sem lhe bater. De manhã levantou-se muito cedo e foi para o campo ver uns trabalhadores que trazia numa propriedade, e a primeira cousa que fez foi dizer-lhes:
— Eh, rapazes! Trabalhem bastante, que hoje temos lebre para o almoço.
Ficaram todos muito contestes, dando vivas ao patrão e trabalharam com alma para merecer o bom guisado. À hora do almoço chegou a mulher com um grande cabaz, coberto com a toalha branca de neve. Trazia muito boa comida, mas da lebre nada, nem cousa que se parecesse!

Vai ele:
— Ó mulher, que fizeste tu à lebre?

— Qual lebre? Eu não sei nada; pois tu compraste alguma?

— Ora essa! Então, tu não me disseste ontem à noite que o nosso galo tinha apanhado uma lebre?
— Ó homem de Deus, tu estás doido! Pois isso pode ser? Um galo apanhar uma lebre!
E fugiu a chorar, que o seu homem estava doido, que tinha a mania de dizer que o galo apanhara uma lebre.
As vizinhas ficaram prevenidas para acudirem, se ele lhe quisesse bater, porque decerto estava doido o pobre homem.
Ela fechou-se em casa, comeu a lebre, e guardou a pele.
À noite vem o homem para casa a berrar, e queria bater na mulher, mas a vizinhança acudiu, e todos começaram a dizer que ele estava doido e que havia de ir à Igreja confessar que a mulher tinha razão.
O homem, meio convencido, disse que sim, que ia — e nessa noite não bateu na mulher.
Quando a viu a dormir, levantou-se muito devagarinho e revolveu a casa toda, a procurar a pele da lebre.
Tanto fez, que deu com ela, meteu-a no bolso da jaqueta que devia levar à missa, foi-se deitar muito disfarçado ao pé da mulher, e adormeceu. Ela, que tinha visto tudo, levantou-se por sua vez, tirou-lhe a pele do bolso, queimou-a, e meteu-lhe lá duas estrigas de linho.
Ao outro dia foram ambos para a missa, e no fim o homem levantou-se no meio do povo e disse:
— Ora, os senhores afirmam que eu estou doido e que minha mulher nunca lá teve a lebre. Pois eu vou provar o contrário e que nós, os homens, somos mais finos que elas, não nos deixamos enganar e devemos bater nas nossas mulheres, com razão e sem ela.
E metendo a mão ao bolso da jaqueta, puxou pelo embrulho que lá tinha metido, dizendo:

— Cá está a pele da lebre!
Tudo desatou à gargalhada por ver as duas estrigas em lugar da tal pele. Então é que ele ficou envergonhado, confessou que a mulher tinha razão, e jurou diante de toda a gente da freguesia viver como tinha vivido antes de o amigo lhe dizer que devia bater na mulher, com razão ou sem ela.

(Trás-os-Montes)

FESTIVAL DA HOLANDA

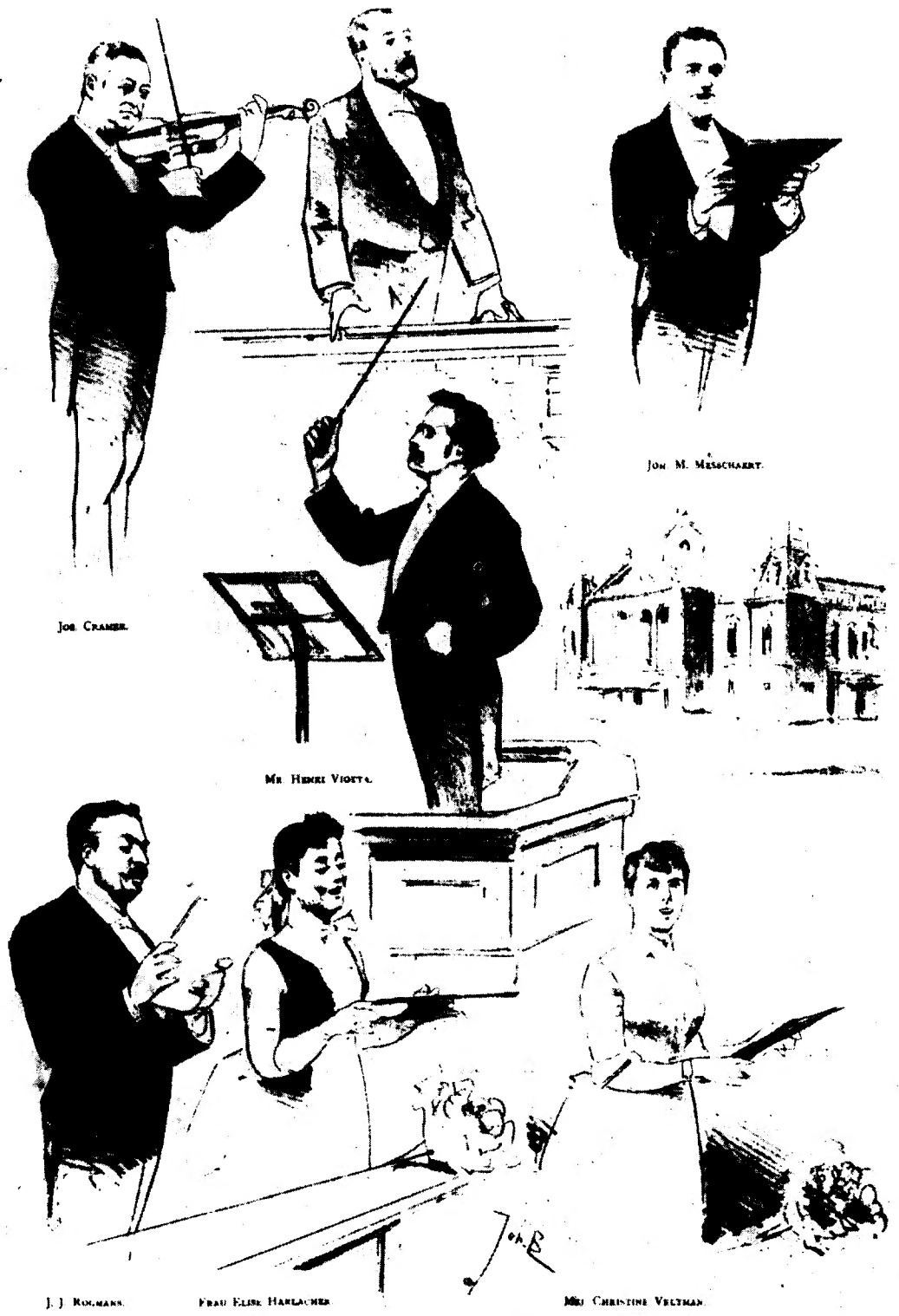
Continuação da pág. 1

passávamos ao discurso das grandes formas, das palavras a jorros, da expressão apaixonada e tensa pródiga de imagens e de sensações, e desta à célula originária, ao princípio de que ambas derivavam, isto é, à aliança entre a concisão das ideias e o estilo do romantismo tardio, entre a **economia** e a **riqueza** de que falava Schoenberg. Era um percurso estético que compreendia, não secundariamente, a própria natureza da escrita para orquestra: desde a rarefacção instrumental ou exploração levada ao extremo dos caracteres individuais mais específicos, passando pelo sentido da diferenciação de grupos, contingentados ora mais em função do espírito da música de câmara ora do grande fresco sinfónico, até ao pleno **éclat** da grande orquestra brahmsiana, também fonte comum (uma das fontes comuns) desses desenvolvimentos. Quer dizer: de Webern (**Cinco Peças op. 10,** de 1911-13) chegávamos a Mahler (**Adagio da Décima Sinfonia,** incompleta, de 1911) e de Mahler a Brahms (**Quarta Sinfonia,** de 1885)
Esta subida, rio acima, em busca da nascente, sugeria-a claramente a ordem do programa e sugeriu-a depois o próprio Giulino, ganhando para o seu projecto estético a orquestra, da primeira à última estante. Sugeriu-a, inclusive, pela forma como transformou num «resumo» admirável a Quarta de Brahms, compreendida assim em todo o seu potencial de modernidade.

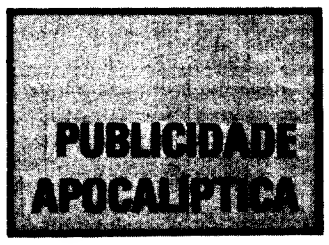
A GRANDE TRADIÇÃO DO CONCERTGEBOUW

Mas se tais resultados foram conseguidos, não esqueçamos que ficam a dever-se ao instrumento magnífico à disposição do maestro: a Orquestra do Concertgebouw, sem dúvida uma das melhores do mundo, quase centenária. Remonta, na verdade, a 1883 o nascimento da sociedade de subscritores ou assinantes (chamada «Concertgebouw Gezelschap») que deu origem ao desenvolvimento qualitativo de uma nova orquestra estável, com temporadas regulares de concertos, que sucedia a uma antiga «Orquestra do Parque» dirigida até então por Willem Stumpff. A sala de concertos que passou a ser a sede da Orquestra com capacidade talvez para quatro ou mesmo cinco mil pessoas e que tomou o nome de Concertgebouw foi inaugurada em 11 de Abril de 1888, encontrando-se ainda hoje perfeitamente conservada. O histórico concerto de abertura compreendeu a «Entrada dos Convidados» do **Tanhauser** de Wagner, a «Aleluia» do **Messias** de Haendel, a «Abertura», «Ária» e «Gavotte» da **Suite em ré** de Bach, o «Outono» das **Estações** de Haydn e, preenchendo toda a segunda parte, a **Nona Sinfonia** de Beethoven. A direcção coube então a Henri Viotta (1848-1933), chefe de orquestra holandês que aliava ao seu entusiasmo por Wagner, cuja obra conhecia profundamente, o interesse pela revivescência da tradição mais antiga (a ele se deve, por exemplo, a «ressureição» de Sweelinck, músico holandês de importância cimeira na música holandesa dos séculos XVI-XVII). Mas foi sob a direcção de Willem Mengelberg (1871-1951) que, a partir de 1898, a Orquestra do Concertgebouw, já então financiada também pelo Estado e pelo Governo provincial (em mais larga medida do que pelos assinantes privados), se transformou numa instituição internacional, assumindo um papel de primeiro plano na vida

cultural europeia. Entre as suas realizações, que fizeram história, conta-se o Festival Mahler de 1920, a **Paixão Segundo S. Mateus** de Bach, e numerosas audições, entre outras, de Grieg, Brahms, Strauss, Rachmaninoff, Debussy, Ravel, Respighi, Reger, Elgar, Kodály, Stravinsky, Schoenberg e Webern. O maestro-titular da Orquestra é actualmente Bernard Haitink, responsável por gravações «de antologia» nomeadamente de Mahler e Bruckner.
Foi esta prestigiosa tradição de qualidade (de responsabilidade da qualidade, que transforma as vagas desta orquestra em lugares cobiçados pelos melhores instrumentistas de todo o mundo) que se manifestou ao longo do concerto Webern/ Mahler/ Brahms, que Carlo Maria Giulini dirigiu tão brilhantemente: decerto um dos melhores momentos clássicos do Festival da Holanda deste ano, e sem dúvida também, um dos momentos de mais intensa vivência artística que, em concerto, me têm sido proporcionados.



Em cima: Carlo Maria Giulini. Em baixo: Imagem do concerto inaugural da sala do Concertyebouw de Amsterdam (1888).



Continuação da pág. 1

O cubo (?) médio entre um recém-nascido e uma pessoa adulta é de cerca de 5 centímetros cúbicos. Deste modo, podemos concluir que a massa dos que penam no Inferno constitui um sólido esférico com 705 540 metros de raio. Ora, o raio da Terra é de 6 366 200 metros...
Se recuarmos até às origens do homem (80 000 anos, segundo certos naturalistas alemães), o número das almas perdidas formaria um cubo três vezes maior que o da Terra.
Muito bem: como é que se podem reunir, no juízo final, os 34 326 414 260 biliões de ressuscitados numa superfície de 60 milhões de metros quadrados? E como é que se poderá fazer passar esta massa de almas perdidas, através de rochas de toda a espécie, a uma profundidade de 5 660 660 metros?».

Sociedade

Liberdade da linguagem linguagem da liberdade

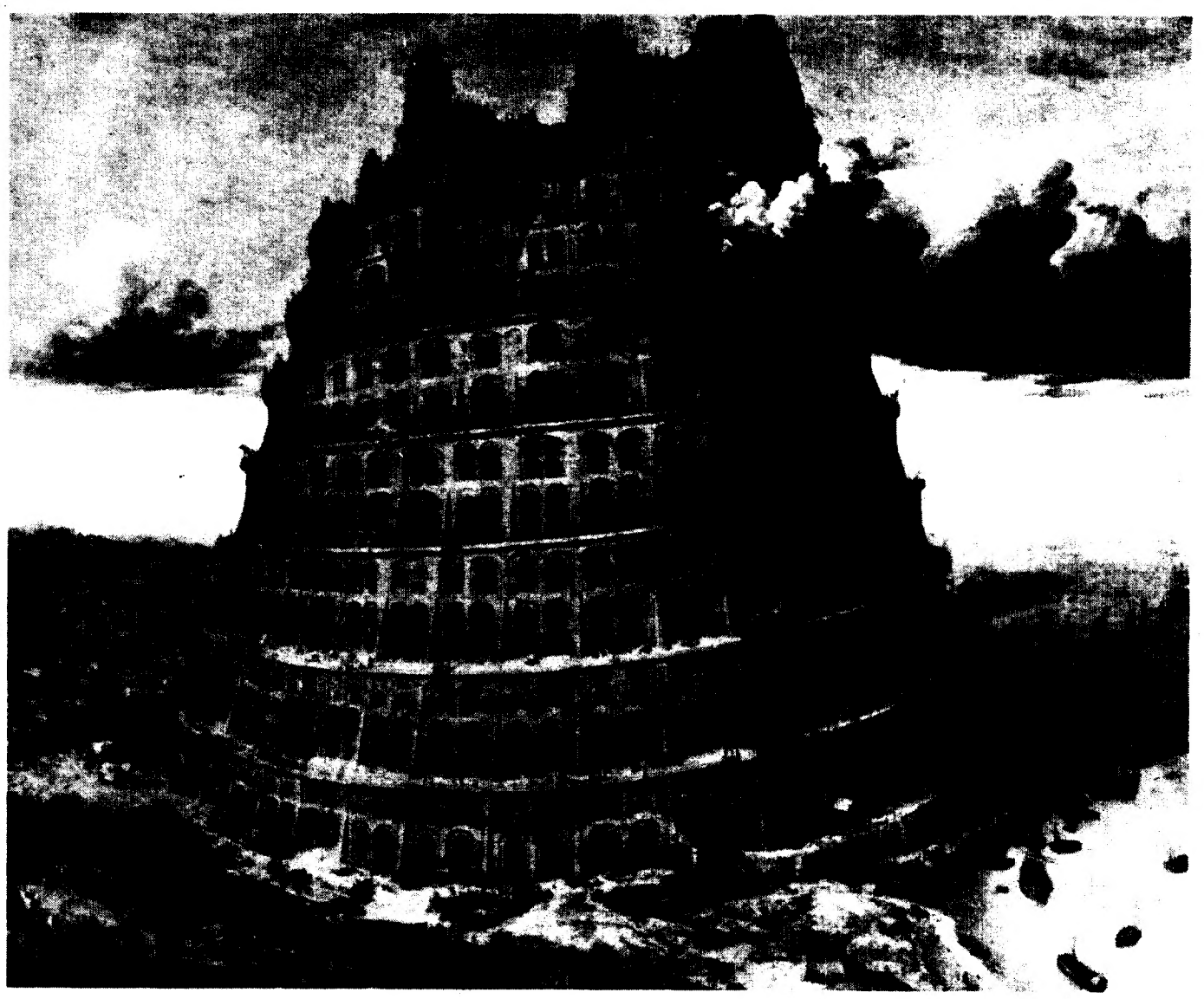
ERNESTO SAMPAIO

Platão, no **Crátilo,** e Leibniz, nos seus **Novos Ensaios,** tal como o fazem hoje alguns historiadores ou etnólogos que estudam as línguas antigas e os dialectos primitivos, abordaram os problemas relacionados com os atributos precisos dos sons que constituem as palavras (segundo Platão, a consoante «L» é uma vibração contínua e delicada que tende a exprimir o curso plácido das coisas — os lagos, por exemplo, ou o fluir das águas).

Concorrem nas palavras certas funções análogas às estruturas das coisas que elas exprimem — e esse fenómeno, que é evidente para os esquizofrénicos e para os poetas, permanece em total ocultação para os filólogos, os quais partem do princípio de que, nas diversas línguas, a escolha dos sosns que compõem as palavras é absolutamente arbitrária, não passando a linguagem de um conjunto de «sinais» convencionais (aliás, há qualquer coisa com os filólogos que não é muito normal, porquanto ao esforçarem-se, através de hercúleos trabalhos etimológicos, por encontrar a origem histórica de cada palavra em todas as línguas, parecem apostados em destruir um axioma por eles proclamado como fundamental — numa demonstração viva de que o espírito de sistema pode ser uma das formas do delírio persecutório).

Como as moedas, as palavras possuem duas faces: são ao mesmo tempo sinal e significado. E daqui deriva a ideia de uma língua primordial, de que as línguas mais recentes seriam tributárias. A estrutura de uma língua realizaria, no seu conjunto coerente, um aspecto particular de uma totalidade, ela própria evoluindo com o curso da história, como se de um edifício inacabado se tratasse — uma Torre de Babel. E a diferença entre as duas faces da palavra, entre sinal e significado, é um elemento capital desta «confusão». Para eliminá-la, seria preciso saber em que é que as duas faces se completam.

O que é válido para as palavras, é válido para todos os objectos, mas para esta fenomenologia já a lógica tradicional aristotélica é curta, ultrapassada que foi, no seu próprio terreno, pelo desenvolvimento das ciências exactas (o princípio de identidade, fundamento da lógica aristotélica, é por exemplo incompatível com a física não-newtoniana). Na verdade, só a dialéctica, com o princípio de transcendência exprimindo as relações das partes ao seu todo, parece em condições de fornecer a chave para a compreensão «lógica» dos modernos pontos de vista científicos.



A Torre de Babel, segundo Bruegel

Quando falamos em dialéctica, pensamos naquela terceira lógica que constituiria a síntese das lógicas objectiva e subjectiva, isto é, falamos em Hegel e voltamos à linguagem. Com efeito, a terminologia hegeliana não corresponde ao uso corrente (segundo a lógica tradicional, não é «exacta», o que levou alguns a «traduzi-la» e a aumentar, por consequência, as dúvidas e incertezas do texto original).

No entanto, sendo a lógica subjectiva a antítese literal da lógica objectiva, ambas são análogas e podem reconstruir-se uma pela outra — tal como nas palavras e nos objectos o sinal convencional e o significado interior. Aqui chegados, estamos aptos a compreender este primeiro princípio da lógica dialéctica: se uma coisa possui um certo grupo de atributos, possuirá também o grupo dos atributos contrários. Toda a dialéctica é a demonstração da lei da equivalência.

A poesia, que exprime a natureza dupla das coisas, nasce da descoberta de que a realidade está inteiramente construída sobre o princípio de equivalência, permitindo não só a síntese, como ainda a análise aprofundada dos elementos da realidade.

Esta análise liberta a linguagem do mundo dos sinais, torna-a mais «pura», mas também mais dúplice, decomposta não já em sinais mas em símbolos. Depois de ter sido um conjunto de sinais, a linguagem aparece verdadeiramente como um conjunto de símbolos (intermutáveis e equivalentes, na relação que mantêm entre si e com a realidade).

Por isso, dizer que «a noite é também um sol» (Nietzsche) é como dizer que «maior que Deus é a ausência de Deus» (Bataille). O nosso mundo é uma hipótese de trabalho, embora cheio de palavras mortas e dissecadas.

Os diversos grupos humanos entendem-se, em cada caso, através de uma linguagem particular. Há um falatório específico das reuniões da alta sociedade, outro dos conclaves pequeno-burgueses, outro para os ladrões, para os médicos, etc. A utilidade de todas estas linguagens é indiscutível e está diretamente relacionada com a subsistência dos grupos enquanto associações com os interesses e características bem determinados. Na verdade, a compreensão dos ladrões entre si, por exemplo, depende em absoluto da organização racional da justiça e das palavras que a exprimem, e o mesmo se pode dizer de outras linguagens convencionais, onde ninguém põe absolutamente nada de pessoal (é o caso dos códigos verbais que permitem e exaltam a existência do amor mercenário, base da organização da família).

Mas a linguagem pode ser também lugar de privilégio moral, quando é boa condutora do sortilégio da comunicação humana, prenhe da vibração imperceptível capaz de reanimar até as palavras mais esgotadas por uma utilização usurária, no entanto capazes de resplandecer sempre que alguém saiba descobrir nelas o sofrimento e a paixão de que foram investidas ao longo da história por tantas gerações.

Não é isso, na verdade, o que verdadeiramente nos interessa, nem tão-pouco a organização de substâncias, às vezes com um certo interesse decorativo (como o arrumo dos «bibelots» e ornamentos nas mansões airadas), promovidas pelos chamados «escritores» para tornar mais curtas as aborrecidas veladas convencionais da boa sociedade.

O que realmente nos interessa, apesar de perdida toda a inocência quanto aos prestígios dos poemas (onde quase sempre as palavras, no fim de contas, não se confrontam com outra entidade senão com elas próprias), é a ideia de Novalis segundo a qual o universo inteiro seria uma escrita cifrada.

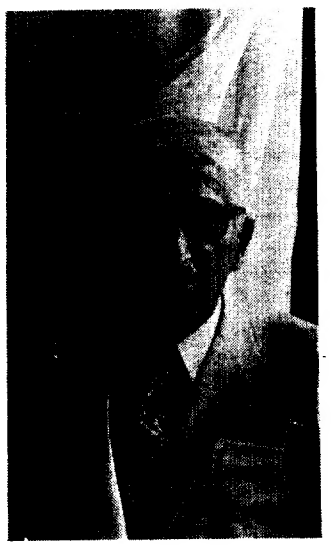
Curiosamente, a psicanálise partiu de um princípio semelhante. Para Freud, só através da linguagem se pode explorar o inconsciente (mediante a temática que ela forma e também por efeito de alguns dos seus aspectos «patológicos»). Dito de outro modo: a linguagem pode evocar uma espécie de além dela própria, uma como que imanência ou transcendência do seu conteúdo imediato, e também pode revelar as estruturas que a formaram na sua singularidade, como se houvesse uma coincidência entre o simbolismo inconsciente e a vida própria das palavras.

O sujeito afásico, a quem falta o uso de certos termos, perde ao mesmo tempo as representações correspondentes, e isso significa que se a linguagem é expressão da vida social, é também sua condição. A linguagem é o fundamento essencial das actividades técnicas e sociais, ocupando nas sociedades humanas o mesmo lugar que o comportamento hereditário (de que o homem é desprovido) ocupa nas sociedades animais, e isso faz com que o problema cultural da origem da linguagem se confunda com o das origens da Humanidade.

Mas a função da linguagem é a própria função do possível. Censurado, o possível torna-se remorso e recriminação, e é preciso **fazê-lo calar** a todo o custo. Os medrosos domadores da linguagem (a gentalha do berro peremptório, da palavra que manda e nunca duvida) privam-se da percepção das coisas ao mesmo tempo que vão excluindo palavras. O que eles querem, bem no-lo deixam entender: não seria desejável que a linguagem — salvas, bem entendido, as aparências — se transformasse no contrário da imaginação?

Sociedade

ENTREVISTA COM GEORGE HENRI RIVIERE



A música popular nos nossos dias está eivada de um carácter mágico

Manuel Cadafaz de Matos

Deslocou-se recentemente ao nosso país o etnólogo e museólogo de renome mundial George Henri Rivière, de nacionalidade francesa. Conselheiro permanente da Unesco, este nosso convidado que esteve em Portugal a convite da Gulbenkian, é apesar dos seus oitenta anos um homem bastante activo. Dirigindo, presentemente, a criação de vários museus franceses, entre os quais o do Desporto, foi ainda há pouco tempo convidado para dirigir os trabalhos de instalação do Museu de Ar Livre das Escolas Superiores de Escultura, em França.

Considerado o grande impulsionador do conceito evolutivo de museu, Rivière continua viajando um pouco por todo o mundo, onde entidades das mais variadas se socorrem dos seus ensinamentos e da sua técnica (inovadora). É assim que, após ter estado entre nós no ano passado a estudar os condicionalismos de um parque natural na serra da Estrela, este ano visitou a Arrábida e, escusado será dizer, as suas impressões sobre essa área foram excelentes. Do antigo convento dos Franciscanos, aí existente, ele mesmo irá procurar fomentar a criação de um ecomuseu.

E se não bastasse ao seu já largo «curriculum» ter sido um dos fundadores do «Musée de l'Homme» de Paris ou responsável, entre nós, pela montagem do Museu Gulbenkian, este cientista terminou há cerca de dois meses uma das realizações que mais profundamente o satisfizeram, o Museu Regional da Camarga, situado no parque natural que existe na região francesa com esse nome.

Do que foi dito, escusado se tornará referir que George Henri Rivière é um dos mais vanguardistas museólogos de todo o mundo.

Aproveitando a sua mais recente estada em Portugal, não quisémos deixar de marcar com ele uma conversa que, à partida, se nos afigurava como algo que permitisse demarcar as várias facetas da personalidade de tão ilustre figura.

Foi assim que, ao longo de cerca de três horas de amena cavaqueira, abordámos diversos campos que vão da música à etnografia ou da museologia à própria antropologia.

INICIALMENTE UM MÚSICO QUE SE TORNARIA MUSEÓLOGO

— De começo você foi músico e etnólogo, ao que sei.

— Inicialmente, fui de facto músico. Mas um músico que, por circunstâncias várias, chegou à condição de museólogo. Especializei-me quando ajudei a criar o «Musée de l'Homme» e depois quando me ocupei do Museu de Arte Popular que também montei em Paris, sendo ambos já hoje grandes organizações científicas e culturais. No momento em que se desenvolvia a sociedade industrial em França, nos anos cinquenta, fui com alguns amigos recolher amostras da cultura tradicional de França. Não só objectos de arte, mas todos os instrumentos de expressão da vida quotidiana, como por exemplo instrumentos de trabalho. Tive então ensejo de conhecer mais profundamente a agricultura, os alimentos, a pesca, isto é, tudo aquilo que, historicamente, está por detrás de todos esses fenómenos sociais.

— Como é que aconteceu a criação do «Musée de l'Homme»?

— Ele foi formado, por mim de parceria com Rivet, sobretudo porque havia um grande interesse pela etnografia. Havia um museu que se chamava o Museu Etnográfico do Trocadero (zona de Paris), que tinha sido criado quando da exposição universal de 1878. Era um museu muito interessante, mas muito velho, num palácio adaptado ao efeito. Há alguns anos, Rivet havia participado ardorosamente na Frente Popular e ao mesmo tempo havia sido nomeado director desse Museu do Trocadero enquanto era professor de Antropologia. Então precisou de alguém que o ajudasse a dar um significado novo a esse museu, tornando-o um grande museu popular. Escolheu-me, embora eu na altura não tivesse ainda grande preparação. Nesse momento deixei o mundo da música para me transformar num museólogo. E foi assim que criámos um grande edifício popular e fizemos pesquisas sobre as grandes civilizações arcaicas.

— Tenho conhecimento de contacto directo (por aliás já lá ter cursado essa disciplina que o «Musée de l'Homme» tem manifestado, desde longa data, um grande interesse pela musocologia popular.

— Quando estive no «Musée de l'Homme» criei departamentos da Ásia, da África, da América, etc., pensando que se tornava extremamente necessário criar também um departamento de música, isto é, de etnomusicologia. Eu conhecia então um especialista que havia sido historiógrafo de Stravinsky e ele ajudou-me a criar esse departamento musical. Foi nessa altura que tivemos oportunidade de salvar um cientista alemão perseguido por Hitler e que veio para Paris continuar a organizar esse departamento musical. Todas as quintas-feiras à tarde, ainda recordo, fazíamos uma sessão de música gravada.

A TRADIÇÃO DA ETNOMUSICOLOGIA EM FRANÇA

—Em França, desde longa data, tem-se vindo a verificar uma afincada tradição em recolhas de etnomusicologia, feitas aliás na maior parte do mundo. Lembro-me, por exemplo, da colecção «Ocora», da O.R.T.F..

— Sim, sei que a O.R.T.F. e a sua colecção OCORA, por todas as gravações que fez no mundo inteiro, possui uma colecção considerável, um verdadeiro tesouro que se pode explorar ainda mais. É pena que se destrua pelo uso. Nós, no «Musée de l' Homme», temos uma boa colecção paralela, muito bem cuidada, colecção essa que ultimamente tem progredido ainda mais. Temos uma aparelhagem de vanguarda com equipamento de «video» que permite, melhor ainda do que (apenas) a gravação, captar em imagens a expressão do músico durante a sua execução. E não nos preocuparmos só com a recolha de música mas também com a formação de etnomusicólogos.

— Embora em Portugal ainda não esteja desenvolvida a ciência da etnomusicologia, muito menos incrementada a formação de etnomusicólogos que sugere para os interessados portugueses que, porventura, queiram cursar essa matéria em Paris?

— Se os estudantes universitários portugueses, por exemplo, desejarem cursar etnomusicologia em França deverão, evidentemente, tentá-lo em Paris. Se o Estado português ou o Estado francês, ou mesmo a própria Unesco, der os meios, eles terão lá o melhor acolhimento possível.

— Há, ainda hoje, no «Musée de l»Homme» cursos permanentes de etnomusicologia?

— Sim, há duas equipas integradas que dão cursos permanentes de etnomusicologia e estágios no quadro do departamento de musicologia daquele museu.

— Numa sociedade como a francesa, a criação de um museu interessado na etnografia e na antropologia cultural é uma obra difícil? Como reagem as pessoas perante importantes criações como o «Musée de l'Homme?

— Não fui o único criador desse museu, fui talvez, antes de mais, um trabalhador interessado, ou, se preferirem, um colaborador. E quando criei o Museu Popular pensei que ainda ia ser melhor. Que deveria reunir toda a arte popular francesa, que é de uma riqueza, em todos os seus aspectos, economia, cultura, e não só belos fatos nem coisas bonitas.

— Infelizmente alguns dos nossos museus portugueses enfermam desse vício ou dessa deficiência, de patentearem (apenas) coisas bonitas.

— De facto vi aqui em Portugal um museu de folclore de que não gostei nada. Eu tive em França muita dificuldade em fundar aquele museu, porque à altura as pessoas não compreendiam o porquê daquela realização. Pensavam que era só recolher fatos bonitos e coisas bonitas.

Fui amigo de Lévi-Strauss e, como ele, penso que é preciso mostrar a sociedade em toda a sua amplitude e não só os aspectos convencionais de folclore. Aliás também conheço muito bem Lévi-Brhul.

— Quer-nos falar um pouco de Lévi-Bruhl?

— É um homem de carácter. E um génio com a qualidade de ser um homem que vai aos locais, um homem que estudou o terreno dos outros.

Teve a ideia de popularizar a etnologia e de reunir o ensino, a investigação e ao mesmo tempo a popularização dessa ciência numa mesma instituição. Estou muito satisfeito por ele me ter arrancado à música, embora tenha saudades.

— E de Levi-Strauss, qual é o conceito que tem dele?

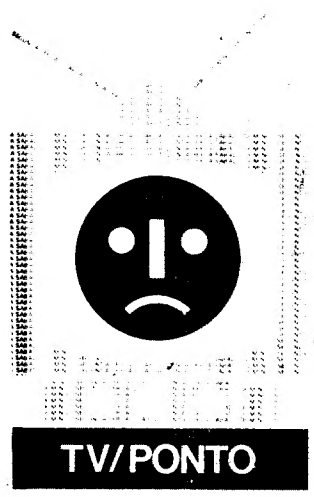
— Esse é sobretudo um homem de empreendimentos sociais. De carácter elevado. Faz coisas extraordinárias. Quando escreve sobre literatura ou música, faz sempre obras extraordinárias. Inspirou-me confiança no meu desenvolvimento científico. Quando concebi o Museu de Arte Popular ele ajudou-me imenso. Procurou, como eu, uma orientação mais profunda do que observar (ou investigar os tais fatos bonitos, empenhado em mostrar a sociedade a um nível profundamente cultural, técnico e prático, as instituições e as obras, as danças, os costumes, os fatos, a música, os jogos, não só os instrumentos mas a própria música como é feita (num plano cultural), integrada na vida agrícola e em todos os fenómenos da vida social.

— Há alguns autores, ligados sobretudo ao domínio da antropologia, que aludem a um determinado carácter mágico da própria etnomúsica...

— A música, com efeito, vai muito além do divertimento. Realmente também concordo que a música é uma coisa mágica na sociedade, uma coisa muito séria.

Lévis-Strauss ajudou-me a compreender isso.

Não só teoricamente mas com objectos e aprendendo a manejá-los, para criar uma nova museologia, mais profunda, que não nos mostre somente objectos (bonitos) mas nos mostre que tais objectos desempenham um papel na tradução de situações e na transformação da própria sociedade.



TV/PONTO

RTP 1

AMANHÃ

13.15 — Abertura e SUMÁRIO; 16.20 — EUROVISÃO — Transmissão directa da Taça da Europa de Atletismo; 19.30 — PALAVRAS E MÚSICA (3.º episódio); 20.25: MANUEL e BEATRIZ; 20.30 — país, país — magazine; 21.00: — JORNAL RTP/1; com BOLETIM METEOROLÓGICO; 21.30 — REPORTAGEM DO EXTERIOR; 22.30 — ALAMEDAS DA NOITE — «O TIGRE DOS MARES». Intérpretes: Edward Robinson, Richard Arlen, Zita Johann, Carrol Naish. Realizador: Howard Hughes. A vida dos pescadores no mar e em terra. Uma figura se destaca, a de um português, um velho lobo do mar. Notavelmente interpretada pelo grande actor Edward Robinson; 24.00 — VOLTA A PORTUGAL EM BICILETA; 0.20 — 24 HORAS; 0.25 — Fecho.

DOMINGO

13.30 — Abertura e EUCARISTIA DOMINICAL; 14.30— A VIDA NO SILÊNCIO; 14.50 — SUMÁRIO; 14.55 — TV RURAL; 15.15 — IMAGENS DA SOLIDARIEDADE — 3.º Programa; 15.55 — ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA; 16.30 — EUROVISÃO. Transmissão directa da Taça da Europa de Atletismo; 19.30 — A ABELHA MAIA (34.º episódio); 20.00— ENCICLOPÉDIA DE ESPECTÁCULO; 20.25 — MANUEL e BEATRIZ; 20.30 — JORNAL RTP/1 com Boletim Meteorológico; 21.15 — 4300 MINUTOS; 21.45 — AO PIANO... RUI GUEDES; 22.15 — O MAYOR DE CASTERBRIDGE (6.º episódio); 23.00 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA; 23.20 — 24 HORAS; 23.25 — Fecho.

SEGUNDA-FEIRA

18.30 — Abertura e RISCOS DE HISTÓRIA; 19.00 — PAÍS, PAÍS; 19.30 — FADO VADIO (4.º programa); 20.00 — JORNAL RTP/1; 20.30 — MANUEL e BEATRIZ; 20.35 — GENTE CRESCIDA; 21.30 — BOLETIM METEOROLÓGICO; 21.35 — OS BASTIDORES DE WASHINGTON (6.º episódio). A campanha contra os jornalistas e opositores está no auge. Monckon ordena que se faça a vigilância a indivíduos ou instituições, mesmo recorrendo a meios ilegais. Uma inquirição ao financeiro Benet Lowan é abafada e Bill Martin é identificado como a origem das informações que levaram à sua incriminação. Intérpretes: Cliff Robertson, Stefanie Powers. Realizador: Garry Nelson; 22.30 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA; 22.45 — 24 HORAS; 23.00 — Fecho.

TERÇA-FEIRA

18.30 — Abertura e REI ARTUR; 19.00 — PAÍS, PAÍS; 19.30 — MÚSICA, MAESTRO. (3.º programa) com Fernando Tordo; 20.30 — MANUEL e BEATRIZ; 20.35 — DOCUMENTÁRIO «ERA UMA VEZ... AMANHÃ»; 20.50 — BOLETIM METEOROLÓGICO; 20.55 — A COMÉDIA E A VIDA. «O ÍDOLO DO PÚBLICO».

A luta entre grupos rivais.

A ascensão de James J. Corbett no mundo do boxe, até se tornar campeão mundial, dois anos mais tarde. Produção: Robert Buckner. Realização: Raoul Walsh. Intérpretes: Errol Flynn, Alexis Smith, entre outros; 23.30 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA; 22.45 — 24 HORAS; 23.00 — Fecho.

QUARTA-FEIRA

18.30 — Abertura e CHAPÉU DE COCO E NARIGUDO; 19.00 — PAÍS, PAÍS; 19.30 — JORNAL RTP/1; 20.00 — MANUEL e BEATRIZ; 20.05 — EUROVISÃO. Jogos sem Fronteiras.

Nova jornada dos Jogos sem Fronteiras, desta vez em Bonn (Alemanha). Portugal estará representado, por uma equipa proveniente do Funchal; 21.30 — BOLETIM METEOROLÓGICO; 31.35 — SERPICO. O episódio de hoje, intitula-se «COUNTRY BOY». Ao ir na pista de Elrod Davis, Frank Serpico acaba por obter a sua confiança, ao ponto de Davis o convidar para seu sócio num assalto ao banco. Realização: Reza Badiyi. Produção: Don Fugalls; 22.30 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA; 22.45 — 24 HORAS; 23.00 — Fecho.

QUINTA-FEIRA

18.30 — Abertura e CLUBE DO RATO MICKEY; 19.00 — PAÍS, PAÍS; 19.30 — A FALAR É QUE A GENTE SE ENTENDE. Comentários sobre língua portuguesa, pelo dr. Aldónio Gomes. Produtor: Maria de Lourdes Carvalho; 20.00 — JORNAL RTP/1; 20.30 — MANUEL e BEATRIZ; 20.35 — O FILHO DO CZAR — Opereta em 3 actos de Franz Lehar. 22.30 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA; 22.45 — 24 HORAS; 23.00 — Fecho.

RTP 2

AMANHÃ

20.30 — Abertura; 20.32 — No RASTO DE... (12.º episódio); 21.00 — ÉCRAN MÁGICO (Concurso) 9.ª Sessão; 23.00 — Fecho.

DOMINGO

20.30 — Abertura; 20.32 — O HOMEM ARANHA (6.º episódio); 21.00 — DIA A DIA (4.º programa); 21.30 — A PAR E PASSO; 23.00 — JORNAIS E JORNALISTAS; 23.15 — Fecho.

SEGUNDA-FEIRA

20.30 — Abertura; 20.32 — D. BÁRBARA (19.º episódio). D. Bárbara prepara uma emboscada a Santos Luzardo, mandando avisá-lo que alguém lhe irá revelar quem matou Carmelito e o irmão. Pajarote quer acompanhar Santos, mas este em dado momento prefere ir só. D. Bárbara manda Melquíades ao encontro de Luzardo. Melquídes à traição apanha a pistola e...; 21.30 — INFORMAÇÃO/2; 20.00 — «O REI ESTÁ A MORRER». Noite de teatro. Realizador: Oliveira Costa. Produtor: Figueiredo de Barros. Intérpretes: José de Castro, António Montez, José Amaro, Glória de Matos, Henriqueta Maya, Cremilda Gil; 23.00 — Fecho.

TERÇA-FEIRA

20.00 — Abertura; 20.32 — D. BÁRBARA (20.º episódio). A vida de Lorenzo Barquero vai-se apagando a pouco e pouco. Em La Chusmita, Lorenzo espera a morte que ele durante tantas horas procurou como um alívio para o seu sofrimento; 21.30 — INFORMAÇÃO/2; 22.00 — INFORMAÇÃO ESPECIAL. «MESA-REDONDA» com a presença do Dr. Freitas do Amaral; 23.00 — Fecho.

QUARTA-FEIRA

20.30 — Abertura; 20.32 — D. BÁRBARA (21.º episódio); 21.30 — INFORMAÇÃO/2; 22.00 — MESA REDONDA. Sobre a situação actual dos estabelecimentos prisionais em Portugal. Moderadores: Mega Ferreira e Fátima Martins Pereira; 23.00 — Fecho.

QUINTA-FEIRA

20.30 — Abertura; 20.32 — D. BÁRBARA (22.º episódio); 21.30 — INFORMAÇÃO/2; 22.00 — ROSSO VENEZIANO. 5.º e último episódio. O tio Marco volta a Venez após 20 anos de ausência, e resolve comprar a velha casa dos Protibon. Entretanto, dá-se a declaração de guerra, por parte da Itália, ao lado da Alemanha e os rapazes são todos mobilizados. Rugero morre nos primeiros combates, na frente, e Masssinio Fassol morre também num desastre de avião. Intérpretes: Elizabeta Pozzi, Gastone Moschin. Realizador: Marco Leto; 23.00 — Fecho.